

L I N G U I S T I C A  
NOTAS  
SOBRE A  
L I N G U A P O R T U G U E Z A  
PELO

Bacharel Julio Pires Ferreira

---

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

COMPLETAMENTE REFORMADA E MUITO MELHORADA



R E C I F E  
TYP. E. P. BOULITREAU  
—  
1894



PROLOGO  
DA  
PRIMEIRA EDIÇÃO

Nomeado para reger interinamente a cadeira de Lingua Nacional do Gymnasio Pernambucano, era propicia a occasião para publicar algumas notas que colligimos sobre a sciencia da linguagem e especialmente sobre a Lingua Portugueza.

Não é, pois, nosso intuito appresentar novidades sobre tam importante assumpto.

O que vai explanar se à vista do leitor é uma limitadissima campina serpeada e como que guarnevida e protegida por vigorosos e possantes rios, as locubrações de eminentes escriptores que, como Max-Muller, Jacolliot, Whitney, Diez, Schleicher, Bopp, Hovelacque, Benfey, Leoni, Adolpho Coelho, Julio Ribeiro etc., teem dedicado as suas maiores energias ao estudo d'esta sciencia.

São simples notas mais ou menos desenvolvidas conforme o merecimento e importancia do assumpto, notas que fomos obrigado a tomar, desde que nos dedicamos á vida penosissima do magisterio.

Os que se dedicam, pois, ao estudo da Lingua Portugueza quasi nada encontrarão aqui que lhes prenda por um momento a attenção, mas aquelles que não dispõem de tempo ou de meios para folhear e consultar os philologos e linguistas modernos, lendo estas notas, por certo ficarão conhecendo mais alguma cousa do que lhes ensinam as grammaticas praticas.

Felizmente, o estudo que agora inicia-se sobre Portuguez é muito differente do que o que outr'ora fazia-se.

Ja hoje ha, quem rompendo com as velharias, ouse,  
de uma cadeira, discutir a theoria de Rènan que diz que  
a linguagem é um organismo.

Sim; é preciso ensinar ao alumnos de Portuguez  
mais do que é praxe no ensino official e do que se exige  
para o tam decantado *exame no fim do anno*.

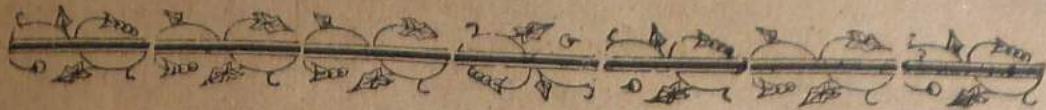
O estudo da origem da linguagem e das linguas, seu  
desenvolvimento, progresso e futura morte são idéas  
que devem ir dando luz nos cerebros dos estudantes.

Não é necessario, porém, tratar das questões tran-  
scendentaes sobre a linguagem.

Assim como ensinamos aos discipulos o que é raiz  
sem que vâmos buscar a origem d'ella e suas transforma-  
ções até a forma actual; assim como, muitas vezes somos  
obrigado, para maior comprehensão a confundir na pra-  
tica as noções de raiz e radical, digamos tambem ao estu-  
dante que Schleicher considera a linguagem como um  
ser dotado de vida propria, sujeito ás leis que regem  
todos os corpos, sem que precisemos aprofundar, por  
exemplo, a questão sobre a lingua-origem ou lingua-  
mãe.

Portanto, publicando estas notas, procuramos resu-  
mir ligeiramente o que ha de mais importante no estudo  
de Portuguez, detendo-nos, porém, ante a materia de  
que especialmente se preoccupa a Grammatica practica.

Junho 1893.



## PROLOGO

DA

### SEGUNDA EDIÇÃO

A pratica encarregou-se de mostrar-nos um caminho mais amplo para a confecção do presente livro.

Os aplausos unanimes da imprensa pernambucana e da de alguns outros Estados, sem falarmos nas congratulações das mais altas intelligencias do nosso paiz natal, animaram-nos a emprehender um mais desenvolvido trabalho.

Eis o motivo do apparecimento d'esta nova edição que nos parece poder servir para o estudante de qualquer curso de Portuguez.

Moldada assim a presente obra, não avivamos mais os traços sobre a origem da linguagem, sobre a primitiva lingua indo europea e outras questões congeneres.

Sahiria dos limites de um obra completamente didactica, que, nas condições precarias do nosso ensino offical, não comporta certos estudos philosophicos.

Que a mesma aura bonança que impellira o nosso fragil batel, esteja sempre de monção, a nos incitar a novos emprehendimentos.

Setembro 1894.

JULIO PIRES.





## LECÇÃO PRIMEIRA

A SCIENCIA DA LINGUAGEM.—CLASSIFICAÇÃO DAS LINGUAS

### I

As investigações com um certo methodo que sobre a sciencia da linguagem se teem feito, são de data muito recente, pois que ella começou a ser assim considerada e a chamar mais e mais a attenção dos sabios no principio do nosso seculo.

Este facto tem tambem dado logar a que, como poucas sciencias, ella receba tam grande numero de denominações que os que d'ella se occupam ainda não accordaram sobre um nome unico e verdadeiro.

Os nomes recebidos em França, Inglaterra e Alemanha são tam vagos e moveis que idéas as mais confusas sobre o objecto d'esta nova sciencia teem apparecido.

Max-Muller chama-a *Sciencia da Linguagem*; Hovelacque *Linguistica*; Adolpho Coelho *Glottologia* e ainda temos as denominações de *Philologia comparada*, *Ety-mologia Scientifica*, *Phonologia*, *Glossologia*, *Logologia* e *Mythologia*.

Parece extraordinario que tenham dado o nome de *Mythologia* á Sciencia da linguagem. Reproduzimos o que lemos em Th. Braga : (1)

Entre os philologos modernos a noção do Mytho confundio-se muito com a da Linguagem, a dificuldade de os distinguir proveio de que o mytho e a linguagem são

(1) *Curso de Litteratura Portugueza*. Pag. 379 Tom. 1º

actos simultaneos, embora independentes que mutuamente se explicam.

Max-Muller considera o mytho como uma degenerescencia da linguagem.

*Sciencia da linguagem*, nome que foi adoptado por Whitney, é o que está mais fóra de qualquer objecção.

O que parece fóra de duvida é a seguinte distincção :

A *Linguistica* é a sciencia dos factos da linguagem espontanea, popular, em todos os idiomas.

A *Philologia* é a sciencia dos factos litterarios e eruditos.

O vasto campo da *Philologia* é muitas vezes limitado por um adjectivo e assim se diz : *Philologia comparada* que pouco differe da *Linguistica* na phrase de Abel Hovelacque.

Sobre a distincão entre o linguista e o philologo é muito interessante o que diz Schleicher :

O linguista é um naturalista ; estuda as linguas da mesma maneira que o botanico estuda as plantas.

Deve abraçar com um golpe de vista o conjunto dos organismos vegetaes ; procura as leis de sua estrutura, as de seu desenvolvimento, porem, não se preocupa de maneira alguma com o maior ou menor valor das plantas, com o seu uso mais ou menos precioso.

A seus olhos, a primeira vinda das hervas más pode ter tanto apreço como as rosas mais bellas, os lys mais raros.

O papel do philologo é inteiramente differente.

Não é o botanico, é o horticultor com quem deve ser comparado. Elle não emprega sua attenção senão a taes ou quaes especies, que são objecto de um favor particular ; é a belleza da forma o que elle procura, e a coloração, é o perfume.

Uma planta inutil é sem valor a seus olhos.

A *Philologia* é uma sciencia historica e gyra o seu estudo sobre documentos historicos, a *Linguistica* tem por unico estudo o exame da propria lingua.

A primeira occupa-se das transformações e variações historicas das linguas, do desenvolvimento de seu vocabulario.

A segunda occupa-se da manifestação da propria lingua articulada.

Pode-se dizer uma Philologia latina, grega etc. entretanto não se diz uma Linguistica grega, hebraica etc.

Só se concebe uma Linguistica comparada.

A Philologia é particular, especial a um unico idioma.

Rolin definia os philologos aquelles que trabalharam sobre os antigos autores para examina-los, corrigi-los, explica-los, po-los em dia.

Esta definição, diz Hovelacque, conserva ainda hoje todo seu vigor.

A sciencia da linguagem quasi até os fins do seculo passado não era conhecida.

Pode-se julgar com A. Lefévre que as suas primeiras balbuciações datam da Renascença.

Voltaire dizia que a Etymologia era uma sciencia onde as vogaes nada fazem e as consoantes muito pouco.

O fim do ultimo seculo deu muito impulso a esta sciencia, já pelas classificações das linguas feitas na Russia sob o reinado de Catharina por Adelung e Vater, já pelas relações que Halhed, William Jones, Colebrooke e a Sociedade de Calcutta encontraram entre as linguas europeas (1784), já finalmente pela introducção do sanskrito na sciencia da Europa com a Grammatica sanskrita do carmelita allemão Paulino de S. Bartholomeu, publicada em Roma em 1791.

Por esse tempo o Francez Anquetil Duperron com edade de 23 annos sentava praça por dinheiro para ir servir no Oriente, de cobrindo ahi o Zend, e enriquecendo assim a litteratura Européa com o livro do Avesta, que Eugenio Bournous decifrou em breve

Seguiram-se os trabalhos de Hervas e Adelung (1806) e Champollion descobre a lingua do Egypto Antigo.

Em 1808 Schlegel constituiu a familia indo-europea na sua obra, considerada como a descoberta de um novo mundo : *A lingua e a sabedoria dos Indios*, em que reconhece o Sanskrito como irmão collateral do Grego, Latim, Germanico e Slavo.

Apparece então o verdadeiro fundador da Philologia Comparada : Francisco Bopp, chamado por P. Regnaud « o Ptolomeu d'uma sciencia que espera ainda o seu Newton e a descoberta de sua lei de attracção. »

A sua *Grammatica Comparada das Linguis indo-europeas*, a base solida e forte em que repousa todo a edificio da Philologia Comparada, na phrase de Max. Muller, apareceu á luz em 1833; somente, porém, vinte annos depois em 1852 apareceram os tres ultimos volumes, sendo que em 1846 já publicára : *Do systhema da conjugação da lingua sanscrita comparada com o das línguas grega, latina, persa e germanica.*

E Schleicher no seu *Compendium*, Pott, Khun, Diez, Corssen, Grimm, Spiegel, Benfey, Aufrecht, George Curtius, Max-Muller, Leo Meyer, e os Francezes Chaveé, Ad Regnier, Michel Bréal, Abel Hovelacque, Paul Regnaud, e Lefevre, os Ingleses Whitney e Sayce, e Ascoli e Adolpho Coelho, cada um trazendo o seu contingente, mais e mais aformosea o vasto edificio da Philologia Comparada.

Somos hoje obrigado a concordar com um sabio linguista francez : Assim, semelhante á geologia que constitue a successão das formas animadas, a sciencia da linguagem, por meio de excavações delicadas, penetra tam fundo nas idéas e nos costumes de nossos avós, que vai tocar a propria origem da razão da intelligencia.

## II

Um dos resultados advindos do desenvolvimento da sciencia da linguagem foi mostrar a sua historia num desdobrar continuo e regular.

Vieram a principio as línguas monosyllabicas cujo typo é o chinez.

Nestas linguas todos os vocabulos tinham significação propria e não admittiam alterações flexionaes.

Vieram depois as linguas *agglutinantes*, como o *turco*, isto é, algumas palavras que tinham por missão exprimir relações perderam sua significação propria e primitiva e só ficaram existindo para essa missão.

São tambem chamadas linguas *turanianas*.

Quando, porem, as raizes de uma lingua por meio de modificações de sua propria forma, poderam exprimir as relações que tinham com outras raizes, essa lingua entrou no periodo da flexão, como o *sanskrito*.

Esta divisão pode ser resumida nas trez regras seguintes de Max-Muller : « 1.ª as raizes podem ser empregadas como palavras, cada raiz conservando toda a sua dependencia ; 2.ª duas raizes podem juntar-se para formar palavras e assim pôde uma das raizes perder sua independencia ; 3.ª duas raizes podem juntar-se para formar palavras e assim perder ambas sua independencia. » (1)

Este ultimo periodo tende pronunciadamente para a analyse, cujo typo mais proprio é o *inglez*.

As linguas de flexão que representam um periodo de desenvolvimento linguistico posterior e superior ao da aglutinação, dividem-se em linguas *semiticas* e *indo-européas*, ou germanicas ou aryanas.

Rask deu a estas o nome de *japhetica*, substituido por Cuvier pelo de *caucasea*, e por Ewald e Hœchel pelo de *Mediterranea*. (2)

Entre as linguas de flexão e as dos periodos anteriores ao desenvolvimento linguistico, medeia um grupo, o *khamítico*.

Este grupo comprehende um pequeno numero de linguas quasi todas mortas e deu-lhe nome a Biblia que chama aos Egpcios, filhos de Kham.

As raizes semiticas são sempre formadas de tres letras, as mais das vezes consoantes.

As raizes indo germanicas, indo-européas ou arya-

(1) La science du langage Pag. 346.

(2) Th. Braga. A patria portugueza. Pag. 58.

nas são sempre syllabas pronunciaveis em que entram vogaes.

A nomenclatura das linguas ainda está eivada de dous grandes vicios : a impropriedade e a falta de unidade.

Cada grupo de linguas foi buscar sua designação a uma parte diversa ; este ao Genesis, aquelle ás tradições dos Aryas da Bactriana, est'outro á Geographia etc.

Antes de classificarmos as linguas nos seus diversos ramos, vem a propósito citar a bella e justa critica que Hovelacque (1) faz ás denominações dadas ás linguas, como indo-germanicas, indo-européas e aryacas

Diz elle : Temo-nos servido da denominação de indo-européa commun para designar a lingua reconstituida de que sahiram os diferentes idiomas indo-europeus.

Bopp deu ao sanskrito, ás linguas iranianas, ás slavas, ás germanicas, ás celtas, ao grego, ás linguas da Italia, o nome de linguas indo-germanicas.

Esta denominação que ainda hoje prevalece na Alemanha, não resiste a menor critica sob qualquer ponto de vista que seja encarada, e é absolutamente viciosa.

Porque não se diz tambem linguas indo-italicas, indo slavas ?

Alguns autores propuzeram com mais vantagem a denominação de indo-celtas. Fundam-se numa razão geographicá e é por isso aceitável sua opinião.

Porém, si o segundo termo é exacto, o primeiro não o é. A India, com effeito, não é somente ocupada pelos idiomas aliados ao sanskrito ; ella possue igualmente as linguas dravidianas que com as precedentes não tem laço algum de parentesco.

Um nome mais curto, e que parece fazer carreira, foi proposto : o de linguas aryanas.

Mas não está ainda provado que os indianos e turanianos tivessem o nome de Aryas.

Oppert, Chavée e outros denominam a lingua europea commun : Aryaca.

(1) La Linguistique, Pag 267 e seguintes.

O nome de indo-europeu é muito vago e comprehende mais que o definido, sendo que na primeira designação não estão comprehendidas as linguas era-nianas.

Entretanto o nome de indo-germanico está tam usado que não se pode pensar em mudar para outro.

Classifiquemos as linguas.

1.º Monosyllabicas.

2.º Agglutinantes.

3.º De Flexão.

Entre as primeiras contamos :

Chinez, Annamita, Siamez, Birmana, Thibetana.

Entre as segundas :

Africanas, Nubias, Australianas, Oceanicas, Japoneza, Coreana, Americanas, Basca, Dravidianas, Cauca-seas, Hyperboreaes e o ramo Uralo-altaico que se compõe das : Mongolicas, Samoyedas, Finneas e Turcas ou Tartaras.

Entre as terceiras temos : as Khamitas, Semitas e Indo-Européas.

A's Khamitas pertencem :

Egypcio, Ethyope e Lybico.

A's Semitas pertencem :

Arabe, Hebraico, Phenicio e Aramaico a que pren-dem-se o Assyrio, Chaldeu e Syriaco.

A's Indo- Européas pertencem dous ramos principaes :

1.º Ramo Asiatico.

2.º Europeu.

No ramo Asiatico contamos :

1.º Indico ou Indiano : Sanskrito.

2.º Eranico ou Eraniano : Zend, Persa, Armenio, Huzvareche, Parsi, Afghnistan, Belutchistan, Kurdo e alguns dialectos.

Ao ramo Europeu pertencem :

1.º Hellenico : Grego.

2.º Lithuanico : Lithuano e Letta.

3.º Slavo : Russo, Servio, Bulgaro, Ruthenio, Polaco, Sorbio, e Tcheque ou Bohemio.

Max-Muller reune estes dous ramos e chama-os Windico.

Whitney chama-os : Slavo-lettico.

4.º Celtico : Kimrico e Gaelico.

Ao Kimrico pertencem : Cornico, Gaulez, Bretao e lingua do Paiz de Galles.

Ao Gaelico pertencem : Irlandez e Erse.

5.º Italico : Portuguez, Francez (lingua *d'oc* ou provençal e lingua *d'oïl* ou do norte), Italiano, Hespanhol, dos Grisões ou Ladina ou Rumaica, Rumeno ou Valachio (linguas vivas) ; Latim, Oscio, Ombrio (linguas mortas).

6.º Germanico ou Teutonico que comprehende quatro ramos :

a) Gothic.

b) Scandinavo : Islandez, Noruequez, Sueco, Dinamarquez.

c) Baixo Allemão : Saxão o que pertencem o Anglo-Saxão e o Inglez : Frisão a que pertencem o Hollandez e o Flamengo.

d) Alto-Allemão : Allemão.

E' impossivel determinar o numero exacto de linguas conhecidas ; são mais ou menos 900.

Balbi conta 860.





## LECÇÃO SEGUNDA

### ORIGEM DA LINGUA PORTUGUEZA.— O LATIM

A lingua portugueza pertence á classe das línguas indo-européas e ao ramo italico.

A's linguas d'este ramo dá-se o nome de néo-latinas ou romanicas e sobre as populações que as constituem, todos estão de acordo, que resultaram d'uma mixtura intima de elementos mais ou menos heterogeneos, e jamais podem ser comparadas ás raças germanicas, slava etc. (1)

Foi a seguuda guerra punica que trouxe as aguias Romanas ao solo hispano.

Não foi, todavia, a conquista dos iberos empreza facil aos romanos. Dous seculos de guerras quasi continuas coube a estes para reduzir a Hespanha a uma completa subjecção.

Tendo, pois, os Romanos tomado e saqueado diversas cidades, degollado e vendido como escravos muitos dos seus habitantes, notando-se que no curto espaço de um dia Catão o Censorino arrasou os muros de todas as cidades que ficavam no terreno do rio Betis (prova que era grande o atraso dos Hespanhóes e exigwas, mesquinhias e de nenhuma importancia aquellas cidades) era natural que tivessem « romanisado » aquella região, porque os seus habitantes, homens simples, sem uma civi-

(1) Adolpho Coelho. Questões sobre a Lingua Portugueza.

lisação consistente e capaz de lutar com a romana, e por outra parte horrivelmente dizimados pelo ferro dos invasores, por força haviam de perder seus usos e costumes e consequintemente sua lingua, o que logo começou a verificar-se, como expressamente nos informa Strabão, dizendo que os Turdetanos, principalmente os que estacionavam junto ao rio Betis, haviam tomado em tudo os costumes romanos, e que os mais d'elles, « esquecidos de sua lingua vernacula se haviam feito latinos ».

Quando os godos entraram na Hespanha nenhuma diferença havia entre os iberos e romanos; antes adaptados por aquelles, os costumes, a religião e a linguagem destes, foram todos considerados romanos nas leis promulgadas pelos novos invasores para reger a Hespanha visigothica. (2)

Aldrete observa mais, que nas leis visigothicas só se faz menção de « godos e romanos » e nenhuma dos « iberos ou hispanos » o que não aconteceria si estes últimos conservassem alguma diferença dos romanos, notando-se mais que as leis falam dos hebreus, que observando sempre a sua religião e seu modo de viver particular, nunca se confundiram com os Romanos.

Os primeiros habitantes da Hespanha foram, segundo opinião geral, os iberos ou escaldeus de origem misteriosa.

Os segundos não se podem bem determinar, ainda que alguns julguem que foram os Persas.

Apóz, como diz Strabão, vieram os Phenicios.

Depois os Celtas espalharam-se por todo o espaço aquem dos Pyríneos, constituindo não centros que poderiam ter alguma força, porém tribus fraccionadas e numerosas, segundo os habitos da vida barbara.

Entre 700 e 900 antes de Jesus Christo, ocuparam os Gregos grande parte das Hespanhas e mantiveram estreitas relações com a peninsula.

D'ahi vem o alfabeto phenicio comunicado pelos Gregos.

No anno 238 antes de Christo a familia Carthaginæza

(2) Leoni. Genio da Lingua portugueza.

dos Barcas buscou dominar na Hespanha e conseguiu uma certa denominação que teve como extintor a Cneu Scipião e seu filho Publio Scipião, o Africano, que estabeleceu definitivamente a influencia latina sobre a Iberia.

O sistema de colonisação dos Romanos que consistia em fazer assimilar o povo conquistado aos seus próprios actos, a introducção dos *Cives romanus* no povo conquistado, sabendo-se que a lingua é um poderoso veículo, ligeiro e efficaz para colonisação e civilisação após a conquista, tudo isto contribuiu de modo inevitável para a latinisação da peninsula. E, segundo diz Alexandre Herculano na sua *História de Portugal*, Rénan na *Origine du langage*, Littré no seu *Dictionnaire de la langue française*, Fauriel na *Historie de la poésie provençale*, Diez na sua *Grammatik*, notam que os Romanos tinham como barbaros os idiomas que não fossem o latim e encaravam com repugnancia todos os idiomas barbaros, d'onde a palavra *barbarismos*, aplicada aos erros grammaticaes.

Auto Gellio dá o Latim, como a lingua patria de um hespanhol.

A Hespanha foi uma segunda patria da litteratura latina.

Lucano, Marcial, os douos Sénecas, Columello, Percio Latro, e talvez Lilio Italico e Quintiliano, são todos hespanhóes.

Estes e outros factos mostram-nos quanto profundamente se arraigára a civilisação romana na peninsula e em nenhuma outra parte depois da Italia os seus effeiitos foram tam intensos.

A Historia da origem da Lingua Portugueza é como a de muitas outras : amalgama de diversos idiomas, rude em sua infancia, polida e culta e mais engrandecida pelos escriptores, pela philosophia e pela necessidade. (1)

Ou fosse porque a denominação romana por mais tempo se enraizasse ns solo peninsular ou pela doçura

(1) Barata, Estudos da Lingua Portugueza, Pag. 6.

de sua facil pronunciaçao, é certo que a portugueza possue da lingua romana grande numero de termos. No tempo de D. João I grande era o sabor a latim que ella tinha. Eis um exemplo tirado de João Pedro Ribeiro.

« Hœc est notitia de partiçon e de divison que « fazemos entre nós dos erdamentos que foram de nosso « padre. » Dissert. Chronol., e Crit. Doc. LXI no vol  
1º., etc.

E mais o seguinte epitapho que vem em João Franco Barretto :

« Hic jacet Antonius Perez. Vassalus domini Regis,  
« Contra Castellanos misso, Occidit omnes, que quis-  
« so. (1)

E mais o seguinte excerpto dos « Discursos varios politicos de Severim de Farias. »

« O' quam gloriosas memorias publico, considerando quanto vales nobilissima lingoa lusitana, com tua facundia excessivamente nos provocas, excitas e inflamas, quam altas victorias procuras, quam celebres triumphos speras, quam excellentes fabricas fundas, quam perversas furias castigas, quam ferozes insolencias rigorosamente domas, manifestando de prosa, de metro tantas elegancias latinas. »

O mesmo se vê da perfeita confusão entre o Latim e o Portuguez em João de Barros, Alvaro Ferreira de Vera, João Franco Barretto e outros.

Mas, apezar de tudo isto, diz o eminent escriptor Dr. Theophilo Braga, que o dominio romano não exerceu influencia alguma organica no territorio portuguez porque « Roma conquistava com as legiões, mas não povoava, limitando-se a explorar os povos que se submetiam ao seu dominio com uma absorvente administração do seu governo militar. »

Não é possivel, porém, acreditar que a organisação industrial dos romanos deixasse de dar em resultado o estabelecimento de correntes de emigração.

(1) Orthographia da Lingua Portugueza. Pag. 28 Edição 1671.

Mesmo T. Braga num recente livro diz contra a sua primitiva opinião :

Aqui dá-se uma illusão nos historiadores da peninsula que attribuem todas as origens sociaes e litterarias aos Romanos, quando elles pelo seu diminuto numero não exerceram mais do que uma accção moral, sendo a lingua o instrumento de assimilação por onde o conquistador se relacionou com o povo vencido e civilizado. (1)

As tradicções religiosas populares e as origens historicas atestam que Roma, desde as suas primeiras conquistas, povoava sempre por meio da colonisação os paizes que dominava pelas armas. Ferrario atesta que havia na Hespanha cerca de 30 colonias romanas e diz que a palavra *colonia* indica sempre uma emigração *ex-urbe*. O mesmo se infere do que se lê em Gellio, Heinrecio e outros.

Beja, por exemplo, foi *colonia* romana.

Roma, sacudindo da peninsula iberica o dominio carthaginez, deu-lhe organisação regular e consolidou o seu senhorio pela introducção da propria linguagem ; as migrações recresceram a proporção que mais rareavam os indigenas na peleja.

As conquistas por mais sanguinolentas que sejam, permitem sempre o cruzamento, e accresce que Celtas, Celtiberos e Turdetanos identificaram-se com os conquistadores na sua nacionalidade, as raças juxtapozeram-se gradualmente, coabitaram e fundiram-se, o que era tanto mais facil quanto havia certa unidade ethnica entre Celtas e os povos da Italia Central.

Alem d'isto, é preciso notar que a conquista não é somente o unico agente productor de revoluções sociaes bastante profundas para causar uma mudança total da linguagem.

Acham-se em Waitz alguns factos comprobatorios da adopção de uma lingua estrangeira.

Os soldados da Bosnia enviados pelo sultão Selim em 1420 á Baixa Nubia perderam sua lingua materna ;

(1) A patria portugueza. Pag. 68.

os negros da Haiti adoptaram o Francez ; diversas tribus americanas abandonaram seus idiomas proprios pelo Hespanhol e Portuguez ; os indigenas de S. Salvador, Nicaragua, Costa Rica, S. Margarida, Quilmos, Calchaguy e Chiloe adoptaram o Hespanhol, os indios do Brazil o Portuguez. (Latham Humboldt, Bonpland, Von Eschwege. Apud. Sayce. (1)

Finalmente, quando a historia nos não provasse com irrecusaveis documentos haverem os romanos exercido longa dominação na peninsula, attestara-nos seu predominio pacifico e de muitos seculos, o vermos o solo da mesma coberto de monumentos de construcçao romana, ossadas de sepulturas e lapides miliares, templos e theatros derrocados, fontes, aqueductos, thermas, estatuas, fustes e bases de columnas, cippos, inscripções, etc. (2)

Quando os Romanos entraram na peninsula sob o commando de Scipião encontraram ahi, segundo a phrase de Varrão, *cinco povos*.

Estes *cincopovos* com existencia historica são pela sua ordem : iberos, celtiberos, phenicios, gregos e cartaginezes. (3)

Assim, pois, tendo a supremacia a lingua *latina* a que succederam a dos *arabes* e a dos *godos*, formou-se à nossa Lingua Portugueza que, como diz o immortal Camões : « Com pouca corrupção crê que é latina. »

Mas foi só no reinado de D. Diniz que a Lingua Portugueza adquirio os fóros de official, passando a substituir nos documentos publicos o corrompido latim da época, diz-nos Antonio Ennes ; antes disso, porém, já havia sido usada pelos trovadores nacionaes em canções rudes mas graciosas, echos distantes da lyra provençal.

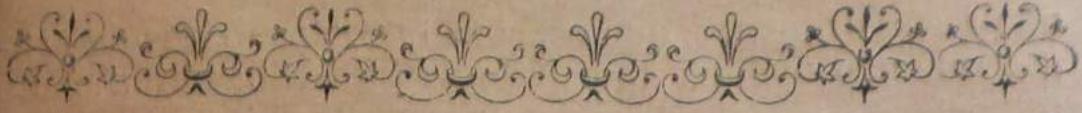
« Uma lingua tam dura como as armas, » na phrase de Felinto Elycio, é, diz Antonio Vieira : rica e bem dotada, como filha primogenita da « latina. »



(1) Principes de Philologie Comparée, pag. 135.

(2) Leoni. Genio da Lingua Portugueza.

(3) Th. Braga. A patria portugueza. Pag. 73.



## LECÇÃO TERCEIRA

### O CELTICISMO

Apezar do grande numero de documentos portuguezes de varios escriptores antigos, em que se sente muito o sabor da Lingua Latina, como podemos ver do epitaphio que vem em João Franco Barretto : *Hic jacet Antonius Peres, Vassalus domini Regis, Contra Castel lanos misso, Occidit omnes que quiso etc*; apesar de todos conhecerem o grande poder das legiões romanas que conquistando a peninsula iberica, introduziram os seus costumes, ritos, e portanto a sua lingua, notando-se que os seus habitantes esquecidos da lingua vernacula haviam se feito latinos, como nos diz Strabão (Vide II); sem embargo de tantas provas pelas quaes vemos que a Lingua Portugueza formou-se da corrupção que na lingua rustica latina produzio a successiva invasão dos suevos e arabes, ha quem opine que do celtico, idioma dos povos da *Spania*, é que proveem não só o Portuguez, como os varios dialectos em que se divide a lingua geral da Hespanha.

Esta idéa é sustentada pelo antigo patriarcha Frei Francisco de S. Luiz, Antonio Ribeiro dos Santos, João Pedro Ribeiro no 4.<sup>º</sup> tomo das *Dissertações Chronológicas* e em França pelo abade Girard na sua obra *Vrais principes de la langue française*, onde diz: Quando se observa a prodigiosa oposição que ha entre os genios das linguas francesa, italiana, quando se attende a que a etymologia prova sómente a adopção das palavras e

não a sua origem, e que estas são acompanhadas de artigos que não podiam tomar do latim, e diametralmente oppostas ás construções transpositivas e ás inflexões dos casos, não se pode dizer que sejam filhas d'elle.

Tambem o Cardeal Saraiva pretendeu provar que a Lingua Portugueza não é filha da latina nem foi esta em tempo algum a lingua vulgar dos lusitanos.

Levantam-se, porém, além do Sr. Alexandre Herculanu (1) o General Leoni, (2) já fallecido, e o grande philologo portuguez Ad Coelho. (3)

Antes, vejamos quem eram os celtas. Os celtas eram os antigos povos que habitavam a Gallia, o norte da Italia, a Gran-Bretanha, a Irlanda e sòmente uma parte da Hespanha.

O celta é uma das linguas indo-germanicas e hoje os dialectos d'ella são apenas: o armoricano ou baixobretão, falado na Bretanha, o kymri, cambrico ou gaulez falado no Paiz de Galles, o galico falado na Escossia, e o irlandez na Irlanda.

Como, pois, concluir a grande influencia que esta lingua teve sobre a nossa?

Quando um sabio como Max-Müller, diz Adolpho Coelho, julga necessario desafrontar a memoria de um philologo do seculo 16.<sup>º</sup> Henri Etienne, mostrando ser falso que este desconhecesse a origem latina do Portuguez, que considerações pode-se ter por homens que em nosso seculo se fazem defensores da celtomania?

Todos os dialectos do Celta são linguas modernas em estructura, construccion e forma grammaticaes e que differem tam profundamente dos idiomas da nações romanicas, que somos levados a acreditar que muito pouco terão de commun.

Como poderiam influir os celtas para a formação de uma lingua qualquer na Hespanha quando elles nesse paiz não contribuiram para formação de centros popu-

(1) Historia de Portugal Primeiro volume.

(2) Obra citada.

(3) Questões da Lingua Portugueza.

losos, e antes eram tribus ou grupos errantes quasi sem civilisação ?

E' verdade que, como diz Abel Hovelacque (1) nas linguas néo-latinas existe um fundo bastante importante de palavras estrangeiras. O Francez, por exemplo, possue certo numero de palavras de origem celtica, como *arpent*, *lieue*, *dune*, *alouette*, mas esse numero está longe de ser tam consideravel como se pode suppôr, e é bom accrescentar que todos estas palavras para tornarem-se francezas tiveram de se latinisar antes, para depois passarem para o Francez.

Mas, como diz o citado autor, admittida a hypothesis de provirem estas palavras do Celta, pode-se concluir que todas as portuguezas derivam-se d'essa lingua ? E mesmo quando assim o fosse, a latinisaçao da palavra passando para Portuguez não é uma prova inconcussa de que a origem essencial é latina ?

Alexandre Herculano diz que o que fez alguns espiritos sonharem com o *celticismo* foi julgarem que os hespanhóes repetiam vulgarmente os periodos eloquentes de Cicero ou o estylo facil e harmonioso de Tito Livio ou então que guardavam as regras severas da Grammatica Latina.

Ao contrario, tinham elles necessidade, pelo desconhecimento dos livros, de empregar frequentemente as preposições para distinguir as desinencias dos casos, de empregar uma ordem natureal e sem inversão na successão das palavras ; alteravam, portanto, a indole da lingua culta e approximavam-se das formas mais simples que tomaram os idiomas modernos do meio dia da Europa.

As transformações de uma lingua qualquer são factos muito naturaes, assinalados em todos os tempos e Duarte Nunes de Leão já dizia :

“ Que assim como em todas as cousas humanas ha continua mudança e alteração, assim é tambem nas linguagens. » (2)

(1) *La Linguistique*.

(2) *Origem da Lingua Portugueza*, Cap. 1.

Não é admirável, como dizem os « celtistas, » que haja dificuldade de qualquer povo poder abandonar a língua vernacular para usar a de seus dominadores. Não, desde que attendermos que o estado de rudeza dos primitivos habitantes da Peninsula era tal no começo das invasões romanas, que qualquer esforço de civilisação abriria brecha naquela massa bruta e informe fazendo-a aceitar leis, costumes e língua.

Dizem mais os « celtistas » que assim como os Tarros invadindo a China e ahi predominando, os Turcos imperando em muitas províncias asiáticas e na Grecia, o jugo Castelhano em Portugal, a Austria dominando porção da Italia, a Gran-Bretanha determinando que nos actos publicos e documentos officiaes se usasse do Inglez na Irlanda, na Escossia- e no Paiz de Galles, não poderam fazer com que a língua chineza fosse substituída totalmente pelo dialecto tartaro; nem que a Grecia, deixasse o seu idioma ; ou que as províncias asiáticas esquecessem os seus antiquissimos dialectos locaes ; nem que, apesar do jugo de 69 annos, pudesse a língua castelhana subjugar a portugueza ; e que finalmente, pudesse a Gran-Bretanha fazer esquecer os antigos dialectos celtas ; nem que o romano, toscano, milanez e veneziano fossem vencidos pela prepotencia austriaca ; da mesma maneira os Romanos não podiam fazer com que os iberos e os povos que habitavam a peninsula ficassem *romanizados*.

Porém, perguntamos, si os Romanos não conseguiram esse ideal, por acaso, os Celtas que habitavam pequena parte da Hespanha, teriam o poder de transformar uma língua, ainda mais quando eram elles povos errantes ?

E não é ponto incontestavel que o imperio romano transformou as leis, costumes, instituições politicas e civis nos paizes conquistados ? Além d'isso, a religião lima.

Era em Latim que se celebravam as solemnidades do culto, era em Latim que os generaes falavam ás

legiões, era em Latim que se litigavam as causas forenses no tribunal.

Para falar com elles, para lhes requerer justiça, para obter remissão do imposto, para orar no templo, para tudo que fossem actos publicos, se tornava sempre o Latim a língua necessaria.

O que prova mais ser a Lingua Portugueza filha da latina é vermos todas as preposições e conjuncções, palavras elementares, provirem immediatamente do Latim.

As particulares são uma especie de palavras, cujo sentido não se alcança senão com o uso e frequencia de falar a língua.

A perda das desinencias distintivas dos casos de que se quer tirar argumento para provar que a Lingua Portugueza não é filha da latina é quasi imperceptivel, de nenhum effeito, de nenhuma importancia, porquanto, á excepção do genitivo e dativo para cuja reparação a mesma lingua prestou seus proprios subsídios, os casos que em Latim são regidos de preposições, como o accusativo e o ablativo, nada sofreram com a referida perda continuando a ser indicados com as preposições como d'antes o eram e até muitas vezes podem deixar de as ter o que acontece especialmente com o ablativo :

PASSADOS ESTES DIAS que Vasco da Gama aqui esteve  
Fernão Lopes. Hist. da India.

E mandou que DESCOBERTO O LADRÃO fosse queimado  
Vieira. Sermões.

Terminamos com Leoni. (1)

« A nossa primitiva organisação social é toda romana, o caracter distintivo e essencial das antigas municipalidades, a magistratura duumviral não se perderam, os bailes nas egrejas tam lastimados por Manoel Bernades (2) os asylos, a reverencia á mesa, o fechar dos olhos

(1) Obra citada.

(2) Nova Floresta T. 2.<sup>o</sup> Pag. 12 e segg.

e a bocca do defunto, o lavar o cadaver, o uso das pran-teadeiras nos vieram das instituições romanas.

As festas do carnaval são as saturnaes de Roma ; muitas superstícões, como os dias aziagos, os espectros nocturnos, os lemures, os philacterios, (1) as figas penduradas pelas mães ao pescoço das créanças para livra-las de quebranto, tudo nos veio dos Romanos. »

Assim, pois, é filha do Latim a Lingua Portugueza, a que no dizer de Francisco Rodrigues Lobo tem de todas o melhor : a pronunciaçāo da latina, a origem da grega, a brandura da franceza, a elegancia da italiana e finalmente tem mais adagios e sentenças que todas as vulgares. Bem exclama o auctor do *Hyssope* :

« Como si a bella, fertil lingua nossa,  
« Primogenita filha da latina,  
« Precisasse de extranhos atavios. »



(1) *Idem, idem, pag. 378,*

## LECÇÃO QUARTA

### LIGEIRA NOTICIA DA FORMAÇÃO DO LEXICO PORTUGUEZ

*Lexico* ou vulgarmente diccionario, é o conjunto de todos os vocabulos de que se compõe uma lingua.

A Lingua Portugueza originou-se, como está hoje claramente provado, da Lingua Latina e são quasi todos os seus termos latinos.

Salvo pequenas excepções, relativamente ás formas e talvez aos typos syntaticos, são de filiação latina os demais vocabulos, devendo-se sómente notar que entraram tambem para o dominio de nossa lingua, depois d'ella constituida no seculo XIII, palavras francezas, italianas, allemães, gregas, inglezas etc., sendo que antes de sua constituição adquerimos muitos termos do arabe e do germanico, por causa de dominação d'estes povos na peninsula hispanica.

Suscintamente daremos algumas palavras cuja origem pertence a estas linguas. (1)

Assim temos palavras originadas de linguas faladas na peninsula antes do Latim e que se podem considerar hispanicas : *briza* (brisa), *cervesia* (cerveja), *gordus* (gordo), *canthus* (canto), *cuniculus* (coelho), etc., que se acham em Portuguez.

De elementos phenicios parece só nos ter ficado a palavra *barca*.

De elementos gregos podemos afirmar que em

(1) Ad. Coelho. Glottologia. Pag. 154 e segg. Secção 3.<sup>a</sup>

geral nos vieram por intermedio do Latim, ou que vieram posteriormente durante o dominio romano: *anco* (canto), *bolsa* (pelle preparada), *ermo*, *sumo*, *tio*, *taleiga* (saco), *calma*, *chata*, *cara*, *cararella* (especie de navio).

Algumas palavras da mesma especie nos vieram passando por outras linguas romanicas: *colla*, *golpho*, *pagem*.

Outras por intermedio do arabe: *alcaparra*, *quitate*.

De origem euskara enumeramos: *aba*, *charco*, *esquierdo*, *mandrião*.

Das linguas celtas cuja analyse é muito obscura temos: *Alpes*, *dolmen*, *druida*, *bardo*, *fenian*, *bojo*, *bico*.

Depois do dominio romano temos os mais importantes elementos que concorrem para a formação do nosso lexico.

D'entre elles destacam-se como principaes: os elementos germanicos e arabes.

A. Coelho dá-nos uma lista dos primeiros em numero de 288, exceptuadas as palavras da introducção moderna.

Entre ellas citaremos: *albergue*, *bahú*, *brasa*, *canivete*, *doudo*, *droga*, *escravo*, *estr bo*, *fita*, *forro*, *ganso*, *garfo*, *gaz*, *jardim*, *loja*, *malandro*, *marechal*, *nuca*, *piloto*, *rato*, *rima*, *sala*, *vaga*, e muitos outros, termos nauticos e de posições geographicas, como: *bote*, *bordo*, *canda*, *sul*, *leste*, *oeste*, *norte*.

De introducção moderna temos: *bismuth*, *caparozza*, *quartz*, *valsa*, *zinc*.

A lingua arabica muito enriqueceu o nosso lexico, mórmente em termos referentes á vida physica, aos usos domesticos, ás instituições civis, politicas e militares, á technologia de construcção, etc.

Temos a notar, porém, que são raros os adjectivos arabes, que nenhum verbo é derivado d'esta lingua e que o artigo arabe *al* acha-se prefixado a grande numero de palavras. Contamos uma lista de mais de 300, entre as quaes *acepipe*, *alambique*, *alcatifa*, *almocreve*, *alvifulano*, *jarra*, *oralá*, *tarrafa*, *xadrez*, *zagal*.

A respeito da palavra *Alfarrabio*, diz o escriptor brazileiro Beaurepaire Rohan, que ella deriva-se de *Alfarrabius*, philosopho arabe, autor de muitas obras instructivas e entre elles de uma encyclopedias que todos consultavam, até que obras mais modernas a vieram derrocar.

Sobre a palavra arabe *assucar* notamos que ella trazia da India o nome de *sarkhara*, no Latim *saccharum*, d'onde formamos a palavra *saccarina*.

*Algarismo* é vocabulo originado do nome de um mathematico oriental *al-khowarezmi* ou *Abu-Djafar Mahommed Ibn Musā*.

Temos em terceiro logar palavras derivadas de origens diversas, d'entre as quaes destacamos as de origem hespanhola.

Poucos são esses termos, isso devido ao facto de os terem o Portuguez e o Hespanhol um vocabulario muito commum entre si.

Podemos contar, porém : *bolero*, *espadilha*, *eldourado*, *fandango*, *mantilha*, *seguidilha*, *zarzuela*.

Dos elementos franceses que formam uma parte importantissima do nosso lexico vieram-nos por seu intermedio palavras celtas e germanicas.

O elemento frances actualmente é o maior factor da grammatica e do vocabulario. Podemos dizer em geral que é por intermedio do Francez que possuimos muitos neologismos ingleses, gregos e até italianos.

Assim encontra-se em o nosso lexico grande copia de termos franceses, como : *chapéo*, *chaminé*, *chefe*, *espirito* (graça, chiste), *etiqueta*, *fichú*, *sangue frio*.

Os termos mais recentes conservam a orthographia da lingua : *crayon*, *bouquet*, *boudoir*, *mise en scene*, *soirée*.

Dos elementos italianos possuimos os que se referem á arte, á litteratura : *adagio*, *bagatella*, *bandido*, *bussola*, *cavatina*, *cupula*, *dilettante*, *faiança*, *girandola*, *soprano*, *tenor*, *violão*.

Do inglez temos termos relativos ao commercio, caminhos de ferro, marinha, cosinha, etc. Assim : *bifteck*,

*cheque, club, crup, clown, dandy, jockey, jury, pamphlet, revolver, tunnel.*

Das linguas americanas muitos são os termos de historia natural : *ananaç* (tupy), *caipira* (tupy-guarani), *carioca* (idem), *condor* (quichua), *cotia* (tupy), *pirão* (tupy), *furacão* (caraiba), *tapioca* (tupy).

Das linguas africanas encontramos : *banza*, *bantuque*, *cacimba*, *cangica*, *macaco*, *mandinga*, *marimba*, *muleque*, *senzala*.

Das linguas asiaticas : Do persa : *caravana*, *chacal*, *divan*, *pagode*.

Do malaio : *bambú*, *beliche*, *orangotango* (homem dos bosques), *sagüé*.

Do turco : *kiosque*, *odalisca*.

Do sanskrito : *carmesim*.

Do hebraico ; *alleluia*, *amen*, *hossana*, *paschoa*, *rabbino*, *sabbado*, *seraphim*.

Além d'estas palavras tem o Portuguez muitos termos formados por composição e derivação, como : *arminho* (da Armenia); *bayonnetta* (de Bayenna, cid. de França); *bohemio* (da Bohemia); *paraty* (aguardente feita em Paraty); *cajurubeba* (de cajú e jurubeba) etc. etc. sem falarmos nos formados modernamente por meio de prefixos, suffixos etc. (Lecção 10.<sup>a</sup>)

Possue tambem muitos termos de ficção litteraria : *Quixote*, *tartufo*, *polichinello*; de mythologia e crenças : *argos*, *panico* (de pan-tudo), *homerico*, *vulcanico*, *martial* (de Marte), *amoníaco* (substancia preparada no tempo de Jupiter Ammon), *Hermetico* (de Hermes, Mercurio), *bacchanæs* (de Baccho).

Um facto muito notavel que se encontra na constituição do nosso lexico é o desapparecimento da palavra ou do objecto que deu lugar á formação d'ella, permanecendo entretanto viva a mesma palavra.

Assim temos : *volume*, embora não seja um rôlo como antigamente; *papel*, embora não seja composto mais de *papyrus*; *gazeta* mesmo que não custe uma *gazza* (vintem de Veneza); *candidato* embora não se vista mais de branco; *lunatico*, embora não attribuamos mais a loucura á influencia da *lua*; *planeta*, que não

significa mais uma estrella que vista da terra parecia errante, porém sim um corpo que gyra em redor do sol central.

Assim, depois de temos modificado o conceito da *lua* que é um planeta secundario, um satellite e quando o telescopio nos fez descobrir outros planetas, apressamo-nos em mudar esse nome proprio para um nome generico e chamamos *luas* a todos os satellites.

Podemos contar mais : *quaderno*, mesmo que não indique idéa de quatro ; *luneta* (lua pequena) que hoje tem a significação de instrumento visual, etc.

Deu-se o nome de *Mercurio*, rapido mensageiro dos Deuses, ao planeta cujos movimentos eram os mais mutaveis e accelerados. e os alchimistas deram esse mesmo nome ao mais movel dos metaes.

Assim, collocamos o mercurio n'um tubo e ordenamos, como Jupiter ao deus Mercurio, que elle suba ou desça para nos dar novas do tempo.

A verdadeira significação de *importante* é o que tem dentro de si alguma cousa ; *trivial* é o que se acha atravessando as ruas ; uma *occurrenceia* é uma cousa que corre adiante de nós ; *desastre*, uma desgraça devida a um astro, máu agouro. (1).

A moeda com que no seculo 13.<sup>º</sup> se pagavam aos jograes que vulgarisavam as canções de gesta era uma especie de ceitil chamado *poitivine* (patavina).

Pela legislação de Clisthenes foi instituido o *ostracismo*, medida pela qual o cidadão suspeito de conspirar contra a Republica era exilado por 10 annos.

Para isto cada cidadão escrevia o nome do que queria banir em uma concha, *ostracon*. (2).

A palavra *animal*, diz Max Muller (3) é de formação recente e deriva-se de *anima* (alma). A propria palavra *alma* significava originariamente sopro ou respiração, derivada da raiz *an* que dá *anila*, vento em Sanskrito, e *anemos*, vento em Grego.

(1) Em geral estas noções foram bebidas na *Vie du Langage* de Whitney. Pag. 65 e segg.

(2) Berquó. Hist. Universal, Pag. 42.

(3) Science du langage. Pags. 454, 455.

Os Teutonios usavam de *saicula* (alma) derivada do gothico *saivs* (mar) representando originariamente a alma humana como um mar que em nós se agita erguendo-se e cahindo a cada momento do peito e refletindo o céu e a terra no espelho dos olhos.

Como este facto encontramos milhões.

De tudo quanto acabamos de dizer conclue-se que a maior parte do nosso lexico é composto de grande numero dos elementos a que acabamos de nos referir, acrescendo a estes, os termos propriamente brazileiros, sobrepujando a todos o Latim.

Bem diz o illustre philologo Ad. Coelho : (1) Si do vocabulario portuguez tirarmos todos os vocabulos, que não proveem de palavras, temas ou raizes que se encontram no Latim, o que fica, comparado com o lexico latino, offerece ainda profundas diferenças, apezar das suas origens estarem todas no ultimo.

E a mesma idéa já externada por José Vicente Gomes de Moura : (2) As linguas Italiana, Franceza, Hespanhola e Portugueza são irmãs, e fazem uma familia, que descende da Latina em tam grande parte, que si lhes tirarmos o fundo que d'esta receberam, restará muito pouco. »



(1) Obra citada.

(2) Noticia succinta dos Monumentos da Lingua Latina. Pag. 9.

## LECÇÃO QUINTA

LEXICO PORTUGUEZ. O LATIM

O lexico ou diccionario portuguez é um amalgama de termos de origens diversas adquiridos quer antes do dominio dos povos romanos, quer no seu dominio, quer depois que o povo da peninsula foi constituido formando uma nação independente.

Assim em o nosso lexico encontramos elementos provenientes das línguas faladas na peninsula anteriormente ao latim : hispanicas, phenicias, gregas, celtas, euscaras ; elementos das linguas dos conquistadores depois da dominação romana : elementos germanicos, arabes ; e elementos de origens diversas : hespanhóes, ciganos, francezes, inglezes, italianos, das linguas americanas, das africanas e das asiaticas. (1)

Mas apezar da maioria das palavras serem de origem latina, grande é a diferença (separados os termos de outra origem) entre o lexico d'esta lingua e o da portugueza.

Em primeiro logar muitas palavras provenientes do latim popular não foram empregadas na litteratura.

Assim, encontramos muitas vezes uma palavra de radical latino, o que faz portanto dizermos que a sua origem é d'esta lingua, entretanto o emprego do suffixo é desconhecido do latim : o suffixo portuguez *eiro* para formar nomes de arvores : *pinheiro, mangueira*, etc.

(1) Ad. Coelho Glottologia pags. 139 a 154.

Em segundo logar, palavras usadas pelos escriptores do periodo ante-classico, não usados na boa latinitade, e que entretanto aparecem no Portuguez : *absensus* (esconso); *adjectare* (deitar); *jejunare* (jejuar); *vacivus* (vasio).

Em terceiro logar muitas outras palavras latinas foram substituidas por synonyms na propria lingua :

<i>aedes</i> e <i>domus</i>	casa
<i>bilis</i>	fel
<i>janua</i>	porta
<i>osculum</i>	basium
<i>fur</i>	latronem
<i>uxor</i>	sponsa

Em quarto logar houve a differenciação de uma palavra em duas ou mais formas, differenciação a que os grammaticos dão o nome de formas divergentes e alguns impropriamente de duplas.

Ha que distinguir diversos casos :

1.º forma popular ao lado da forma erudita,

Popular	Erudita	Latina
dobro	duplo	<i>duplum</i>
papel	papyro	<i>papyrus</i>
rezar	recitar	<i>recitare</i>
pregar	predicar	<i>predicare</i>
leal	legal	<i>legalis</i>
pégo	pelago	<i>pelagus</i>

2.º duas ou mais formas populares com significação diversa.

Popular	Latina
artigo e artelho	<i>articulus</i>
freire e frade	<i>fratre</i>
ilha e insua	<i>insula</i>
malha, mancha e magua	<i>macula</i>
todo e tudo	<i>totus</i>

Neste caso as formas proveem de uma anterior que não se conserva em Portuguez como forma popular; ha, porém, casos em que uma das formas populares provém de outra ainda existente:

Popular	Latina
cem de centum	<i>centum</i>
dom de dono	<i>dominus</i>
safo de salvo	<i>salvus</i>
grão de grande	<i>grandis</i>
são de santo	<i>sanctus</i>

3.<sup>a</sup> formas latinas alteradas em outras linguas românicas ao lado de formas propriamente portuguezas:

chefe	fr.	chefe	ao lado de	cabo	lat.	<i>caput</i>
hotel	"	hotel	"	hospital	"	<i>hospital</i>
lhano	hesp.	llano	"	chão	"	<i>planus</i>
opera	ital.	opera	"	obra	"	<i>opera</i>
plano	"	piano	"	chão	"	<i>planus</i>

Em quinto logar temos a substituição de palavras latinas por outras derivadas do mesmo radical ou das palavras desapparecidas:

<i>spes</i>	<i>sper-antia</i>	esperança
<i>genu</i>	<i>genu-culum</i>	joelho
<i>pollex</i>	<i>pollicare</i>	polregar
<i>civis</i>	<i>civitatanus</i>	cidadão
<i>fornax</i>	<i>fornalia</i>	fornalha

Muitos termos que serviam para designar plantas receberam o suffixo *ario*, *aria* ficando o thema original para designar partes ou productos d'estas plantas.

<i>castanea</i>	castanha	<i>castanearia</i>	castanheira
<i>morus</i>	amora	<i>moraria</i>	amoreira
<i>rosa</i>	rosa	<i>rosaria</i>	roseira

Este modo de formação não é propriamente latino e sim romanico.

Em latim ou não havia distinção entre o nome da planta e o de seu producto : *citrus*, limão e limoeiro, *laurus*, louro e loureiro ; ou então a distinção era feita por meio do genero ; geralmente o nome da planta é do genero feminino em *us* e o do producto em *um*, genero neutro : *cerasus* (cereja), *cesarum* (cerejeira) ; *morus* (amora), *morum* ( amoreira).

Tambem se fazia a distinção por meio de um sufixo secundario (caso muito raro) *cæpa* e *cæpula* ; ou então por meio de palavras derivadas de raizes diversas : *ulmus* e *samera* ; *corylus* e *avellana*.

Mesmo em Portuguez algumas plantas não se distinguem dos seus productos : *cebola*, *jacinho*, *trigo* etc.

Porém o uso mais commum é formar-se a distinção com o suffixo *ario*, a excepção de *oliva* que derivado de *oliveira* foi substituida por *azeitona* do arabe *azzeit* ; *lans* cuja forma verdadeira é *lande*, substituida commumente por *bolóta*, tambem de origem árabica.

Em sexto logar temos a considerar que muitas palavras foram substituidas por derivados novos de outros themas ou raizes, isto é, as cousas que significavam tiveram nova denominação sobre outro aspecto :

*Cervus* por veado, de *renatus*, a caça.

*Vulpus*, raposa, de *rapus*, o rabo, por ter este animal o rabo comprido.

*Porculus* (*porcus lacteus*) por leitão, o animal que ainda se alimenta de leite.

*Acetum* por vinagre, *vinum acre*.

Em setimo logar muitas palavras latinas desapareceram para evitar homonymia : *cabo* do latim *caput* e *cabo* do latim *capulum* ; *selada* (salada) de sal, *celada* por *cilada* e *celada* do latim *cælata* ; *cento* antigo particípio de cingir, do latim *cinctus* e *cento* do latim *centum* ; *preia* do latim *plena* (preia-mar), *preia* do latim *præda* ; *incerto* de *incertus* e *inserto* de *insertus* ; *teia* de *tela* e *tela* de *tæda*.

Neste caso, um dos homonyms costuma desaparecer deante do outro, causando por isto a exclusão ou

desapparecimento de muitas palavras latinas : *equus*, deante de *equus* que devia dar *equo* deu somente o feminino *equa*; *bellum*, guerra, diante de *bellus*, bello; *jacere*, lançar, deante de *jacere*, jazer; *queri*, queixarse, deante de *quarere*, querer.

Finalmente em oitavo e ultimo logar devemos ter em vista que muitas palavras mudaram de significação.

*Admorsus*, mordedura, é em Portuguez *almoço* (hesp. *almuerso*) com o sentido do latim *jentaculum*. *Affigere* perdeu o sentido de bater contra, quebrar, para conservar o sentido figurado de *atormentar*.

*Apotheca* que em latim designava um logar onde se guardavam provisões, uma adéga, adquerio o sentido de casa pequena, *botica*, *bodega*.

*Ingenium* que significava natureza, modo de ser característico de uma cousa, perdeu quasi o sentido de *genium*, na accepção de *intelligencia* e astucia e adquerio o sentido de *machina*, machinismo.

*Rapum*, rabo, em Latim *cenoura*, significa *cauda* em Portuguez. talvez pela analogia d'uma cauda de animal com uma cenoura.

*Talentum* em latim barra, peso de 120 libras e em grego *balança* e *peso*, tomou os sentidos de *inclinação*, *tendencia*, *vocação*, *vontade*.

A seu talante segnificava no antigo Portuguez a sua vontade.

Hoje tem a significação de engenho, genio, talvez, segundo Diez, por influencia da Parabola dos Talentos,

Na linguagem popular no Brazil tem a significação de força muscular.

Reminiscencias do latim ?

E' digno tambem de colleccionar-se a formação de certas palavras sobre cuja origem nada dizem os diccionarios, e os livros que se dedicam ao estudo da linguistica não descem a estas minudencias.

*Aravia* em sentido proprio, significa a linguagem arabica ou arabe falada pelos naturaes da Arabia ; este sentido obliterou-se para depois designar o arabe corrompido pelos christãos que viviam em contacto com os

Arabes e tambem a linguagem vulgar ou vernacula em contraposição a ladinha.

No seculo 15.<sup>o</sup> e 16.<sup>o</sup> começou-se a empregar no sentido de gyria propria para embustes e trapaças.

Virá d'ahi a palavra popular : *Algaravia* ?

E' tambem interessante o que diz Th. Braga a respeito de *Charlataneria*, *charlatão* : (1)

Na Italia o vulto de Carlos Magno cahio no ridiculo.

Na poesia hespanhola do 12.<sup>o</sup> seculo usava-se a palavra *Charlataneria*. Esta voz é derivada da palavra franceza *Charles*.

Como os troveiros francezes não cantavam naquelle tempo além da suas canções lascivas, outras a não serem as de Carlos Magno, os italianos lhes chamaram *Ciarles* e a palavra *Ciarlatani* e entre nós *Charlatães* foi sucessivamente empregada aos que se entregavam a cousas semelhantes.



(1) Epopéas da Raça Mosarabe.



## LECÇÃO SEXTA

DIALECTOS. DIALECTO BRAZILEIRO. DIALECTOS PORTUGUEZES.  
EDADES DA LINGUA PORTUGUEZA

### I

Dá-se o nome de dialecto á lingua peculiar a uma provinça, cidade ou estado, alterada na pronuncia, accentuação, desinencias, lexico e syntaxe, relativamente ao idioma d'onde provém.

Assim as diferentes formas de linguagem consideradas isoladamente tem o nome de lingua ; si, porém, forem consideradas relativamente á lingua d'onde se derivaram tem o nome de dialectos.

O francez, o portuguez, o italiano, etc. são dialectos da lingua commun latina.

Consideradas de per si são verdadeiras linguas, Segundo Whitney, cada individuo recebe a lingua e modifica-a embora de modo infinitesimal.

Neste sentido, rigorosamente falando, qualquer sociedade, familia, qualquer classe social, todos e cada um possue um dialecto.

A multiplicidade das linguas e de seus dialectos é hoje um facto incontestavel e está provado tambem que é ella muito maior que a das raças.

Pelo menos são aquellas mais susceptiveis de modificações que estas.

Dados estes principios chegamos á conclusão que

uma lingua dura mil annos, quando as raças existem por millenios.

Influem para a alteração das linguas o clima, as relações dos povos entre si, o progresso das artes e das sciencias, os factos politicos e litterarios etc. Ferrière noticia um caso interessantissimo comprobatorio da selecção que exerce o progresso da sciencia : « O poet. Ha'dy dizia com muita elegancia aos olhos de seus contemporaneos : « Sua oração commovia o *estomago* d'uma rocha. » A descoberta da circulação do sangue arruinou esta metaphora substituindo-a pela unica exacta, pela unica verdadeira : « o *coração* de uma rocha. » (1)

O mesmo facto notamos na phrase franceza : *Soulever le cœur*, que significa *causar nauseas, embrulhar o estomago ; mal au cœur, embrulhamento do estomago.*

Camões diz :

« Assi dizia, e todos juntamente  
« Uns com outros em pratica fallando  
« Louvavam muito o *estomago* da gente  
« Que tantos ceus e mares vae passando.

c. 2.<sup>º</sup> ESTR. 85.

« Tal do Rei novo o *estomago* accendido  
« Por Deus e pelo povo juntamente.

c. 3.<sup>º</sup> ESTR. 48.

A phrase portugueza *de cór*, que se traduz em francez por *par cœur*, não significa mais do que *de memória* e tem origem na palavra latina *cor, cordis*, o coração.

Veem-se por ahi as alterações que a lingua vae soffrendo, os ramos que ella vae desprendendo de si. Além d'isto todos nós temos uma linguagem, um modo de falar quando conversamos familiarmente ou

(1) *Revue critique d'histoire et de philologie* 1867,

quando discursamos em publico, si estamos num salão ou numa assembléa.

Dizemos, pois, que cada individuo fala *diversos dialectos* segundo as circumstancias, e até mesmo uma *infinitude* de dialectos dos quaes um não é identico aos dialectos dos outros individuos. (4)

Plinio diz que na Colchida havia mais de 300 dialectos differentes e que os Romanos eram obrigados a empregar 130 interpretes para tratar e commerciar com estes povos. Mas não é nesta accepção que se emprega a palavra dialecto.

Para haver dialecto é preciso que haja uma certa unidade na lingua, unidade que não é destruida por diferenças individuaes, que por sua vez não impedem a possibilidade da communicação do pensamento. Quando este ultimo facto se dér, apparece então uma lingua estranha.

A formação dos dialectos é um phenomeno que obedece ás leis da mesologia glottica. A diferença dialectal nosso um poder, uma vitalidade no organismo da lingua, não é um phenomeno involuntario.

Influindo, como já dissemos, na evolução de um dialecto a cultura litteraria e as relações sociaes, é por isso que o Francez dialecto do Latim, acha-se mais affastado d'este do que as outras linguas neo-latinas : o Italiano, o Portuguez etc.

Do que acabamos de dizer, infere-se que, apesar das grandes modificações porque passou a Lingua Portugueza no Brazil, ainda não podemos chamar á lingua falada neste paiz um dialecto.

## II

Diz José de Alencar, partidario do *dialecto brasileiro* : « Quando povos de uma raça habitam a mesma

(1) These de M. Passy apresentada à Faculdade de Lettras de Paris 1891.

região, a independencia politica por si forma a sua individualidade. Mas si os povos vivem em continentes distintos, sob climas diferentes, não se rompem unicamente os vinculos politicos, opera-se tambem a separação das idéas nos sentimentos, nos costumes e portanto na lingua, que é a expressão d'estes factos moraes e sociaes. »

E' o que diz tambem N. Webster : (1)

« Logo depois que duas raças de homens de es-  
tirpe commun separam-se e collocam-se em regiões dis-  
tantes, a linguagem de cada um começa a divergir por  
varios modos. »

E' preciso, porém, attender que as linguas são organismos que se desenvolvem e transformam, são rios cujas correntes muitas vezes se bifurcam.

Assim como a lingua de Portugal não é a mesma de 1500, a nossa tambem tem-se transformado, adquerindo termos novos das linguas dos paizes com que entretemos relações commerciaes e litterarias.

O luso brasileiro não constitue ainda, diz Sylvio Roméro, um dialecto accentuado do portuguez européu, embora contenha elementos que o hão de tornar cada vez mais distincto d'este. O criterium para resolver a enfadonha questão do dialecto brasileiro é a possibilidade ou não da comunicação de pensamento. (2)

A noção do dialecto pôde, na verdade, ser applicado a qualquer systema de differenciações parciaes e geographicas da lingua, como diz João Ribeiro. (3)

Mas o chamado dialecto brasileiro ainda não tem fóros de lingua litteraria e culta nem elle pôde por enquanto rebellar-se contra lingua pura e vernacula.

A lingua falada no Brazil distingue-se da de Portugal por diferenças na prosodia, na syntaxe, na significação das palavras e por um vocabulario enorme de palavras africanas e tupys-guaranys.

O Brazil que pelo seu desenvolvimennto material e intellectual e talvez pelo favor da sorte, poude liber-

(1) Introduçao sobre a origem das linguas.

(2) Litteratura brazileira.

(3) Diccionario grammatical

tar-se de quem o amesquinhava, ha de futuramente ter uma lingua diferente da portugueza.

Paiz que ha pouco tempo emancipou-se do jugo portuguez, embora a cada passo consinta que seja aumentado mais um elo á cadeia que o prende ás potencias européas, paiz que somente hoje abrio amplamente os os seus portos aos povos estrangeiros, estabelecendo a grande naturalisação e a liberdade do culto, o que tudo concorre para a transfusão do sangue e o aperfeiçoamento da raça, o Brazil tam novo, que espectaculo admiravel nos appresenta em sua lingua ?

Uma lingua não pode ficar estacionaria e desde o momento em que o Brazil deixou de ser uma feitoria de Portugal hade augmentar e florescer, fazendo crescer cada vez mais pelo seu progresso e relações commerciaes o seu vocabulario.

A diferença entre o emprego, significação e pronuncia dos vocabulos é bastante profunda entre a lingua falada actualmente no Brazil e em Portugal. (1)

E è este um phenomeno que de ha muito temos apreciado.

Assim, bem vemos a mesma palavra tendo significados inteiramente diferentes nas duas linguas : *Canistra* que em Portugal é *cesta de vime*, no Brazil tem a significação de *caixa não abahulada*; *filhóte* em Portugal significa *filho*, no Brazil é um *pombo nascido e não empennado* e só figuradamente tem aquelle sentido; *trem* possue em Portugal a significação de *carruagem*, no Brazil é *bagagem* ou conjunto de carros; *rico* em Portugal é synonimo de *querido*; *chacara*, significa *romance popular*; *carro* em Portugal só se refere ao *carro de bois*, no Brazil é qualquer vehiculo puxado por animaes.

Accresce mais que ha em Portugal termos inteiramente desconhecidos no Brazil, e outros que apezar de conhecidos não são empregados : *confeituria* (*confetaria*) derivada de *confeitos*; *cambra* (*camara*); *con-*

(1) Paranhos da Silva *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brazil.*

*deça* (cesta); *tumes proprios* (phosphoros); *fontinha* (*fonte pequena*); *camapé* (*canapé*); *caneco* (*barril*); *abandonado* (*homem devasso*); *domestico* (*criado*); *tratamento* (*salario*).

Se attendermos à syntaxe verificamos bastantes divergencias entre as duas linguas.

O emprego do pronome *me* e *te* em logar do possessivo *meu* e *teu*, originando muitas vezes perfeita confusão. Dizem os Portuguezes:

« *Entrego-te o livro*, em que se não sabe se é o meu ou o teu.

Usam mesmo muito pouco d'esses possessivos, e dizem por exemplo: a *mamā*, o *papá*.

Gostam de empregar as variações *sigo* e *si* referindo-se ás pessoas com quem falam dando logar a perfeita ambiguidade de sentido. Infelizmente este uso já se vai generalisando no Brazil.

Teem os Portuguezes tambem uma sympathia enorme pelo emprego da preposição *a*, mas dizem a' *noite*, a' *tarde* e *PELA manhã*.

Quando o Brazileiro diz: *estou estudando*, o Portuguez diz: *estou a estudar*.

Geralmente a preposição *com* em Portugal exprime cōpanhia; entretanto para nós exprime tambem posse: *Estou com o livro*,

Sobre a pronuncia dos vocabulos, então a diferença é enorme.

Dizem os Portuguezes, segundo Soares Barboza: *véstoria*, *métade*, ou então *v'storia*, *m'tade*; outras vezes substituem essa vogal pelo *a*: *vájo*, *juálho* e, pelo que diz um escriptor, para escaparem do *e* fechado comjugam o verbo *fechar* do seguinte modo: *Eu fácho, tu féchas, elle fécha, nós fichamos, vós fichaes, elles fécham*.

No Brazil o *e* final de uma palavra tem em geral o som de *i*, no entanto os Portuguezes não pronunciam esta terminação, ou collocam-na no fim das terminações em *ar*, *er*, *ir*, *or*: *andare*, *vivere*, *subire*.

O povo baixo portuguez substitue por *i*: *andari*. Quando a palavra termina por *r* o nosso povo não

pronuncia a desinencia, o de Portugal accrescenta um *i*; *doutô, doito, i.*

As palavras que terminam em *al e ale, el e ele*, etc., pronunciam os portuguezes *pél, mól, e nós pélli, mólli.*

Se elles dizem *jurnale*, nós *jôrnal*.

Bem se vê o profundo sulco differencial que largo se abre entre a lingua dos Portuguezes e Brazilieiros.

Mais alguns annos e o Oceano não separará somente as duas regiões; teremos um lingua propria, como já possuimos uma vida social e economica e uma riquissima litteratura.

Ainda mais.

A nacionalidade brasileira é o resultado de varios factores physica e moralmente falando.

As invasões dos franceses no Rio de Janeiro desde 1555, o dominio da Hespanha em 1581, os ingleses em 1597, os franceses no Maranhão em 1608, o elemento indigena, o negro e cigano, quantos factores ahi de volta com a raça portugueza para alterarem a lingua falada no Brazil?

Quantas modificações em cada uma d'aqueellas províncias onde mais preponderou este ou aquelle povo?

E actualmente?

A grande emmigration allemã ao sul da Republica, principalmente no Paraná, Rio Grande do Sul e Santa-Catharina, onde ha colonias e comarcas só d'esta raça, a proximidade dos hespanhóes nos Estados fronteiros, o contingente italiano, notadamente em S. Paulo e o nosso sistema governamental estabelecendo a autonomia dos Estados não alterará profundamente para o futuro a lingua herdada de nossos pais?

A resposta não pode ser duvidosa.

Portanto, concluimos, que, si o caracteristico do dialecto é uma certa cultura e litteratura proprias, si a possibilidade da communicação do pensamento ainda é facilima entre Portugal e o Brazil por mais profundas que sejam estas alterações na phonetica e syntaxe da lingua falada nestes douis paizes, ellas ainda não deter-

minaram a denominação de dialecto á lingua do Brazil.

Com tudo, estamos quasi a nos emancipar completamente.

Já Wolf lastimava que os Paulistas, como os indios não possuissem uma civilisação capaz de resistir á assimilação europea ou capaz de lhe comunicar novos elementos.

No Brazil, bem se sabe, a lingua do Norte e do Sul se distinguem.

Linguas *d'oc* e *d'oïl* na França, qual d'entre as nossas sobrepujará?

Estamos convicto, porém, que para o futuro o rio S. Francisco não dividirá só ethnographicamente douz Estados, sim separará em duas nações poderosas essa nossa patria que vê seus filhos formarem douz grupos distintos por certas modificações dialectaes e por diferenças nos caracteres physicos, moraes e intellecituaes.

### III

São tres os dialectos mais notaveis do Portuguez: o gallego, o indo portuguez e o africo.

O gallego representa uma phrase evolutiva do antigo portuguez, apesar da Galliza ser provincia hespanhola.

Os primitivos monumentos da poesia portugueza são escriptos na lingua galleziana.

Era esta lingua falada ao norte de Portugal, desde o Minho até Coimbra,

Já que falamos na Galliza, apparece-nos a occasião de trancrever uma supposta origem da palavra: *Tangro-mangro* que se emprega nuns versos populares.

O Dr. Augusto F. de Freitas diz ser : *Tango, mar, angro* (Toque, amargor e aperto).

Entretanto, diz um outro escriptor, cujo nome não nos vem á memoria :

Ha em Hespanhol um jogo : *tango-mano* que o povo da Galliza diz *tangano*.

Com este vocabulo formou-se a locução *entrar o tangano n'el* definida por Cuveiro Pinol *entrar na ruiña ò la muerte*.

Por não ser materia essencial ás nossas notas deixamos de citar o profundo estudo que Theophilo Braga no *Povo Portuguez* faz sobre esta expressão,

O Gallego e o Portuguez até o seculo 12.<sup>º</sup> achavam-se perfeitamente unidos, e só á cultura que o segundo foi adquirindo pouco a pouco, deve se o facto de não estarem estas duas linguas ainda confundidas.

O Gallego ficou estacionario e o Portuguez tornou-se uma lingua culta e altamente litteraria.

O Indo-Portuguêz e o Africano datam do seculo 15.<sup>º</sup> e são falados em Ceylão, Diu, S. Thomé, Cochim, Cabo-Verde, etc.

O 1.<sup>º</sup> está hoje em decadencia e brevemente tende a desapparecer ante a supremacia do Inglez.

A lingua falada no Brazil é constituida pela lingua Portugueza na sua maior parte e por grande numero de vocabulos tupys-guaranys e africanos.

A influencia do elemento negro não é tam pequena como alguns julgam.

Innumeros são os termos que no Brazil foram introduzidos, principalmente da lingua de Angola e Congo, denominada *ambundo*.

Possuimos uma lista de 5000 nomes que seria ocioso enumerar ; entre elles, porém, muitos não são empregados.

Possuimos muitas phrases constantemente usadas em que o principal elemento componente é africano sem que d'elle se tenha perfeito conhecimento.

Parece-nos estar neste caso a palavra *lamba*.

Esta palavra é um substantivo que entre os Cafres significa *fome* ou *ter fome*.

Virá d'ahi a nossa phrase popularissima :

Passei uma LAMBA ?

Sobre o elemento *tupy-guarany* não achamos necessidade de tratar da questão anthropologica e ethnologica.

Humbolt, o professor Hartt, Wapeaus (1) e outros sabios detalhadamente trataram d'esta questão, onde tinham de introduzir por base de suas opiniões as questões a respeito do homem prehistoric, da emigração do velho continente, aparecendo assim à tona da discussão o nome de Quatrefrages, Darwin, Lund etc.

E', pois, desviarmos do nosso alvo.

A lingua dos indios tem adquerido as denominações de *tupy-guarany*, *abaneenga*, incluidos ahi o *nhengatu* (Amazonas) e o *kiriri*.

Quem melhor estudou a lingua indigena e seu desenvolvimento foi Couto de Magalhães e Baptista Caetano.

E' consideravel o numero de palavras tupys-guaranys que compõem o nosso lexico, influenciando o primeiro ao norte e o segundo ao sul.

E' bom notar-se que a diferença entre estes dois elementos são pequenas e superficiaes e que aquella influencia verificou-se em certas crenças, costumes e na adoptação de algumas palavras.

Um outro elemento que trouxe-nos alguns vocabulos foi o cigano expulso de Portugal.

Foi uma raça que muito pouco influenciou nos primitivos europeus do Brazil e sobre a qual quasi nada em nosso paiz se tem estudado e escripto.

Que nos conste só ha publicado o *Cancioneiro dos Ciganos* de Mello Moraes Filho.

## IV

Os primeiros textos da lingua portugueza são : A *Noticia a torto* e a *Noticia de particon*, publicada por

(1) *Geographia physica do Brazil*

Pedro Ribeiro no seculo 12.<sup>o</sup> e os *Foraes do astello*  
Rodrigo no seculo 13.<sup>o</sup>

Em verso existem o *Cancioneiro da Affonso X*, o  
*Cancioneiro de D. Diniz*, o *Cancioneiro da Vaticana*, as  
*Trovas e Cantares* do seculo 14.<sup>o</sup>

Apparecem poetas como Fernão Velho, Pera da  
Ponte, Pero Barroso Lopes, Mem Rodrigues e outros  
anonymos.

Do seculo 13.<sup>o</sup> para a primeira metade do 14<sup>o</sup> pode-  
se fixar o pleno desenvolvimento da Lingua Portu-  
gueza.

Na segunda metade do seculo 14<sup>o</sup> apareceram os  
*Livros de Linhagens do Collegio dos Nobres*, e a *Historia*  
*do Testamento*.

Varnhagem dá-nos dos seculos 12.<sup>o</sup> a 14.<sup>o</sup> uma  
lista de 133 trovadores do *Cancioneiro da Vaticana*.

No seculo 15.<sup>o</sup>: A *Chronica do Condestavel Nuno*  
*Alvares Pereira*, o *Leal Conselheiro*, a *Chronica do*  
*Conde D. Pedro* e poetas como Gil Vicente, Bernardim  
Ribeiro, etc.

Começou então no seculo 16.<sup>o</sup> a cultura grammatical  
com os Grammaticos Fernão Lopes (1536) e João de  
Barros (1540).

Appareceram neste e no seculo seguinte escriptores  
como: Sá Menezes, Fr. Luiz de Souza, Jorge Monte  
Mór, Manoel Bernardes e o maior de todos, o sublime  
cantor dos *Luziadas*.

Reparte-se nesta epocha a litteratura Portugueza  
com a do paiz que esta nação descobrira, litteratura que  
tanto tem-se engrandecido e aformoseado.

No seculo 18.<sup>o</sup> apareceram: Garção, Felinto Elysio,  
Nicolão Tolentino, Frei Francisco de S. Luiz.

Resumidamente podemos, pois, dividir as idades  
da Lingua Portugueza em quatro.

A edade ante classica, que começa antes da funda-  
ção da Monarchia portugueza até o seculo 14.<sup>o</sup> e princi-  
pios do seculo 15.<sup>o</sup>.

A edade classica, d'este seculo até principios do se-  
culo 17.<sup>o</sup> em que floresceram: Vieira, João de Barros,  
Camões, Luiz de Souza.

A edade de decadencia que comprehende o ultimo quartel do seculo 17.<sup>o</sup> e 18.<sup>o</sup>

Nesta epocha, diz Costa e Cunha, os escriptores substituem a naturalidade e madureza do estylo dos quinhentistas por subtilidades frivolas, metaphoras despositadas, equivocos e trocadilhos insulsos.

Segue-se a esta epocha a edade da restauração em que numerosos escriptores e poetas teem engrandecido a litteratura, procurando libertar a lingua do jugo da decadencia.

Brilham no seculo 19<sup>o</sup>: Bocage, Agostinho de Macedo, Curvo Semedo, Castilho, Garret, Alexandre Herculano, Latino Coelho, Adolpho Coelho, Theophilo Braga, Oliveira Martins; no Brazil: Bazilio da Gama, Durão, Alvarenga Peixoto, Domingos Magalhães, Porto-Alegre, José de Alencar, Muniz Tavares, Tobias Barretto, Gonçalves Dias, Macedo e muitos outros pois o Brazil conta entre seus filhos os continuadores dos antepassados e isso « porque nesta terra abençoada cada jovem é um escriptor, cada cabeça pertence a um poeta. »





## LECÇÃO SETIMA

GRAMMATICA, SUAS DIVISÕES. ALPHABETO

### I

*Grammatica*, segundo Whitney é a exposição methodica dos factos da linguagem ; segundo Holmes, é a sciencia da linguagem.

*Linguagem* é a representação dos nossos pensamentos por meio de palavras.

A grammatica pôde ser encarada debaixo de diversos aspectos, e d'ahi a variedade de suas definições.

Temos : Grammatica *Pratica* a mais commum, que é arte de falar e escrever correctamente ; *Geral*, que se refere aos principios communs a todas as linguas, ou mais restrictamente aos principios communs de um grupo de linguas da mesma origem ; *Particular* que estuda os principios especiaes a uma lingua ; *Comparativa*, que estuda os principios e factos de uma lingua em relação á outra ; *Historica*, que estuda os factos da linguagem na sua evolução, desde a origem até o momento actual.

Assim podemos dizer que a *Grammatica portugueza* é o estudo geral, descriptivo, historico, comparativo e coordenativo dos factos da linguagem e das leis que os regem no dominio da lingua portugueza. (1)

Foram os sabios de Alexandria e seus rivaes da es-

(1) Pacheco Junior e Lameira de Andrade.

cola de Pergamo, diz Max-Müller, os que primeiro estudaram o grego de uma maneira critica, isto é, os que analysaram a lingua, distribuiram-na em cathegorias geraes, distinguiram as diferentes partes do discurso, inventaram os termos technicos pelas diferentes funcções das palavras, observaram a correccão maior ou menor do estylo de certos poetas, separaram as formas velhas das formas classicas e publicaram sobre estes assumptos longas e doutas obras.

Depois, como diz Sayce (1) appareceu o sabio Dionysio de Tracia que utilisando-se dos trabalhos philologicos do Aristoteles e outros, deu á luz uma Grammatica grega practica, para ensinar em Roma aos filhos dos aristocratas contemporaneos de Pompeu, seguindo-se a elle Varro Flacco, Quintiliano, Appolonio Discolo e seu filho Herodio.

Em Portuguez cabe a precedencia a Fernão Lopes e depois João de Barros e D. N. Leão.

A grammatica portugueza, depois dos progressos da Linguistica, tem se sujeitado a uma divisão mais logica.

E' assim que, d'antes não havia divergencia sobre dividir-se a grammatica em Etymologia, Syntaxe, Prosodia e Orthographia, cathegorias a que Theophilo Braga chama irracionaes e velhas. (2)

Trasladamos para aqui o que escreveu Julio Ribeiro sobre este assumpto : (3) « A acceita-las (estas cathegorias), temos, é verdade, a Prosodia que ensina a pronunciar as palavras correctamente, isto é temos o tratado do accento tonico, mas onde fica o tratado dos sons elementares, da materia prima da linguagem articulada ? Pois, á conta da pobre Etymologia que só tem por dever tratar da derivaçao historica, faremos correr a tarefa de classificar ideologicamente as palavras e de flexiona-las segundo a sua natureza ?

Será a orthographia uma parte distincta da Grammatica ou não passará de uma subdivisão phonologica

(1) Principes de Philologie Comparée, Pag. 190.

(2) Grammatica Portugueza. Advertencia.

(3) Questão Grammatical, Pag. 17.

que tenha por fim estabelecer leis para a representação graphica dos sons ?

E' ainda com o autor citado que dividimos a Grammatica em *Lexeologia* e *Syntaxe*, baseado em Burgraff, Ayer, Allen and Cornewell, Bastin, Chassang.

A Lexeologia estuda ou os sons das palavras ou as suas formas.; subdivide-se assim em *Phonologia* e *Morphologia*.

A *Syntaxe* estuda ou as relações das palavras umas com as outras na oração, ou as orações entre si no periodo ; subdivide-se, pois, em *Syntaxe lexica e logica*.

Por sua vez a *Phonologia* considera os sons isoladamente, constituindo palavras, ou considerados graphicamente; temos no primeiro caso a *Phonetica*, no segundo a *Prosodia* e no terceiro a *Orthographia*.

Por sua vez tambem a *Morphologia* estuda as palavras formando grupos de idéas de que se compõe o pensamento, ou estuda as leis que presidem as flexões das palavras, ou então o origem d'estas, temos : *Taxeonomia*, *Kampenomia* e *Etymologia*

A syntaxe de uma lingua, diz A. Coelho, é a parte da Grammatica que mais se sujeita á influencias individuaes. Julga, Jacob Grimm que o seu estudo é distinto do da Grammatica.

Das partes da grammatica a que está mais sujeita á contraversia, a que não tem bases certas é a Orthographia.

Para a boa orthographia das palavras existem trez systemas.

O primeiro, chamado *etymologico*, basea-se na origem ou derivação das palavras ; manda que escrevamos *thio, statua*.

Este sistema tem contra si, em primeiro logar a falta de conhecimento que ha, da origem de todas as palavras, origem, aliás que em numero limitado só pode ser conhecida por homens illustrados ; em segundo logar, a completa diferença da palavra escripta com o som que tem e que é expresso pela nação.

Além d'isto ha diversas opiniões sobre algumas

origens, como quicá originado para alguns do italiano  
chi sa, segundo outros do latim qui sapit.

De que modo, pois, escrever esta palavra?

Nas palavras de origem americana então a diversidade é enorme.

O 2.<sup>o</sup> sistema, chamado *phonetic*, manda que se escrevam as palavras como se pronunciam: *omem*, *eaxo*. Por este sistema cada letra tem um só valor.

Diversas tem sido as reformas apresentadas para o completo dominio d'este sistema, mas tudo em vão.

Diz Theophilo Braga, que os partidarios da orthographia phonetica representam modernamente na grammatica o papel dos que procuravam a linguagem natural.

Disse muito bem José de Castilho: « O accento peculiar do Portuguez é um em Portugal, outro nas ilhas, outro no Brazil, outro na Africa, outro na Asia, outro na Polynesia. O Portuguez de Lisboa differe na pronnncia de muitos vocabulos do de Coimbra, do do Porto, do de Traz os Montes, do de Algarve. »

O mesmo podemos dizer do Portuguez falado no Brazil. Quando no sul abrem as vogaes dizendo *dépræssa*, no norte (Pará) dizem: *Lá vem a CANU'A carregada de cu'cus de PU'PA a PRU'A*.

O 3.<sup>o</sup> sistema, o *mixto* ou *usual* vem a ser o preferivel.

Apropriando se do que de bom tem os douis outros, manda que se escreva attendendo-se a etymologia da palavra, accommodando-a á pronuncia commun. Dado o caso que sejam completamente differentes, querem uns que se observe de preferencia a etymologia, outros a prosodia. Devemos pela orthographia, mixta, escrever *tio* sem *h* apezar de derivado do grego *theios*, porque pelo uso diario d'esta palavra, pelo attrito que ella soffre, perdeu um seu elemento completamente desnecessario, o que não acontece com as palavras *theoria*, *thema*, originados com o mesmo *th* grego, mas que são pouco usadas.

A palavra *systhema* como já vae sendo muito empregada pelos escriptores, ha qnem a escreva sem o *h*.

Julgamos, pois, que a orthographia tende para tornar-se etymologica, como foi phonetica no seculo 13.<sup>o</sup>, epoca da constituição verdadeira da Lingua Portugueza.

A orthographia portugueza, entretanto, tem feito crescer suas dificuldades; e causa tristeza ver que os escriptores não procuram um meio de se libertarem d'este modo inconveniente de escrever as palavras mais communs do vocabulario carregadas de letras inuteis sem valor na pronuncia. Elles só teem feito aumentar o mal. e alguns esforços isolados que corajosamente teem querido por termo a estas orthographias desregradas e aristocraticas não teem tido successo. (1)

## II

A escriptura na accepção mais geral é um sistema de figuras significativas com o fim de dar à expressão do pensamento uma forma permanente.

Assim, a escriptura é ideographica, quando exprime as proprias idéas; phonetica quando representa os sons que compõem as palavras.

A primeira compõe-se de figuras desenhadas por emblemas ou symbolos, e a ella pertencem os hieroglyphicos egipcios, os caracteres chinezes, os signaes dos Mexicanos, os quipos dos Peruanos e os pregos que os antigos Romanos collocaram no templo de Minerva.

A segunda compõe-se de sons representados por letras, e a ella pertencem as linguas da Europa e algumas da America.

Na Europa e America a escripta vai da esquerda para a direita, entre os mexicanos é perpendicular, entre os Japonezes e Chinezes é obliqua, e nos primeiros tempos da Grecia acham-se exemplos d'uma escripta chamada « *boustrophédon* », que vai da direita para a esquerda e vice-versa alternadamente.

A forma primitiva da escripta foi inquestionavel.

(1) Gonçalves Vianna. *Les langues litteraires de l'Espange et de Portugal*, Revue Hispanique, Março 1894.

mente a representação do que se pretendia dizer por meio da pintura.

Este modo de escrever usado pelos egipcios deve logar a invenção dos hieroglyphicos. Aos hieroglyphicos seguio-se a escriptura syllabica.

O tempo, porém, foi aperfeiçoando as primeiras tentativas e chegou-se a decompor as syllabas em sons simples. Estava inventado o alfabeto, palavra que é formada das duas primeiras letras do alfabeto grega (*alpha* e *béta*) e que corresponde ao nosso *abecedário*.

Os caracteres alphabeticos foram introduzidos na Grecia pelo phenicio *Cadmus*, e diz até Herodoto, as letras chamavam-se phenicas ou cadmicas. Os gregos, colonisando a Italia, introduziram o alfabeto entre os etruscos que o transmittiram aos romanos com algumas variações na forma dos caracteres ; os romanos o espalharam por toda a Europa.

O alfabeto romano trazido da Grecia pelo Arcadio Evandro só teve a principio 16 letras, como provam as inscrições etruscas e eram :—a, b, c, d, e, f, i, l, m, n, o, p, r, s, t, u ; mais tarde ajuntaram-se g, h, k, q, x, y, z. Claudio pretendeu aumentar mais 3 letras, porém esta innovação só durou o tempo de seu reinado.

Os romanos deram denominações diferentes ás letras do alfabeto grego com excepção do *zeta* e *upsilon* (z, y),

As letras *i* e *u* que tinham até o seculo 17.<sup>º</sup> o duplo papel de vogaes e consoantes foram substituidas pelas letras *j* e *v* neste caracter.

Usava-se tambem dobrar o *i* para indicar a semi-vogal *j* que não tinha signal especial no Latim.

O *y* nesta lingua foi adoptado na epoca de Cicero. O alfabeto ainda é hoje summamente defeituoso, não só porque possue diversas letras para o mesmo som : *c*, *ç*, *s*, *x*, *ss* para o som *cé* ; como tambem porque possue o mesma letra para diversos sons : o *x* tem o som *xé*, *zé*, *cé*, *csé* etc.

Já Platão e Leibniz disseram : « Dá-me um bom alfabeto, que dar-te-ei uma boa lingua. »



## LECÇÃO OITAVA

LINGUAGEM SUA SEDE. APPARELHO DA PHONAÇÃO

### I

*Linguagem* é a manifestação de nossas idéas por meio de palavras.

A linguagem é privilegio exclusivo do homem, é especial a elle, embora como os outros animaes possa exprimir suas intenções por meio de gritos inarticulados, por gestos e pelos movimentos dos musculos do rosto, diz Darwin.

O poder de emitir sons com o auxilio da corrente do ar expirado não pertence exclusivamente ao homem, segundo Meyer (1); este poder pertence antes a todos os vertebrados que respiram pelos pulmões, e a superioridade que o homem tem é baseada na faculdade de combinar estes sons.

Tem-se em todos os tempos dado ao dom da palavra o valor de um caracter distintivo da especie humana, continua Meyer, e de facto, tam longe quanto nossos conhecimentos se estendam no espaço com o socorro da ethnographia e no tempo com o socorro da historia, não encontramos povo algum desprovido da palavra.

Não ha negar que a linguagem articulada é o caracter distintivo do homem, affirma Charles Martius, e nada deve ennobrecer e transformar as faculdades e o ce-

(1) Les organes de la parole. Pag. 1

rebro do homem tanto como a aquisição da linguagem, diz Haeckel.

O exercício da linguagem articulada está subordinado à integridade de uma parte muito circumscreta do hemisferio esquerdo.

Esta parte está situada na margem superior da *scissura de Sylvius*, em frente a insula de *Rheil* e ocupa somente a metade ou antes o terço posterior da terceira circumvolução frontal.

O hemisferio esquerdo que tem sob sua dependência o movimento dos membros direitos, é, pois, mais precoce no seu desenvolvimento que o hemisferio oposto.

Dá-se o nome de *dextros* aos individuos que se servem de preferencia da mão direita e *canhotos* aos que se servem da esquerda. Estas expressões são tiradas da manifestação externa do phénomeno ; mas, si considerarmos o phénomeno relativamente ao cerebro e não em relação aos agentes mecanicos, diremos que a maior parte dos homens são naturalmente *canhotos* do cerebro e que por excepção alguns d'entre elles, os que se chamam canhotos, são *dextros* do cerebro.

Entretanto não é o hemisferio esquerdo exclusivamente a séde da faculdade da linguagem : o hemisferio direito tem tambem a sua parte, tanto que o individuo tornado *aphemico* por uma forte lesão no hemisferio esquerdo não é privado d'aquella faculdade.

A faculdade de conceber as relações das idéas com as palavras pertence aos doux hemisferios, que podem em caso de doença substituir-se reciprocamente, mas a faculdade de exprimir aquellas relações por movimentos coordenados parece pertencer ao esquerdo (1).

Sabe-se, diz Topinard, (2) que ha *aphasia*, isto é, perda da palavra, ou *aphemia*, perda da palavra com conservação da *intelligencia*, todas as vezes que uma lesão aguda é produzida na parte posterior da terceira

(1) Du siège de la faculté du langage articulé. Broca  
1865.

(2) L'anthropologie

circumvolução frontal de Broca, quando esta lesão é a esquerda.

A faculdade da linguagem tem sua sede nos dous lados mas exerce-se naquelle lado na maioria dos casos.

Da autopsia feita aos microcephalos, que jamais poderam aprender a falar, encontrou-se atrophiada a terceira circumvolução frontal.

A razão de ser esta a séde da faculdade da linguagem, é porque o hemispherio esquerdo que preside os movimentos do lado direito, em virtude do crescimento dos nervos tem desde o seu nascimento uma actividade maior.

Segue-se do que acabamos de dizer, conclue um escriptor, que um individuo, cuja terceira circumvolução frontal esquerda, séde ordinaria da linguagem articulada, fosse atrophiada de nascença, aprenderia a falar e falaria com a terceira circumvolução frontal direita, como a creança que nasce privada da mão direita e torna-se tambem habil com a esquerda como se costuma a ser ordinariamente com a outra.

## II

Tudo o que ouvimos ou melhor tudo o que é percebido pelo ouvido é um ruido ou um som.

Os ruidos são produzidos por um movimento irregular impresso no ar.

Os sons são produzidos pelas vibrações isockronas do ar elastico, ou melhor, por vibrações periodicas de um corpo elastico, vibrações que se transmittem debaixo da forma de ondas sonoras atravez do ar ou de um outro corpo.

Desde o momento que estas ondas attingem nossos ouvidos, exercem sua acção sobre os nervos auditivos e produz a impressão do som.

A linguagem articulada é formada da reunião de muitos sons que teem um sentido particular.

No homem estes sons, como um instrumento mu-

sical incomparavel, são produzidos no apparelho da palavra diz Passy. (1)

Fazem parte do apparelho da palavra a expiração ou inspiração e seus modificadores.

São orgams da expiração ou da inspiração : os pulmões, dous saccos elasticos collocados na caixa thoraxica, que communicam com o ar exterior por meio da trachea arteria, tubo que se divide em dous na entrada dos pulmões, e subdivide-se em diversos ramos que enchem todo o interior do pulmão, ramos por meio dos quaes o ar é posto em contacto com o sangue.

Os pulmões assentam em um musculo resistente, elastico, que separa a peito do ventre : é o diaphragma.

Estes orgams por meio de movimentos especiaes para introducção e repulsão do ar produzem a voz que toma o nome de articulada quando a expiração ou a inspiração fica sujeita a seus modificadores.

Esses modificadores são : a larynge, a bocca, e o nariz.

A larynge está collocada na garganta no alto da trachea-arteria ; atravez da larynge estendem-se horizontalmente e de traz para diante as cordas vocaes, unidas ás paredes da larynge por membranas mucosas e que deixam livre um espaço chamado glotte. E' por onde passa o ar durante a inspiração ou a expiração.

A bocca é a cavidade collocada sobre e adiante da larynge, cuja parte posterior tem o nome de pharynge, separada do nariz pelo veu do palato, e cuja parte extrema tem o nome de campainha.

Accrescentem-se mais as gengivas onde estão collocados os dentes, os labios que os cobrem e a lingua, feixe de vinte musculos, achatado e comprido, cuja ponta livre é susceptivel de todos os movimentos, e que é bem comparada ao badalo de um sino.

A lingua pode tambem ser considerada como um organ de tacto de uma delicadeza extrema, diz Bourdon.

O nariz finalmente, que é dividido em fossas na-

(1) Etude sur les changements phonetiques.

zaes que communicam com ar exterior por dous buracos chamados *narinas*.

Assim, diz Topinard, (1) o ar expirado pelos pulmões entra em vibrações nos estreitamentos da larynge onde se forma a voz e atravessa a bocca onde se faz a articulação.

Pode-se distinguir na formação da palavra dous momentos principaes: 1.º producção d'uma corrente de ar; 2.º modificaçao d'esta corrente por obstaculos que se encontram em sua passagem e fazem então apparecer ora sons, ora ruidos.

A palavra ordinariamente se produz na expiração.

A corrente de ar expiratoria encontra na palavra dous generos principaes de obstaculos que se acham parte na larynge, parte na bocca. Na larynge eila passa entre as cordas vocaes que entram em vibração e produzem sons de altura variavel segundo sua tensão é maior ou menor; na bocca a mesma corrente pode encontrar-se com uma obstrucção completa, porém momentanea d'este orgão, ou ser forçada a passar por conductos estreitos. (2)

A grande multiplicidade de sons empregados na palavra faz suppor a principio, segundo opinião de Meyer, que a possibilidade de chegar a effeitos tam variados implica uma estructura mais ou menos complicada dos apparelhos materiaes que servem para produzir estes effeitos.

Tudo repousa, entretanto, sobre o principio que o ar sahindo dos pulmões escapa-se ora pelas fossas nazaes, ora pela bocca e que a este phenomeno acompanham ruidos diversos conforme o ar é levado por um ou outro dos dous conductores, attentas as conformações especiaes que se dão à cavidade buccal.

A corrente de ar pode chegar sem vibrações sonoras até a larynge ou subir atravessando-a, accão que dá nascimento a vibração sonora, isto é, ao som.

(1) L'Anthropologie.

(2) Impressão das emoções e tendencias da linguagem, R. Bourdon.

Os sons empregados para a formação da palavra não  
são todos puros ruidos ou puros sons.

Na conversação commun em voz alta é uma mis-  
tura de ruidos e de sons que constitue na maior parte  
do tempo a palavra articulada.

A intensidade da linguagem, segundo Passy (1) não  
é em geral um acto voluntario, espontaneo, incon-  
sciente ; segue, pois, as leis dos outros phenomenos  
analogos.

Assim como sob o imperio de emoções vivas os phe-  
nomenos phisiologicos teem uma tendencia para augmen-  
tar de intensidade, o som torna-se tambem forte, rapido,  
alto, fraco ou baixo, etc.



(1) Obra citada. Pag. 42.



## LECÇÃO NONA

VOZES, RUIDO. ACCENTOS. SONS. METAPLSAMOS

### I

As vozes podem ser simples, livres ou puras como *a, e, i, o, u*; nasaes ou compostas como *an, en, in, on, un*.

No primeiro caso a resonancia faz-se na cavidade boccal, no segundo nas fossas nazaes.

Estas letras são as chamadas commumente vogaes.

Vogaes são simples modificações da voz, resultantes da forma que toma a bocca.

Toda a vogal pode ser nazalada, desde que o véu do palato abaixando-se, deixa passar uma parte do ar pelo nariz.

Entretanto não ha necessidade que o ar passe realmente pelo nariz; pelo contrario podemos fechar o nariz e faremos ficar o accento nazal ainda mais notado. A unica condição necessaria é a deslocação do veu que nas vozes ordinarias cobre mais ou menos completamente o orificio posterior das fossas nazaes. (1)

Se a cavidade boccal é aberta moderadamente, ficando a lingua em repouso, um simples som da glotte

---

(1) Novas lecções sobre a Sciencia da Linguagem.

dará nascimento ao *a*, considerada como vogal fundamental.

Si, porém, a cavidade boccal forma um estreitamento longitudinal, o som produzido é um *i*.

Si, ao contrario, a parte posterior da lingua approxima-se do véu do palato de maneira que só dá passagem à corrente de ar por uma fenda muitissimo estreita, temos o *u*, em cuja pronunciaçāo approximam-se muito os cantos da bocca.

As outras duas vogaes *e* e *o* são intermedias: a 1.<sup>a</sup> entre *a* e *i*; a 2.<sup>a</sup> entre *a* e *u*.

Das vozes livres, chamadas *vogaes*, as de maior importancia são as seguintes:

<i>á</i> (accento agudo)	<i>pá</i>	<i>i</i> ( <i>commum</i> ) . . . . .	{ <i>subtil</i>
<i>a</i> (grave, sem ac- cento) . . . . .	<i>cama</i>	<i>ó</i> (accento agudo)	<i>útil</i>
<i>é</i> (accento agudo)	<i>rapé</i>	<i>ô</i> (fechado, accen- to circumflexo.)	<i>avó</i>
<i>ê</i> (fechado, accen- to circumflexo.)	<i>mercê</i>	<i>o</i> (sem accento).	<i>avô</i>
<i>é</i> (mudo, sem ac- cento) . . . . .	<i>vime</i>	<i>u</i> ( <i>commum</i> ) . . . . .	{ <i>azul</i> <i>tumulo</i>

Ha outras sem grande importancia, e com Max Müller affirmamos que as vozes livres são em numero indeterminado.

As vozes nasaes não constituem sons especiaes; são simples modificações das livres ou oraes.

As vozes nazaes não appresentam modalidades.

Duas vozes podem juntar-se dando nascimento ao *hiato* quando são pronunciadas separadamente: *luar*, *saudé*, *rio*, e ao *diphthongo* quando ao contrario são pronunciadas por uma só emissão de voz: *aula*, *máu*,

Propositalmente appresentamos para exemplo a palavra *r.o* para fazer notar que no Sul do Brazil as duas vogaes d'esta palavra *io* formam diphthongo, pois que são pronunciadas: *riu*; o mesmo como *friu* (frio) *tiu* (tio).

Schema dos diphthongos oraes:

ae	pae	io	{ vario
ai	orai, naipe	iu	{ sentiu, riu, viu
ao	mão, ou mau	oe	heroe, móe, distróe, röe
au	páu, aula, nauta	oi	noite, foi, oito, boi
ei	lei, amei, rei	ou	cousa, andou, ouro
eo	véo, céo, ou veu, ceu	ua	agua, quadro, quatro
eu	chapeu, Euro, seu	ue	guerla, guela.
ie	serie, especie, mie	ui	fui, muito, ruivo.
		uo	quota, arduo

As outras combinações dão logar a hiatos.  
Os diphthongos nasaes são :

æe	mãe.	õe	{ põe
ão	{ pão, mão.	oêm	{ põem
am	{ orgam, abençam, ama- ram.	uan	quando, quanto
eem	{ teem	uen	quinquenio
ém	{ vêm	ui	muito.
		uin	quinquenio, quinque- virato

A primeira das duas letras do diphthongo chama-se *prepositiva*, e a segunda *pospositiva* ou *subjunctiva*.

De proposito collocámos o diphthongo *ui* entre os oraes e nazaes.

Camões rima *muito* com *fruito* (diphthongo oral) na Est. 120 do Canto 3.<sup>º</sup>

Estavas linda Ignez posta em socego  
De teus annos colhendo doce *fruito*  
Naquelle engano d'alma ledo e cégo  
Que a fortuna não deixa durar *muito*

Os brazileiros pronunciam, porém, *muinto* (diphthon go nazal).

A lingua Portugueza, diz Th. Braga, como todas as romanicas é rica de diphthongos proprios formados : 1.<sup>º</sup> pela degenerencia phonetica : *corona*—coròa, 2.<sup>º</sup> pela dissolução de uma consoante em vogal : *actus*—auto ;

3.<sup>a</sup> pela attracção d'uma vogal : *rabies*—raiva ; 4.<sup>a</sup> excepcionalmente pelo alongamento de uma vogal : *do-dou* ; *sto*—estou.

Em Portuguez só se dá a reunião de trez vogaes, produzindo um *triphthongo* nas palavras de syllabas *guaes*, *gueis* e semelhantes ex : averiguaes, averigueis, eguaes. etc,

Diz Meyer, que o elemento fundamental e caractristico da classe dos sons designados sob o nome de *consoantes*, consiste nos ruidos que se podem determinar juntariameente nas vias respiratorias por meio da corrente do ar.

*Consoante*, é um ruido que modifica as vozes, e cujo som, portanto, só pode ser percebido com o auxilio da vogal (*cum-sonare*).

As vozes ou phonemas dividem-se em livres ou sonoras, explodidas ou explosivas, e fricativas ou constrictas.

Os primeiros estão comprehendidos nas vogaes.

Os explodidos ou explosivos são : *q*, *g* (guê) guturaes ; *t*, *d*, dentaes ; *p*, *b*, labiaes.

Os phonemas ou vozes constrictas são *g* ou (gê) *x*, palataes ; *l*, *r*, *rr*, linguaes ; *c* ou *s* (cê) *z*, *n*, dentaes ; *f*, *v*, *m*, labiaes.

EXPLODIDAS OU EXPLOSIVAS		CONSTRITAS
Gutturaes	kê, guê	
Palataes		gê, xê
Linguaes		lê, rê, rrê
Dentaes	tê, dê	cê, zê, nê
Labiaes	pê, bê	fê, vê, mê

*Vozes explosivas*, explodidas ou momentaneas são

aquellas que depois de produzidas cessam repentinamente a produção da voz ; só podem ser pronunciadas com auxilio de vogal.

As constrictas ou fricativas são as que se produzem simplesmente por uma contracção do tubo vocal.

Julio Ribeiro, de cuja Grammatica resumimos o schema acima, diz que para as vozes simples basta determinar a forma de tubo vocal ; para as constrictas o ponto do estreitamento do mesmo tubo ; e para as vozes explodidas os orgãos que operam a occlusão d'elles.

E' o que tambem diz a Grammatica Latina de Guardia e Wierzeyski (1).

A classificação que demos é a mesma de Ad. Coelho (2).

E' bom notar que a classificação phisiologica das consonancias é ponto muito controverso entre os Grammaticos o que não acontece com a que tem por base a influencia que os labios dentes, etc. operam na sua pronunciaçāo.

A' reunião de duas qu tres consoantes diferentes dá-se o nome de *grupo consonantal* ou *vozes complejas* : globo, chronicā.

A' reunião de duas consoantes eguaes, consecutivas dá-se o nome de *consoantes dobradas* : somma, forro, sacco.

Foi Ennio quem introduzio o uso de escrever duplas as consoantes que se faziam sentir com mais força no corpo das palavras. Até os Gracchos escrevia-se indiferentemente com letras simples ou dobradas. O uso das letras dobradas prevaleceu da guerra de Jugurtha em diante (3).

## II

Em sua origem os accentos não foram mais que

(1) Pag. 17.

(2) Glottologia. Pag. 26 e seggs.

(3) Guardia e Wierzeyski Gr. Latina, Pag. 3.

meios naturaes de atrahir a attenção sobre tal ou qua parte do discurso.

Hoje o accento é considerado na phrase de Diomedes, como a alma da palavra, ou na opinião de Humboldt como a viva emoção do sentimento que acompanha o discurso, o medeador entre o pensamento e a forma. (1)

A palavra *accento* vem do Latim *accentus* (*ab acciendo*), que correspondia a *tonos* do Grego, *tom*, *tenro*, da tensão das cordas da lyra.

A adopção d'estes termos pelos grammaticos latinos parece provar que o accento latino tinha como o accento grego um valor musical.

A anedocta conhecida do tocador de flauta que dava o tom ao orador C. Graccho com o instrumento chamado *tonarion* confirma as exposições fornecidas pelos grammaticos, assim como por Cicero e Quintiliano. (2)

A importancia do accento é tal, que um linguista comparou-o com as pulsações que marcam a vida.

Gaston Paris mostrou que o accento latino que já tinha um grande força no antigo periodo da lingua não cessou de nos seculos seguintes ganhar em energia. Mas o Latim quer que o accento caia na penultima e na antepenultima; a syllaba final sentio-se d'esta vizinhança e perdeu em sonoridade tudo a que ganhou a vogal accentuada (3).

No Portuguez, como veremos, o accento pode cahir em qualquer das trez ultimas syllabas.

*Accento* é a maior ou menor intensidade, a maior ou menor predominancia que tem a syllaba d'uma palavra.

O accento em Latim estava subordinado a quantidade, entretanto em Portuguez confundem-se estas duas noções e só é considerada longa a syllaba predominante. Conforme a quantidade, os sons podem ser *longos* ou *briefes*, si tem mais ou menos duração.

(1) Apud Pacheco e Lameira Grammatica Portugueza.

(2) Guardia e Wierzeyski. Pag. 28.

(3) Michel Bréal. Mélanges de Mythologie et Linguistique.

Conforme a intensidade a voz é ou não accentuada, isto é, *tonica* ou *atona*.

A syllaba sobre a qual o accento cæe chama-se *predominante*.

As palavras tomam diversas denominações segundo a syllaba é pronunciada com mais ou menos força.

São : *Oxitonas* ou agudas si a syllaba accentuada é a ultima : missál, amár.

*Paroxitonas* ou graves si a syllaba accentuada é a penultima : tintéiro, canéta.

*Proparoxitonas* ou exdruxulas ou dactylicas, si a syllaba accentuada é a antepenultima : húmida, câmara, pécego.

As duas ultimas denominações reunem-se sob o nome de *barytonas*.

E' bom notar que com o emprego de certos verbos acompanhados de pronomes o accento predominante não cæe em nenhuma d'essas trez syllabas apontadas : Aos pobres *annuncia-se-lhes* o Evangelho (Pereira de Figueiredo. (1).

Uma outra observação a fazer é que em alguns vocabulos aparece mais de um accento, ha como que um certo rythmo que não se pode transgredir : modéstamente, civilidáde.

A grande lei sobre o accento latino é a sua conservação na lingua Portugueza, como nas diversas linguas romanás : *servus*, sérvo ; *hominem*, homem ; *amorem*, amór.

A lei da persistencia do accento tonico está sujeita a diversas excepções.

Pode, assim, a deslocação d'este accento ser causada pela homonymia : íntimo, intimo ; pelo desaparecimento dos verbos em *ere* breve ; *cápere*, cabér ; pela dificuldade fia pronuncia, evitando o esforço na articulação : *ténebras*, trévas.

Para o uso pratico teem as linguas certos signaes que servem de indicativo da accentuação das syllabas, ou dão outro valor às letras.

(1) Apud Julio Ribeiro Gr. Pag. 14.

Estes signaes, conhecidos pelo nome de *notações prosodicas ou accentos* são :

O *agudo* (^) que indica o som das vogaes : rapé, pá.

O *circumflexo* (^) que indica o som fechado das vogaes e, o : merce, avô.

A *cedilha* (,) que abranda o som do c antes de a, o, u : caça, moço, açude.

O *apostrophe* (') que indica a suppressão de letras : minh'alma.

O *til* (^) que indica o som nasal do a, o, e que em alguns casos pode ser substituido pel m, ou n, e que tem tambem o valor de indicar as abreviaturas : irmã, paixões.

### III

Os sons das vogaes são :

1.<sup>º</sup> agudo que é o mais forte, mais intenso.

2.<sup>º</sup> grave ou mudo que é o menos intenso.

3.<sup>º</sup> medio ou circumflexo, que tem a intensidade maior que o grave e menor que o agudo :

4.<sup>º</sup> nasal aquelle que geralmente passa pelo nariz.

As letras vogaes teem os seguintes sons :

### A

Som	agudo	gato,	jucá
	medio	penna,	era
	nazal	santo,	irmã

### E

Som	agudo	até,	féra
	grave	ponte,	monte
	medio	careta,	sello
	nazal	engenho,	lento

I

Som	agudo	missa,	javalli
	grave	serio,	vario
	nazal	lindo,	cinto

O

Som	agudo	filhó,	pó
	grave	santo,	lenço
	medio	poça	avô
	nasal	ponta	honra

U

Som	agudo	tatú,	luva
	nasal	junto	anum

As consonancias são representadas da maneira seguinte :

Bê

Por b : abbade, banco.

Cê

Por c antes de e, i : cento, cinto.

ç antes de a, o : roça, moço.

s santo, sapo.

ps psalmo.

sc sciencia.

x auxilio, syntaxe.

z nariz, matriz.

ss entre vogaes : cassa.

Dê

Por d : dedo, dido.

**Fê**

Por f : ferias, faca.  
ph nos derivados gregos : phisica.

**Ghê**

Por g antes de a, o, u : gato, gorro, gume.  
gu antes de e, i : guelra, guia.

**Gê**

Por g antes de e, i : geito, região.  
j : Julio, jantar.

**Kê**

Por c antes de a, o, u : casa, caco, cujo.  
k : kagado, kermesse.  
ch : parochia, chimica.  
qu : quedo, quinze.

**Lê**

Por l : leme sola.

**Mê**

Por m : meza, cama.

**Nê**

Por n : navio, canna.

**Pê**

Por p : prego, capa.

**Rê**

Por r : entre vogaes : cara, muro.

## Rrê

Por r no principio : razão, raio, ou entre vogaes nas palavras compostas : de-rogar.

rr : terra, carro.

rh ou rrh nos derivados gregos: rhetorica, arrhas.

## Tê

Por t: rato, sitio.

th : thema, methodo.

## Vê

Por v: voto, livro.

w nos derivados allemães: Wurtemberg

## Xê

Por ch: cheiro, cacho.

ch: enxada, peixe.:

## Zê

Por s entre vogaes: casa, mesa ; excepto nas palavras compostas em que sóa cé : pro-seguir ; excepto pre-sumir e re-sumir.

s : nas palavras obsequio, transacto, subsistir.

x: exacto. exemplo.

z: zinco, azul.

Sobre os diphthongos e grupos consonantae são todos representados segundo a pronuncia.

Notamos somente 1.<sup>º</sup> que o grupo ks é representado por x: sexo, convexo, crucifixo.

2.<sup>º</sup> que os diphthongos au, ao, ai, ae, eu, eo, oi, oe, u, ue, devem ser representados d'uma ou d'outra maneira conforme a origem da palavra.

Assim escreve-se pau por causa do latim *palum*, pae por causa de *pater* etc.

Sobre a orthographia d'estes diphthongos não ha ainda uma base sobre que estejam todos de acordo.

Alguns grammaticos mandam, por exemplo, escrever *é* quando o *e* for aberto, e *eu* quando fechado.

Escrer *io* nas primeiras pessoas dos verbos e nos nomes e *u* nas terceiras pessoas.

Escrer *au* e *ai* no principio e no meio e *ao* e *ae* no fim.

Observemos mais as seguintes regras orthographicas;

a) Antes de *b*, *m*, *p* usa-se de *m* e não *n*: ambos, *commum*, *campo*.

Exceptuam-se as palavras derivadas.

b) Nenhuma palavra começa ou termina por letra dobrada.

c) Não se dobram as vogaes.

Dado o caso que pela transformação dos sons encontram-se duas vogaes, é costume representa-las por um accento agudo ou circumflexo : *mala*—*maa*—*má* ; *dolor*—*door*—*dòr*.

d) Com excepção de *x*, *z*, *q* todas as mais consoantes podem vir dobradas; notando-se que só se dobram comumente entre vogaes.

*Syllaba* é um som pronunciado de uma vez, por uma só emissão de voz: *o*, *bra*, *drão*.

Quando estes sons reunidos representam uma idéa temos a *palavra*.

Conforme o numero de syllabas as palavras são: *Monosyllabas*, as que constam de uma só syllaba: *pae*, *dòr*, *ar*.

*Disyllabas*, as que constam de duas syllabas: *banco*, *meza*.

*Trisyllabas* as que constam de tres: *cadeira*, *caneta*, *tinteiro*.

*Polysyllabas* as que constam de mais de tres syllabas: *caderneta*, *inconstitucionalidade*.

## IV

As palavras soffrem diversas modificações por adição, subtracção transposição e absorção.

Estas modificações tem o nome de *figuras de metaplasmos* ou *metaplasmas* (do grego *metaplasmos*), transferencia.

As figuras de adição são: *Prothese*, que aumenta sons no começo do vocabulo: alevantar por levantar.

*Epenthese*, que aumenta no meio: Mavorte por Marte.

*Paragoge* ou *Epithese* que aumenta no fim: martyre por martyr.

As figuras de subtracção são:

*Apherese*, que elimina ou subtráe sons no principio do vocabulo: posthema por aposthema.

*Syncope*, que subtráe sons no meio do vocabulo: mór, por maior; imigo por inimigo.

*Apocope*, que subtráe no fim: carcer por carcere.

As figuras de transposição são :

*Metathese*, que muda indeterminadamente o logar dos sons do vocabulo: guirlanda por grinalda; frol por flôr.

*Tmesis*, que muda as variações pronominaes para o meio das formas do futuro e do condicional dos verbos. Em vez de *te direi* emprega-se *dir-te-ei*.

As figuras de absorção são:

*Synalepha*, que supprime a vogal final de um vocabulo quando o seguinte começa por vogal: d'est'arte por de esta arte; do por de o.

Contracção que parece á primeira vista estar na mesma relação de *d'o—do—de o* é *no, numa* e em geral as contracções com a preposição *em*, que escreve *n'uma—em* e *uma*, etc.

Precisamos notar que é esta graphia um erro imperdoável.

Pois si pela presteza da escripta e por maior facilidade escreve-se *do* em logar de *d'o* pode-se tambem escrever *n'uma* por *em uma* quando a letra a suprimir era *e*?

A se colocar o apostropho, signal da suppressão da letra, devia ser no começo da palavra *'numa*, como se faz em *'té* por *até*.

E' uma d'essas inconsequencias de que são victimas os nossos melhores escriptores e litteratos.

*Ecthlipse* que absorve a vogal nazal de um vocabulo: co'os por com os.

E' uma figura muito empregada no verso.

*Crase* que reune douis sons eguaes num só: á em logar de a+a e antigamente ó em logar de a+o.





## LECÇÃO DECIMA

LEIS GERAES DA TRANSFORMAÇÃO DOS SONS. ESTRUCTURA DA PÁ-  
LAVRA. DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO.

### I

A evolução do Latim, dando nascimento ás línguas romanicas, tornou patente certas leis determinantes da transformação dos sons.

Estas leis podem ser resumidas nas nove seguintes:

1<sup>a</sup>. Persistencia do accento tonico: Amar de *amáre*; homem de *hóminem*.

Este principio foi o grande factor que determinou a origem latina da Lingua Portugueza.

É uma lei que se observa em todas as línguas romanicas.

Ha algumas excepções produzidas: a) por analogia: *amávamos* modelado em *amáva* derivado de *amabámus*; b) a declinação latina em *ere* breve originou verbos em *er* longo *cúrrere*, correr; excepções produzidas pela conservação do accento thematico, e até por euphonía.

2<sup>a</sup>. Queda da vogal não accentuada, quer no principio da palavra: *episcopus* bispo; quer no meio *malitiae* maldade; quer no fim *misturare* misturar.

3.<sup>a</sup> Conversão das vozes accentuadas ou não.

a em o : *famem* -fome ..  
a em e : *alacrem* -alegre.  
a em i : *agnem* -Ignez..  
e em a : *reginam* -rainha  
e em i : *mecum* -migo ..  
e em o : *per*—por.....  
i em a : *bilancem*-balança  
i em e : *trifolium*—trevo  
o em a : *dom nam*—dama  
o em e : *obscurum*-escuro

o em u : *undam*—onda ..  
u em o : *totum*—todo...  
æ e œ em e : *cælum* céu ;  
œra era.....,.....  
au em o : *pauper*—pobre,  
ou então conserva-se :  
*cauda*-cauda mudando-se  
tambem em ou e oi : *au-*  
*rum*, ouro, oiro.

4.º Queda ou perda da consoante entre vogaes: *co-medere* comer, *malum*, mau; e perda ou transformação da consoante final *ad a*, *sic sim*.

Sendo as vogaes mais sonoras que as consoantes, estas tendem sempre a cabir mais facilmente.

Desde que uma consoante pela sua posição ou formação é pouco percebida, não servindo de carácter distintivo ao grupo phonico, é facil desapparecer.

5.º Presistencia da consoante inicial, que ás vezes transforma-se: *casa* casa; *catus* gato.

No segundo exemplo dá-se o que se chama:

6.º Abrandamento, isto é, troca de letras que teem o mesmo orgam sonoro.

Os principaes casos de abrandamento na passagem dos sons do Latim para o Portuguez foram:

b em v : *debére* dever.....  
c em g : *caveolam* gaiola..  
d em l : *judicare* julgar..  
f em v : *ourifcem* ourives  
l em r : *lilium* lyrio.....

n em l : *animam* alma...  
p em b : *lupum* lobo.....  
r em t : *papyrus* papel...  
t em d : *rotam* roda.....  
l em d : *scala* escada.....

No romance do Infeitiçado, recolhido do Algarve por Est. da Veiga encontramos :

*Leixando* uma dama infanta.  
Por um perro, que dormia.  
Se me *leixaes* pelo perro, etc.

Julga João Ribeiro que a mudança do *l* em *d*

(reforço) foi creada pelo arabe onde estas duas letras são linguaes: arrabalde de *ar'rebath*; aldeia de *al-dhaia*

8.<sup>o</sup> Dissimilação, isto é, a reacção ou repulsão que um som exerce sobre outro para evitar que seja repetido. Esta lei existe tambem em Latim e foi observada por Leo Meyer e Corsen que dizem que ha um principio em latim pelo qualesta lingua esforça-se por não repetir o mesmo som na palavra. Assim havendo dous suffixos quasi identicos *ali* e *ari* formam-se em latim *austr-alis*, *rur-alis*, *reg-alis*, *mor-alis*, *mort-alis* ao lado de *vulg-aris*, *popul-aris*, *epul-aris*, isto é, o suffixo *ari* não se junta em regra a um thema ou raiz que contenha já outro *r* nem o suffixo *ali* a um thema ou raiz que conteinha já um *l*.

Pott que é da mesma opinião diz: Si o corpo da palavra encerra um *l* os Romanos preferiam a desinencia *aris*: *secularis*, *regularis* com as duas unicas excepções: 1.<sup>a</sup> que o *l* era conservado quando havia tambem um *r* no corpo da palavra e o *r* estava mais perto da terminação que o *l*: *pluralis*, *lateralis*; 2.<sup>a</sup> quando o *l* fazia parte de uma consoante composta como em *fluvialis*, *glacialis*.

9.<sup>a</sup> Conversão dos grupos *cl*, *fl*, *pl*, em *ch*: *clave*, *clamare*, chave, chamar; *flamma*, *chamma*; *plorare*, *planum*, *pluviam*, chorar, chão, chuva.

Conversão de *ct*, em *ch*, ou *ut* ou *it*: *cactum*, cacho: (Julio Ribeiro); *actum*, auto; *lectum*, leito; *octum*, oito' outo (archaico).

Conversão dos grupos *bl*, *cl*, *gl*, *sl*, *tl* em *lh*; *tribulare*, *trib'lare*, trilhar; *articulum*, *art'c'lum*, arte-lho; *tegula*, *teg'la*, telha; *insula*, *ins'la*, ilha (unico exemplo, diz Julio Ribeiro); *vetulum*, *vet'lum*, velho.

Conversão de *gn* em *nh*: *lignum*, lenho. Camões rima estranho e *magno* no Canto 4.<sup>o</sup> Estr. 32 dos Lusiadas:

... . . . caso estranho.

Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

Sobre as consoantes duplas *lh* e *nh* fazemos nossas as palavras de Pacheco Junior:

«A nossa consoante dupla *lh* só foi representada graphicamente no seculo 15.<sup>o</sup>.

Nos seculos 14.<sup>o</sup> e 15.<sup>o</sup> representavam-na (como no hespanhol e provençal) por *ll* ou *l* ainda quando não se seguia o *i* palatal : *fillo, filo, muller, mellor.*

Em S. Paulo o povo pronuncia *moiado, teiado*; o francez diz *bataion* (*bataillon*).

O *l* latino tinha tres sons : lingual, dental e palatal; o ultimo soáva quasi como a nossa molhada e em *batalha, filho, the* se percebe um som rapido do *i*. Esse *h* inorganico servia apenas para substituir o *i* palatal ou alongar a vogal.

O emprego do *nh* foi uma consequencia logica da adopção do *lh*. Julgamos que os Romanos pronunciavam *gn* e *nh* com o som da nossa molhada, como os franceses e italianos e não diziam como nós *signo, magnus* mas *sinho, manho*. Esse modo de escrever (*cognoscere, conhecer, ignóro* popular *inhóro* ; os antigos diziam conháto de *cognáto*), o facto de ser essa nossa molhada representada antigamente por *gn* : *pegnorar, senhor*, e de serem as palavras em que os elementos *g*, *n* sóam separados, todas de creaçao artificial, de origem erudita : *igneo, inexpugnável, estagnado*, bastariam para verificar nossa hypothese, notando-se que isso era *commum* ao Celtnico e Ibero».

São estas leis as mais importantes, reconhecidas por todas as Grammaticas, para transformação dos sons em Portuguez.

Quaes as causas, porém, que produziram estas leis?

Impossivel será determina-las, entretanto ha dous grandes principios que juntos á grande influencia do meio podem ser considerados como os de maior importancia.

O primeiro principio é « a lei do menor esforço » que Sweet e Palessy chamam « principio de economia. »

O segundo é o « principio de emphase » largamente estudado por Sayce e Sweet.

Tiraram-se d'ahi duas leis :

1.<sup>o</sup> A linguagem tende constantemente a desembarraca-se do que é superfluo.

2.<sup>o</sup> A linguagem tende constantemente a pôr em relevo o que é necessário.

E' da primeira que derivam a fraca accentuação das syllabas potico importantes, a assimilação mais ou menos completa de douz sons consecutivos, a abreviação das syllabas longas. Esta lei é observada clara e quotidianamente na linguagem do povo, elemento corruptor de uma lingua.

O Inglez, de todas as linguas indo-européas é a que mais emprega o principio do menor esforço.

A lei do menor esforço, diz Chaignet, (1) não é uma prova de fraqueza, é uma prova de bom senso.

E' a lei da economia universal que a natureza e o espirito seguem por toda a parte e sempre no emprego de suas forças.

A riqueza não é senão a força economisada.

O instincto do bello, o sentimento da harmonia e do rythmo, a necessidade de simplicidade, as necessidades superiores da clareza logica, o espirito emfim, eis o grande autor d'estas permutas que tem por fim, os fins intellectuaes da palavra, suprimir ou diminuir pouco a pouco nas articulações tudo que exige um esforço violento e inutil, todos os sons que fazem mal aos ouvidos, que pregueiam as faces, que fazem abrir desagradavelmente a bocca, que fazem inchar as veias da garganta, todos os sons que approximam-se dos berros, dos mugidos, dos sibillos, dos miados e dos uivos dos animaes.

A segunda lei, embora menos conhecida não deixa por isto de ser menos verdadeira e é, por certo uma consequencia logica da primeira.

E tanto é assim que, si o principio de economia agisse elle só, tornar-se-iam as linguas depois de um certo tempo desconhecidas e por consequencia seriam impróprias para servir de meio de communição.

E' justamente o que se observa no emprego dos archaismos e neologismos, cuja lucta é um dos factos mais

(1) *La philosophie de la science du langage.*

interessantes a estudar na vida litteraria de uma lingua.

II

A estructura das palavras é especialmente estudada na *Morphologia*.

Os elementos significantes ou orgams de que se compõe a palavra, tem diversas denominações quer consideremo-los na sua significação, quer na sua posição, quer na sua origem.

A simples analyse de uma palavra nos mostra que ha nella um elemento que indica a idéa principal, é a raiz, e outros elementos secundarios, os *affixos*.

Os affixos dividem-se em *prefixos*, *suffixos* e *infixos*.

*Prefixos*, são os elementos que se collocam antes da radical : *hemi-spherio*.

*Suffixos*, são os collocados depois : *fac-ada*.

*Infixos* são os collocados no meio da palavra : *amar-te-ei*.

As palavras são compostas de orgams que teem um sentido ; na palavra *padeiros*, distinguimos a radical *pad*, raiz *pa*, que indicam a idéa principal, o suffixo *eiro* que mostra o factor, e o orgam *s* que indica a pluralidade.

Costuma-se muitas vezes na pratica confundir as idéas de raiz e radical, o que convém distinguir.

A raiz é o elemento que encerra a idéa originaria, a idéa d'onde etimologicamente decorreu um grupo de palavras ; a radical ou o thema é o vocabulo sem as desinencias. Assim na palavra *desanimar*, temos o prefixo *des*, a terminação *ar*, a radical *desanim*, e a raiz *an* que significa *respirar, viver*.

A terminação ou desinencia é a parte do vocabulo que varia, e onde se operam todas as flexões.

Da raiz *mad* ou *mid* (adaptar, conciliar) formamos : modo, modulo, medico, medicina, moderador, immoderado, commodo, incommodo, accommodar, medio em

que se vê que a radical é *mod*, *medic*, *moder*, *commod*, etc. e a raiz é *mad* ou *mid*.

Com a raiz latina *spec* (vêr) possuímos em Portuguez as palavras : respeitar, respeito, respeitável, bispo, respectivo, respeitosamente, respectivamente, despeito, suspeitar, suspeita, circumspecto, inspector, inspecção, aspecto, prospecto, perspicacia, perspectiva, expectativa, auspicio, especular, especulador, espia, especie, especial, específico, espelho, etc. (Deduzido de Max Muller).

Entretanto despojando estas palavras de suas terminações, o que resta não tem egualdade ou semelhança entre si.

Regnaud define raiz, o elemento *commum* a toda uma família de palavras formadas por analogia (1).

Os prefixos e suffixos são de origem vernacula, latina e grega.

Entre os prefixos vernaculos contamos :

*ante*, precedencia : ante-hontem.

*contra*, oposição : contra-dizer.

*em*, collocação : embarcar

*sem*, exclusão : semsaboria

*sobre*, por cima : sobreestar.

Entre os latinos :

*bis* ou *bi*, duas vezes : bisneto, bipede

*circum*, ao redor : circumferencia

*extra*, fóra : extraordinario

*in*, negação, logar onde : infiel, inflammar

*pre*, antecedencia : prevêr

*re*, reiteração : relêr

*sine*, sem : sinecura.

Entre os gregos :

*a* ou *an*, negação : atheu, anonymo.

*amphi*, ambos : amphibio

*archi*, supremacia : archiduque, archanjo

*cata*, ordem : catalogo

*eu*, bem : euphonía

*meta*, mudança : metamorphose

*peri*, ao redor : perimetro

(1) Origine et philosophie du langage Pag. 153.

*pan*, tudo : panorama  
*pseudo*, falso : pseudonymo  
*tele*, ao longe : telephonio, telegrapho  
*theo*, deus : theologia.

Podemos incluir nesta lista os numeros gregos, que tambem são empregados como prefixos : *mono*, *dis*, *tri*, *tetra*, *penta*, *hex*, *hepta*, *octo*, *ennea*, *deca*, etc.

Além d'estes prefixos ha um arabe que deu origem a muitas palavras portuguezas, é o artigo *al* : albergue, assucar, azzulejo, alcaide etc.

Os suffixos na lingua portugueza são em grande parte originados do latim ou formados no proprio seio da lingua.

#### Substantivos derivados de substantivos :

*ada*, golpe, porção, acto : facada, rapazeada, buffetada (pancada dada sobre a buffa, parte do capacete correspondente a bocca, diz Leoni.)

*ade*, nos nomes da terceira declinação latina e outros por analogia : bondade.

*ado*, no latim *atus*, indica profissão : educado.

*agem*, collecção, estado : folhagem, aprendizagem.

*al*, no latim *alis* e *elis*, extensão, quantidade : areial, laranjal.

*aria*, agglomeracão : livraria.

*ario*, *eiro*, profissão, officio : estatuario, boticario, por-teiro.

*cida*, no latim *cida*, matador : regicida, filhicida.

*ista*, pessoa, emprego : banhista, oculista.

Além d'estes, temos os suffixos augmentativos : *ão*, *az*, *eço*, *eça*, *ico*, *iça*, *oço*, *oça*, *ello*, *ulo*, e os diminutivos de que trataremos na Lecção 43.<sup>a</sup>.

#### Substantivos derivados de adjectivos :

*ão* e *ude*, qualidade, estado : gratidão, juventude.

*encia*, qualidade : prudencia.

*dade*, dos nomes da 3.<sup>a</sup> declinação em *tas*, qualidade : fidelidade.

Ha em Portuguez um grandissimo numero de palavras derivadas com este suffixo.

*iça* : justiça, malicia.  
*amento*: estado, accão : atrevimento.

Substantivos derivados de verbos :

*ao*, accão : rasgão, comparação  
*ante*, suf. de p. presente : marchante  
*ança, ença, ancia, encia*, forma nomes abstractos : lembrança, crença, ignorancia, resistencia.  
*or* : imperador, fumador  
*mento*, accão, resultado : fallecimento, testamento.

Adjectivos derivados dos substantivos :

*al, il*, no latim *alis, elis, ilis* : imperial, febril.  
*ario, eiro* : imaginario, solteiro  
*atico* : lunatico  
*ente* : prudente  
*oso*, (o suffixo de maior emprego) : nervoso, rendoso, invejoso.

Adjectivos derivados de adjectivos :

*ento* : pardacento  
*ete* : trigerete  
*el* : fiel, cruel  
*oso* : verdoso

Adjectivos derivados de verbos :

*ando, endo* : venerando, tremendo.  
*ado, ido*, (participios passados latinos) : amado, temido,  
*avel, evel, ivel, ovel, uvel* : amavel, indelevel, sensivel, movel, soluvel.  
*ante, ente, inte*, (participios presentes latinos) : amante, tenente, pedinte.  
*ivo* (corresponde a *bilis*) : fugitivo.  
*ico* : espantadiço.

Derivação dos verbos

Os verbos derivam-se com os suffixos

*ar, er, ir*, ajoelhar, emmagrecer, cuspir.  
*isar*: arborizar, fertilizar.  
*icár*: fabricar.  
*itar*: dormitar.  
*mhar*: escrevinhar.  
*escer*: favorecer.

Entre os suffixos gregos temos:

*algia*, dor: odontalgia.  
*cosmo*, mundo: microcosmo.  
*geo*, terra, : apogeo :  
*grapho*, o que escreve: typographo.  
*philo*, amigo: bibliophilo.  
*phago*, comer: antropophago.  
*tono*, som: monotono.

Alem d'este modo de formação de palavras temos a juxta-posição, onde os elementos que as compõem não estão perfeitamente fundidos e um ligeiro exame desobre a composição: redactor-chefe, lusco-fusco, arco iris.

As palavras justapostas compõem-se de

substantivo e subst.	{ arco-iris	pl. )arcos-iris.
subs. e adjectivo : ..	mestre-escola	" mestres-escolas
adj. e subs : .....	redea-falsa ..	" redeas-falsas.
verbo e subs : .....	gentil homem	" gentis homens.
adj. e adj. : .....	guarda vestido	" guarda-vestidos.
particula e adj. : ...	lusco-fusco ..	" luscos-fuscos.
part. e subs : .....	maldicto .....	" maldictos.
verbo e verbo : .....	entre-casco .....	" entre-cascos.
palavras diversas : ..	vae-vem .....	" vae-vens.
	bem-tevi .....	" bem-tevis.

Outras são introduzidas por meio de linguas estrangeiras (Lecção. 4.<sup>a</sup>)

A formação das palavras por meio de prefixo ou justa-posição dá-lhes o nome de compostas; a formação por meio de sufixo classifica-as de derivadas.

As linguas modernas, diz Chavée (1) principalmente as neo-latinas teem formado palavras derivadas contra a logica e as leis organicas da linguagem. Para que, por exemplo, *patriota* e *patriotico* exprimissem aquelle que ama a sua patria, era preciso juntar-se-lhes algum termo que significasse zelo, amor, affectos.

A formação, das palavras compostas dá logar ao que se chama *hybridismo*, que é a formação de uma palavra com termos de linguas differentes.

Entre outras ennumeramos:

Bureaucracia, franez e grego  
Sociologia, latim e grego  
Monoculo, grego e latim  
Linguistica, latim e grego  
Cipóchumbo tupy e latim  
Alcoolmetro arabe e grego

O hybridismo é acceitavel quando um dos elementos componentes não existe na lingua ou quando está consagrado pelo uso.

Precisamos fazer agora outras observações:

1.<sup>a</sup> Ha casos em que a juxtaposição é tam intensa que só uma analyse rigorosa consente que se conheça a composição.

Naufragio : *navis fragium*, quebramento da nau.

Marmota : *murem-montes*, rato montez.

Acabrunhar : *caput-pronare*, vergar a cabeça.

Kermesse : *ker-messe* (hollandez), egreja missa.

Benjoim : *luban-jauin* (arabe), incenso de Java.

2.<sup>a</sup> Deve-se observar tambem que as vezes a juncção do prefixo produz um som desagradável.

Para evitar este hiatu supprime-se a vogal ou consoante final: emigrar *ex-migrar*; intrinseco *intra-secus*; ou então a consoante assimila-se á inicial da palavra seguinte: acclamar, *ad-clamar*.

Estas modificações, como diz Darmsteter, já eram

(1) *Essai d'Etymologie Philosophique* Pag. 32.

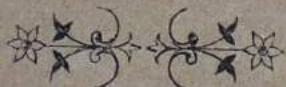
usuaes no latim e são communs a todas as linguas <sup>neg.</sup> latinas. (1)

3.<sup>a</sup> Muitos d'esses compostos latinos, pela quēda do signal externo de composição, ficaram considerados como palavras simples: colhér de *col-ligere*.

A maior parte d'esses compostos decompuzeram-se, porém, na epoca romana: *providére*, *pro vidére* provér; *ex* por *e*; *dis*, por *de*; *subtus* por *sub*, etc.

NOTA. — Julgamos ser desnecessario dar uma lista completa de prefixos e suffixos; a um trabalho mnemotechnico reduz-se o estudo do alumno, do qual não tira proveito algum, affirmamos pela pratica que temos de ensino.

Compete ao professor, tanto que possa, procurar nas palavras, conforme se deparar a occasião, aquelles elementos e explica-los ao alumno.



(1) Des mots composés.



## LECÇÃO DECIMA PRIMEIRA

TAXENOMIA : PARTES DO DISCURSO . SUBSTANTIVO .

### I

A divisão das partes do discurso em um certo numero de classes é muito antiga.

A *taxenomia*, parte da Grammatica que estuda a classifica-las, divide-as em diversas categorias, conforme o aspecto sob que forem consideradas.

Chama ao nome e ao verbo palavras *variaveis*, porque elles soffrem mudança em suas terminações para exprimirem genero, numero, gráu, modo, tempo etc ; e ao adverbio, preposição, e conjuncção *invariaveis*, porque não se sujeitam a essas mudanças.

Estas alterações que os vocabulos soffrem chamam-se *flexões*.

O caracter da flexão não é bastante determinado em Portuguez, porque vemos ás vezes palavras consideradas *invariaveis* sofrerem alterações de gráu como : *sub*, *sobre*, *supremo*, *certamente*, *certissimamente* ; e os pronomes *que* e *quem* incluidos na classe das palavras variaveis, quando não mudam de flexão.

Considerados historicamente os vocabulos podem dividir-se em primitivos e derivados.

*Primitivos* são os que não se originam de outros na mesma lingua : *arvore*, *barca*.

*Derivados* são os que se originam dos primitivos : *arvoredo*, *barcaça*, *barqueiro*.

As palavras derivam-se de outras por meio de suffixos vernaculos, gregos e latinos (Vide Leccão 40.).  
Comparados uns com outros os vocabulos são : synynoms, antonyms, homonyms e paronyms.

As duas primeiras classes são consideradas como fazendo parte da familia ideologica ; as duas ultimas da familia phonica.

As primeiras representam idéas semelhantes ou completamente oppostas.

As segundas, sem representar idéa alguma, confundem os sons.

Synonyms são palavras que, apezar de terem radical differente, teem identico sentido : amor, amizade, estima ; ver, enchergar, olhar etc.

Não pôde haver synonyms perfeitos senão quando um d'elles está em desuso ; si ambos são usados esta synonymia perfeita não pode durar muito tempo, porque o pensamento não se sobrecarregará com uma bagagem inutil e por fim se desembaraça de um d'elles. (1)

Marsh julga que só pôdem ser considerados synonyms as palavras que teem identica significação e pertencem grammaticalmente a mesma cathegoria : aversão, odio, inimizade.

São diversas as causas da grande variedade dos synonyms. Entre as principaes, contamos :

1.<sup>a</sup> Formas divergentes, produzidas por palavras de fundo popular : *mancha* e de fundo erudito : *macula* ou produzidas pela origem do nominativo *ladro* e do accusativo *ladrão* ;

2.<sup>a</sup> Technologia scientifica : *odontalgia*, *dôr de dentes* ; *bexigas variola* ;

3.<sup>o</sup> Diferenças locaes : *doce, bolos* ; *pacova, banana*.

O Dr. Saldanha da Gama appresenta-nos uma grande lista de synonyms entre os vegetaes que mudam ás vezes, de nome nos municipios de um mesmo Estado.

Na infancia das línguas é extra ordinario o numero dos synonyms que tinha uma palavra.

(1) Darmesteter. La vie des mots ; pags 139.

Assim ha 420 para ilha em Islandez; 500 para leão ;  
e 1000 para espada no Árabe.

Os diccionarios sanskritos communs dão 5 palavras  
para mão, 44 para luz, 15 para nuvem, 33 para car-  
nagem, 35 para fogo, 37 para sol. Podia chamar-se o  
sol : o brilhante, o ardente, o globo de ouro, o con-  
servador, o destruidor, o lobo, o leão, o olho do céo,  
o pae da luz, etc..

Para fazer-se idéa d'esta exhuberancia de synony-  
mos na lingua primitiva basta citar por exemplo as  
5744 palavras relativas ao camello enumeradas por  
Hammer. (1)

*Antonymas*, são palavras que tem significados op-  
postos : frio, calor.

*Homonymas*, são palavras que, embora escriptas e  
pronunciadas de um modo semelhante, tem diverso si-  
gnificado : era verbo e era substantivo ; cara adjecti-  
vo, e cara substantivo.

Estes homonymos são chamados *homographos*  
quando escriptos com as mesmas letras, e *homophonos*  
quando, embora escriptos diversamente, pronunciam-se  
do mesmo modo : nós pronome, e noz substantivo ;  
sellas, apparelho para cavallo. e cella quarto de  
convento.

A homonymia dá nascimento áos trocadilhos ou  
equivocos a que os Francezes chamam *calembourgs*.

Entre os latinos : *Malam, malam, malam?*

Preferirei uma maçã (face) desagradavel.

*Nisi non nisi nisi in aliis.*

Os gaviões não se estribam senão nas azas.

*Quid facies facies Veneris cum veneris ante ?*

*Ne sedeas sed eas ne pereas per eas.*

O que farás quando chegares ante as faces de Venus ?

Não pares porém segue, senão morrerás por ellas.

A homonymia em Portuguez é menos do que a syn-  
onymia, fonte de archaismo

Entre as causas do homonymia podemos ennumerar

(1) Max-Muller Lecções sobre a sciencia da linguagem  
Pags. 345 e 458.

como principaes: Contracção das palavras, *grão* (grande), *grão*, substantivo; *cem*, numero (*centum*), sem conjuncção. Corrupção phonetica: a não pronuncia das letras dobradas: *pelo* e *pello*.

*Paronymos* são os vocabulos que teem quasi identica prosodia; teem sentido diverso e são resultantes principalmente dos metaplasmos: descripção e discripção; soar e suar; detrahir e distrahir.

Attendendo á significação das palavras ellas dividem-se em substantivo, adjectivo, pronom, verbo, adverbio, preposição, conjuncção e interjeição ou mais resumidamente em: nome, verbo e particulas.

## II

*Substantivo* é a palavra que designa o nome de animal causa ou objecto ex: Pedro, leão, papel

Os substantivos dividem-se em proprios e appellativos.

*Proprios* são aquelles que indicam individualmente uma causa ou animal, distinguindo-o dos outros, ex: João, Pernambuco.

*Appellativos* são os que indicam a idéa de diversos animaes ou objectos pertencentes todos a uma classe commun ex: pedra, menino, gato.

Os nomes proprios tornam-se appellativos quando são empregados para indicar um grupo, uma classe ex: Os Andradas.

Mesmo assim é costume escrever a inicial d'esses nomes com letra maiuscula, como si fossem substantivos proprios.

Nos substantivos proprios de pessoa temos a considerar o *prenome* que é o communente chamado *nome de baptismo*, e o *cognome* chamado *nome de família*. Assim em Joaquim Nunes Machado, Joaquim é o *prenome*, Nunes Machado é o *cognome*.

Os substantivos proprios derivam-se em grande parte do grego, hebraico, latim e germanico:

Do grego : Theocrito, Phillippe, Diogenes.

Do hebraico : Maria, David, Jeronymo, Moyses.

Do latim : Mario, Deodato, Cicero.

Do germano : Carlos, Eduardo, Izabel.

Nos tempos antigos os nomes proprios serviam para caracterisar os individuos por qualquer facto ou circunstancia notavel em sua vida.

Viamos assim que : Aristides era o melhor ; Job que gome ; Archimedes eminent machinista ou pensador ; Carlos forte, habil ; Leopoldo ornado, valente ; Julio que tem o primeiro pello ; Abrahão pae da multidão ; Agar estrangeira.

Este costume encontra-se muito vivo nas tribus indigenas :

Piragibe, espinha de peixe ; Poty, camarão.

E' pois, opiniao corrente que todos os nomes proprios de homens são antigos epithetos, isto é, antigos adjectivos.

Em certos nomes proprios encontram-se as vezes os elementos gothico e arabe fundidos, como em *Venegas* (Viégas), formado do arabe *Iben* (filho) e do germanico *Egas*.

Ha diversas soluções para explicar a formação dos substantivos *patronymicos*, isto é, dos substantivos proprios que indicam filiação.

Theophilo Braga diz : Nas inscripções hispano-latinas, o nome de familia prevalece sempre ao da tribu. A forma *ez*, peculiar dos *patronymicos* : Alvarez filho de Alvaro, Fernandez filho de Fernando, Mendez filho de Mendo que subsiste no euskariano *ez* e *iz*, apparece no contabrico e asturiano na forma *ves*, como notou Fernandes Guerra que o liga ao primitivo *ives*, pronome ibérico.

João Ribeiro appresenta a opiniao de Larramend que no « *El impossible vencido* julga que o suffixo dos *patronymicos* é originado do artigo vascuense ou 'biscaíno *ez* : Perez de Pero, Garcez de Garcia.

Frederico Diez diz ser originado do genitivo gothico *is* : Rodrigues, Rodriguez : Gothico Hròthareiks ; Fernandes -- Fernandiz Gothico Frithananthis.

Knapps diz : A noção do patronymico exprime a origem. O caso correspondente é o ablativo, originando-se assim do latim : Paes de Pelagies.

Sendo a flexão do plural, vemos o Italiano em i.

Galileo, Galileo.

Os substantivos appellativos dividem-se em abstractos, concretos, collectivos e verbaes.

Abstractos são os que só existem na nossa imaginação, isto é, que não tem existência real ex : esperança, bondade, amor.

Concretos são os que existem realmente, ex : rio banco.

Collectivos são os substantivos que estando no singular indicam pluralidade, indicam multidão, reunião de individuos da mesma especie ex : povo, exercito, rebanho.

E' principal caracteristico d'estes substantivos o exprimir pluralidade estando no singular.

Não se julgue, porém, que elles não possam ter flexão de numero.

Si o substantivo collectivo exprime uma collecção, podemos imaginar a existencia de mais de uma collecção ; assim : um rebanho, seis rebanhos.

O collectivo pode ser *geral* si indica a totalidade da collecção ex : tropa; *partitivo* si indica uma parte ex : batalhão.

Pode ser *determinado*, si indica um numero certo, positivo, ex : duzia ; *indeterminado*, si não designa uma determinação, uma quantidade exacta, ex : chusma.

Ha certos collectivos, diz Julio Ribeiro, que podem chamar-se *especiae*, porque se applicam particularmente a uma cousa mais do que a outra.

São entre outros :

Alcateia de lobos

Armento de bois

Bando de {  
aves  
ciganos  
salteadores

Cafila de camellos

Facto de cabras

Jolda ou choldra de  
cabras

Malta de capoeiras

Manada de bois

Matilha de cães

Manga de arcabuzeiros

Cardume de peixes	Nuvem de moscas
Chusma de criados	Ponta.. " mulas
Corja de } bebados } ladrões	Rancho " soldados
} tratantes	Récua.. " cavalgaduras
Enxame de vadios	Roda... " homens
} abelhas	Sucia... " velhacos
	Vara... " porcos

Substantivos *verbaes* são certas partes do verbo empregados como substantivo ex : o raiar da lua

Diz Leoni : (1) Os autores que primeiro contribuiram para formar a lingua empregaram o infinito do verbo como substantivo de accão, mesmo quando já havia um outro substantivo equivalente, como :

O velho pae sisudo que respeita  
O murmurar do povo....

LUZIADAS, cant. 3.<sup>o</sup> Extr. 122.

O frechar dos arcos. Lucena.

E' isto uma herança do latim.

Quando dizemos o *cahir das folhas*, indicamos a accão d'ellas desprenderem-se e soltarem-se das arvores; no entretanto a *quéda das folhas* denota a abreviatura da accão e em rigor o instante em que o corpo despenhado encontra o chão.

O primeiro indica uma accão indefinida e envolve uma idéa de reiteração ; o segundo uma accão feita e menos propria para representar o acto successivo de se desprenderem.

Assim são muito proprias as expressões : o *romper d'alva*, o *fechar da noute*, o *andar do tempo*.

Estes substantivos só tomam a flexão do plural quando não indicam ou denotam uma accão.

Qualquer palavra ou mesmo uma oração inteira

(1) Genio da Lingua Portugueza.

pôde ser empregada como substantivo : o rico, o sim,  
o psiu, o Faça-se a luz, etc.

Mesmo pôde aparecer uma oração ou proposição  
exercendo a função de um substantivo, embora possua  
a língua o substantivo equivalente, ex. : Esperou que  
*elle viesse*, isto é, *a sua vinda*. Estas orações chamam-  
se substantivas.

Quando duas ou mais palavras teem o valor de um  
substantivo, damos-lhes o nome de locução substantiva,  
ou substantivo composto, ex. : — bem-te-vi, mal-me-  
quer, Pedro Ivo.





## LECÇÃO DECIMA SEGUNDA

FLEXÕES DOS SUBSTANTIVOS : GÉNERO ; NÚMERO

### I

*Flexões* (do latim *flecto*, curvo) são as variações morphologicas que os vocabulos appresentam em sua terminação.

As flexões dividem-se em nominaes e verbaes.

Ha diversas theorias para explicar a origem d'essas mudanças de formas nas terminações.

A escola moderna, a mais acceitavel, tem provado que estas flexões eram originariamente palavras que tinham significação distincta, eram, por assim dizer, pronomes, participios etc., que soldaram-se á raiz.

Esse phenomeno acha-se palpítante nas formas do futuro e do condicional das linguas romanicas : *amarhei* ; *amar-hia* = *havia*.

O latim forma os perfeitos por meio de composição, como em *amavi*, onde se vê que *vi* está por *fui*.

O francez vai mais longe, pois que tem as fórmulas analyticas *j'ai aimé*, e o futuro *aimerai*, por *j'ai à amer*, o que é confirmado pelas velhas formas do sul *dir-vos ai* por *je vous dirai*.

Nos poetas provençais encontramos ;

*Comptar-vos-ai — Contar-vos-ei.* *Donar-<sup>l'eu</sup> hu*  
— *Dar te lo ei.*

No inglez a terminação do preterito *d ou ed* é o preterito *did* do verbo *to do*.

O que Leoni diz sobre a desinencia *ax* latina, vem mais corroborar a nossa opinião.

A desinencia latina *ax*, escreve elle, é uma forma que se deriva do verbo *ago*.

Com efeito, assim como *actio, onis e actus*, us suas variações mostram proceder da mesma raiz ou mais particularmente do nome *atus* que significa obra, produção, impulso, movimento, d'onde provem a ideia de extensão, grandeza, altura e intensidade, significações que se acham todas expressas nas desinencias *aço, eço, iça, oço*.

Com a primeira significação : Canniço, réde *seila* de cannas ; palhaço, feito de palha ; mortiço, de *morte* e *iço*, indicando, *movimento* que se repete e assim tambem : movediço, espantadiço. etc.

Feitiço, feito por *obra* ; como substantivo é corrupção do africano *fatiche*.

Com a segunda significação, isto é, extensão, altura, vemos :

Alvoroco, grande alvura que sobe ao rosto causada por tudo o que pôde abalar o animo ; d'ahi a ideia de *sobresalto* ou *commoção* vehementemente.

Esta palavra, julga Ad. Coelho, designar antes a agitação da madrugada, a *alvorada*, derivando-se assim de *alvor*.

Aranhiço, aranha de pernas muito altas.

Flexões nominaes são as alterações que os nomes soffrem na terminação.

Tratemos agora especialmente das que affectam aos substantivos.

Estas flexões são de genero, numero e gráu.

*Genero* é a distincção do sexo dos animaes. Por extensão a noção do genero foi applicada aos objectos.

Os generos são dous : *masculino* e *feminino*.

\*Ha tres processos para determinar-se o genero dos substantivos : a significação da radical, a terminação e a accepção.

São masculinos pela significação : os nomes de animaes machos : — João, cavallo ; — os nomes de deuses : Satanaz, Baccho ; os dos pontos cardaeas e ventos : — Norte, Sul, Zephiro ; — os de rios, montes, mares : — Beberibe, Alpes, Caspio; os de mezes : — Janeiro ; — as notas de musicas e os nomes dos numeros : — dó, ré, mi ; dez, cem.

São femeninos pela significação : os nomes de animaes femeas : — Maria, leôa ; — os nomes de deusas e divindades : — Venus, Justiça ; — os nomes das cinco partes do mundo, ilhas, cidades, villas e aldeias : — America, Creta, Roma, etc. Esta regra é muito cheia de exceções : a etymologia, a terminação e o capricho são os elementos que poderão distinguir os generos d'essas palavras.

São tambem femeninos pela significação : — os nomes dos dias da semana, com excepção do sabbado e domingo ; os nomes de sciencias artes e letras, com excepção do desenho ; os substantivos abstractos : — sede, embriaguez.

São masculinos pela terminação ; 1.<sup>º</sup> os que terminam em á, como : cajá — exceptua-se : — pá ;

2.<sup>º</sup> os terminados em e como : — pente, — exceptuam-se : — arvore, ave, carne, cidade, especie, fonte, ponte, rede, serie — e todos os substantivos abstractos ;

3.<sup>º</sup> os terminados em é, como : — café, — exceptuam-se : — chaminé, fé, galé, libré, maré, polé ralé, ré, sé ;

4.<sup>º</sup> os terminados em o, como : — tinteiro ;

5.<sup>º</sup> os terminados em ó, como : — cipó, — exceptuam-se : — avó, eiró, enxó, filhó, ilhó, mó, teiró ;

6.<sup>º</sup> os terminados em u, como : — cajú, — exceptua-se : — tribu;

7.<sup>º</sup> os terminados em y, como : — jaboty ; — exceptua-se : — juruty ;

8.<sup>º</sup> os terminados em ai, ao ou au, eo, eu, como : — ai, pau, chapéo, breu — ; exceptua-se : — nau;

9.<sup>º</sup> os terminados em *al*, *el*, *il*, *ol*, *ul*, como : — animal, cordel, funil, anzol, paül ; — exceptuam-se : — cal, pastoral, moral, vestal, capital (cidade principal).

10.<sup>º</sup> os terminados em *am*, *an*, *em*, *en*, *im*, *in*, *om*, *on*, *um*, como : — orgam, irmán, homem, hymen, seraphim, gruin, som, colon, jejum ; — exceptuam-se : — adem, nuvem, ordem — e os terminados em *gem*, como : — imagem ;

11.<sup>º</sup> os terminados em *ar*, *er*, *ir*, *or*, *ur*, como : — altar, prazer, porvir, calor, catur, ; — exceptuam-se : — colher, mulher, cór, dôr, flór ;

12.<sup>º</sup> os terminados em *az*, como : — ananaz ; — exceptuam-se : — tenaz, paz ; — os terminados em *ez*, como : — arnez ; — exceptuam-se : — fez (só usado no plural), rez, tez, torquez, vez ; — os terminados *iz*, como : — juiz ; — exceptuam-se : — aboiz, cerviz, cicatriz, codorniz, matriz, perdiz, raiz, sobrepeliz, variz ; os terminados em *oz*, como : — calabroz ; — exceptuam-se : — foz, noz, pioz, voz ; — os terminados em *uz*, como : — arcabuz ; — exceptuam-se : — cruz, luz;

13.<sup>º</sup> os terminados em *is* e *us*, como : — oasis, pús, — exceptuam-se : — bilis, cutis, phenis ;

14.<sup>º</sup> os terminados em *ão*, como : — coração e quando são augmentativos : — caixão, etc.

Outros, porém, derivados do femenino latino conservam este genero em Portuguêz : — occasião, multidão.

São femeninos pela *terminação* :

1.<sup>º</sup> os acabados em *a*, como : — caneta, lyra, — exceptuam-se : — dia — e em geral os nomes gregos em *a* como : — planeta ;

2.<sup>º</sup> os terminados em *â* e *ê*, como : — lã, mercê. — Os terminados em *â* confundem-se com os terminados em *an*.

3.<sup>º</sup> os terminados em *ade*, como : — saudade — exceptuam-se : — alvaiade, alcaide, abbade, frade.

Pela *accepção* temos :

Masculinos

*Capital*, fundo monetario  
*Cabeça*, principal chefe  
*cura*, sacerdote  
*Lente*, professor.

Femeninos

*Capital*, cidade principal  
*Cabeça*, parte do corpo  
*Cura*, curativo  
*Lente*, vidro de augmento.

Poucas são as regras para formação do feminino dos substantivos :

1.º os que acabam em consoante, accrescentam a letra *a*, flexão caracteristica do genero femenino : como — autor, autora ; portuguez, portugueza.

2.º os que acabam em vogal mudam-na para *a* : — filho, filha ; infante, infanta.

3.º os terminados em *ão*, mudam o *ão* para *ôa*, para *ona*, e para *ã* : — leão, leôa ; folgazão, folgazona ; irmão, irmã.

Estas regras estão, porém, tão cheias de excepções, e ainda são tantos os substantivos que formam o femenino irregularmente que melhor é darmos uma lista a mais completa possível d'estes substantivos :

abbade — abbadessa  
actor — actriz  
alcaide — alcadeza  
autocrata — autocatriz  
avô — avó  
barão — baroneza  
bode - cabra  
boi — vacca  
cão — cadella  
carneiro — ovelha  
cavallo — egua  
cervo — corça  
czar — czarina  
compadre — comadre  
conde — condessa  
diacono - diaconisa  
dom — dona  
duque — duqueza

ladrão — ladra  
macho — femea  
marido — mulher  
monge -- monja  
macho — besta  
mu — mula  
padrasto -- madrasta  
padre — madre  
padrinho — madrinha  
pão — mãe  
papa — papiza  
pardal — pardoca  
perdigão — perdiz  
perú — perúa  
poeta — poetisa  
príncipe — princeza  
prior — prioreza  
propheta — prophetisa

embaixador	— embaixatriz	rapaz	— rapariga
frede	— freira	rei	— rainha
frei	— soror	reu	— ré
gallo	— gallinha	sacerdote	— sacerdotisa
gamo	— corça	sandeu	— sandia
genro	— nora	sultão	— sultana
heróe	— heroina	tecelão	— tecedeira
homem	— mulher	tabaréo	— tabaréa ou ta-
ilhéo	— ilhôa	baréa	
imperador	— imperatriz	visconde	— viscondessa
judeu	— judia	zangão	— abelha

Ha alguns substantivos que admittindo flexão de gênero indicam aumento de volume ou de capacidade, outros cujo masculino indica unidade e o femenino colleção, e outros finalmente cuja flexão femenina faz com que a palavra não tenha correspondencia de significação ou etymologia com o seu variante masculino.

Do 1.<sup>º</sup> caso temos : — bacio, bacia ; jarro, jarra ; vallo, valla.

Do 2.<sup>º</sup> caso temos : — fruto, fruta ; ramo, rama ; bago, baga ; marujo, maruja.

Do 3.<sup>º</sup> caso :

barro	— argilla	barra	— entrada do porto
cachaço	— pescoço	cachaça	— aguardente
pinto	— animalzinho	pinta	— marca, signal
tino	— juizo, insticto	tina	— vasilha
thesouro	— logar onde se guarda dinheiro	tezoura	— instrumento contante.

Ha substantivos tambem que, debaixo de uma só forma, designam os dous sexos ; para distingui-los propõe-se-lhes os adjectivos *macho* e *femea* ; como : tigre, jaguar, sabiá, cegonha — ; são chamados *epicenos*.

Outros, cujo genero só é conhecido pelo determinativo que os precede — : o *martyr* (masc.), a *martyr* (fem.) ; um *hypocrita* (masc.), uma *hypocrita* (fem.) ; são chamados *communs a dous*.

Alguns grammaticos reunem estas duas classes sob o nome de *uniformes* (uma forma) em contraposição aos outros substantivos que se denominam *biformes* (duas formas).

Em Portuguez, como vimos, os generos são dous : masculino e feminino ; entretanto a lingua Latina d'onde a nossa originou-se tem mais um que é o *neutro*.

E' bom notar que os Romanos cédo perderam tambem o sentimento do emprego do neutro, genero a que com muita razão chamam os Grammaticos indianos *kliva*, isto é, *cunuco*.

Apezar de só terem passado para o Portuguez os generos masculino e feminino, acha João de Barros que se confessa o primeiro que pôz em arte a nossa lingua, que podem ser classificados como neutros os nomes das letras do alphabeto, os substantivos verbaes : *o querer*, *o amar* etc. e artigo *al.*

Soares Barbosa considera neutras as terminações de alguns de nossos adjectivos de tres formas, a primeira dos adjectivos de duas e ainda a unica dos adjectivos de uma só, quando empregados no discurso ou substantivamente ou para modificar orações inteiras. Temos as formas : —este (masc.), esta (fem.), isto (neutro) ; esse (masc.), essa (fem.), isso (neutro) ; aquelle (masc.), aquella (fem.), aquillo (neutro) ; todo (masc.), toda (fem.), tudo (neutro) etc.

Diez é de parecer que sempre que os adjectivos *aquillo*, *algo*, *outrem*, *isso* etc. preencherem funcções de substantivo e vierem empregados como predicados de um nome neutro ou de uma phrase inteira, devem ser considerados como de genero neutro.

Bergmann é de opinião que as formas substantivas : o verdadeiro (*verum*) ; o bello (*pulchrum*) ; o bom (*bonum*), são verdadeiros typos do neutro.

Além d'estes, temos neologismos latinos que por serem do genero neutro nessa lingua podem ser considerados do mesmo genero, em Portuguez como : *curriculum vitæ*, *memorandum*, *ultimatum*, *mare magnum*, *Corpus Christi* etc.

Em todo o caso só incidentemente aparecem estes e casos semelhantes.

Ha bastante divergencia entre os generos de algumas palavras em diversas linguas.

Assim em allemão *mulher* é do genero neutro, *lúa* masculino, *sol* feminino; em francez *mar* é feminino e em Portuguez esse genero é conservado na palavra *preia-mar* (plena-mar).

As palavras *cometa* e *planeta* eram antigamente femininas:

Camões diz :

Mas já a *planeta* que no céu primeiro  
Habita cinco vezes apressada.

*Arvore*, *linhagem*, *tribu* eram masculinas.

Theorema, problema, clima, *fim* eram femeninas.  
No Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende vemos :

Foy m'º princepe olhar  
Por seu nojo e *minha fym*

Diz A. Garrett : O povo á maneira de nossas antigos escriptores, ainda hoje faz *fim* ora masculino, ora femenino, mas não indiferentemente nem á tòa. *Fim*, como alvo, objecto etc. é sempre masculino; como termo, acabamento de vida ou de outro estado qualquer, sempre feminino, para elles.

## II

*Numero*, é a propriedade que tem os nomes de mostrar a unidade ou pluralidade pela mudança de terminação.

Os numeros são dous: *singular* e *plural* que existentes no Latim passaram da mesma forma para o Portuguez.

Esta lingua, porém, possue algumas palavras que mostram reminicencias do *dual* grego: — dous, ambos, nós, vós.

A regra geral para os substantivos formarem o plural é accrescentar lhes um *s* ao singular.

Este *s* é a terminação do accusativo plural latino de todas as declinações, com excepção unica dos nomes neutros, dos quaes possuimos indicando idéa numerica plural os nomes *alimaria* (animaes), *moda* (os modos).

Os nomes que terminam em voz pura (vogal ou diphthongo) ou nasal seguem a regra geral : — alma, rede, livro, cajú, maçã, pae, mãe, orgam, — exceptuados : — ademan — que faz — ademanes, — canon — que faz — canones.

Fazem tambem o plural regularmente os terminados em *k*, *b*, *d* *t* etc., de origem estrangeira : --- Almanak, Job, bond, deficit. Muitos, porém, conservam o plural originario : — memorandum, — plural — memoranda ; — dilletante, — plural — dilletanti.

Os nomes que no singular já terminam por *s* não soffrem alteração passando para o plural : — pires. Exceptuam-se : — Deus — que significando os do Paganismo ou os falsos, faz — Deuses ; — simples — que faz — simples, — e antigamente — ourives e alferes — que faziam — ouriveses e alfereses.

.... alfereses volteiam as bandeiras  
Camões, Canto 4.<sup>º</sup>, Estr. 27.

Dos terminados em *ão* uns seguem a regra geral : — mão, mãos ; --- outros mudam o *ão* em *ães* : --- capião, capitães ; — outros mudam o *ão* em *ões* : — coração, corações.

Uns escriptores sustentam que à razão d'esta diversidade deve-se procurar na origem latina d'estas palavras, e assim dizem : Si os nomes em latim forem da 2.<sup>a</sup> declinação o seu plural é *ãos* (accusativo plural *anos*) ou *ães* (accusativo plural *anes*) ; si forem da 3.<sup>a</sup> o plural é *ões* (accusativo plural *ones*) como : latim *organos*, portuguez *orgãos* ; latim *panes*, portuguez *pães* ; latim *leones*, portuguez *leões*.

Basta transformar o *o* em *til*, seu equivalente.

Outros escriptores dizem :

Si o nome castelhano termina em *an* o portuguez em *ões*: *sacristan*, *sacristães*; si no castelhano terminar em *ano*, o nosso plural é *ões*: *ciudadano*, *cidadãos*; si terminar em *on* o plural é *ões*: *coraçon*, *corações*.

Os que não teem origem latina ou castelhana forma o plural em *ões*.

Apezar d'estas regras ha certos nomes terminados em *ão* cujo plural não está bem determinado, como *aldeão*, aldeães e aldeões; *alão*, alães e alões; *ancião*, anciãos e anciões; *charlatão*, charlatãos e charlatões; *folião*, foliaes e foliões; *guardião*, guardiaes e guardões; *phaisão*, phaisães e phaisões; *villão*, villães e villões, etc.

Os que terminam em *em*, *im*, *om*, *um*, mudam o *m* em *ns*: —homem, homens; seraphim, seraphins; sons; atum, atuns,

Os que terminam em *al*, *ol*, *ul*, mudam o *l* em *es*: —animal, animaes; lençol, lenções; paúl, paúes. Exceptuam se: —cal, mal, real, consul e seus compostos que fazem: — cales, males, reales (moeda hespanhola) e reis (moeda portugueza), consules, etc.

Os que terminam em *el* mudam o *l* em *is*: papel, papeis.

Os que terminam em *il* paroxytono mudam o *il* em *eis*: —fóssil, fósseis.

Os que terminam em *il* oxytono mudam o *l* em *s*: fuzil, fuzis; barril, barris.

Os que terminam em *r* ou *z* accrescentam *es*: amor, amores; juiz, juizes.

Os que terminam em *x* mudam esta letra para *ce* e accrescentam *s*: — calix, calices; index, indices; codex, codices.

Em Portuguez poucos são os nomes d'esta terminação e apresentam elles duas formas no singular: *calix* e *calice*.

Sobre os nomes terminadss em *o* devemos observar que alguns ao passarem para o plural mudam o *o* fechado tonico em *o* aberto: — ovo, óvos; imposto, im-

Outros, porém, conservam-no fechado ; — coco, co-  
cos ; momo, momos.

Não ha regras bem assentadas sobre a phonética do  
plural d'estes substantivos.

Em todo o caso podemos appresentar as seguintes  
deduzidas de artigo do Dr. Castro Lopes :

Quando o ó fechado no singular é seguido das let-  
tras *b*, *c*, *ç*, *d*, *f*, *gr*, *j*, *l*, *lh*, *m*, *n*, *p*, *rd*, *rm*, *ro*, *rr*,  
*rs*, *rt*, *rr*, *st*, *t*, *xouch*, com o som de *x*, *ez*, conserva-se no  
plural fechada a dita vogal, como: golbo, globos; socco,  
soccos ; lodo, lodos ; fofa, fofos ; sogro, sogros ; nojo, no-  
jos ; bolso, bolsos ; piolho, piolhos ; torno, tornos ; dono,  
dinos ; escopo, escopos, accordo, accordos ; mormo,  
mormos ; choro, choros ; morro, morros ; dorso, dorsos ;  
conforto, confortos ; sorvo, sorvos ; encosto, encostos ;  
gafanhoto, gafanhotos ; roxo, roxos ; mocho, mochos ; ra-  
pozo, rapozos.

Exceptuam-se: 1.<sup>º</sup> quando o ó é seguido de *c* mas  
precedido de *tr* abre-se no plural : — troco, trócos; 2.<sup>º</sup>  
quando o ò é seguido de *ç*, mas procedido de *p*, ou *tr*,  
fica aberto no plural : — pôco, pôcos ; destroço, des-  
trocos. 3.<sup>º</sup> — miolo e tijolo — fazem no plural — miólos e ti-  
jolos — porque não tem consoante algum que preceda  
immediatamente o o. Pela mesma razão ; — olho faz  
óhos.

4.<sup>º</sup> Exceptuam-se também — socorro e forro — que  
fazem — soccorros e fórros.

5.<sup>º</sup> — Porto --- faz no plural — pôrtos.

6.<sup>º</sup> — Composto, imposto e preposto — fazem : —  
compóstos, impostaos e prepóstos ; — e como estes, to-  
dos os formados do verbo *pôr*.

Quando a vogal o fechada vem antes de *g*, *rn*, *rp*,  
*so*, *ss*, *v*, no plural transforma-se em ó aberto.

Antes de *g* : — fogo, fôgos ; — exceptuam-se : —  
desafogo e pedagogo.

Antes de *rn* : — adorno, adornos.

Antes de *rp* : — corpo, córpos.

Antes de *so* : — goso, amoroso, gósos, amoròsos e  
todos os terminados em *oso*.

Antes de *ss* : — ósso, óssos -- exceptuam se : --- en-

dosso, ensosso ; --- porque --- endosso - é composto do vocabulo --- dorso (o antes de rs), e --- ensosso --- é composto de *in* e *salsus* que mudando o *a* em o *l* em s produz as syllabas --- sosso--- as quaes não vem de substantivo - - osso.  
Antes de *v* --- ovo, óvos, povo, póvos.

Alguns substantivos não são usados no singular : alviçaras, algemas, matinas, nupcias, trevas, --- etc. Outros não se usam no plural : 1.º os nomes proprios : --- Paulo, João. Exceptuam-se os casos em que são empregados figuradamente, indicando uma classe em Camões :

Um Pacheco fortissimo e os timidos  
ALMEIDAS por quem sempre o Tejo chora.

Canto 1.º, Estr. 43.

Os PEREIRAS tambem arrenegados.

Canto 4.º, Estr. 40.

2.º os nomes de sciencias, artes, virtudes e vicios empregados abstractamente: Philologia, pintura, caridade, embriaguez ;

3.º os nomes de provincias, estados, rios, montes, serras etc :— Pernambuco, Capibaribe, Mantiqueira ;

4.º os nomes de metaes ou substancias inorganicas ; — ouro, hydrogenio ;

Em geral os substantivos abstractos não são usados no plural.

Ha substantivos que soffrendo á flexão do plural mudam de significação : bem, bens ; honra, honras ; liberdade, liberdades ; letra, letras.



## LECÇÃO DECIMA TERCEIRA

FLEXÕES SUBSTANTIVAS : GRAU, DECLINAÇÃO EM LATIM E PORTUGUEZ

### I

Os substantivos além da flexão de genero e numero que soffrem, podem tambem mudar a sua terminação para exprimir a maior ou menor intensidade na grandeza dos objectos.

Dá-se a esta flexão o nome de *gradativa* que consiste na addição de desinencias para augmentar ou diminuir a idéa da palavra São, pois, *augmentativo* e *diminutivo* os graus do substantivo.

A noção de gráu pode ser applicada a qualquer classes de palavras, conforme o sentido e a extensão que se derem a essa noção.

D'este modo, quem negará que nos synonymos não se observam estes phenomenos ?

Por acaso não terá uma significação mais intensa a palavra *palacio* do que a palavra *casa* ?

O mesmo poderíamos dizer, se observassemos a etymologia de certas preposições como: *in*, comparativo *inter*, superlativo *intimus*; *ex*, comparativo *extra*. superlativo *extremus*; *sub*, *super*, *supremus* etc.

Nos pronomes as formas do gráu comparativo arya-

no ter são indiscutiveis : nos comparativo *noster*; cos  
comparativo *voster*.

Os verbos por sua vez podem ser susceptiveis de  
grau.

Assim, exprimindo a frequencia ou reiteração de um  
acto, diremos: *saltitar*, *palpitlar* e *tutucar* originados de  
*saltar*, *palpar* e *toear*.

Esse processo é usado pelos indigenas, e como diz  
José de Alencar: *Muré flauta*, *mnrémuré*, flauta  
grande.

Muitas vezes encontramos as formas do gerundio  
assumindo flexão diminutiva como para dar mais ex-  
pressão á phrase, o que também acontece no Gallego e  
Hespanhol: — Estar *dormindinho*.

Da mesma maneira os adverbios aceitam uma mu-  
dança na terminação para tomar forma diminutiva: ce-  
dinho, *devagarinho*.

No estylo familiar é uso repetir a mesma palavra  
para augmentar a força da expressão: --- Estou *muito*  
*muito* satisfeito.

A Grammatica, entretanto, só dá flexão gradativa  
aos substantivos e adjectivos.

Os dous graus dos substantivos *augmentativo* e *di-  
minutivo* podem ser *analyticos* e *syntheticos*.

*Analyticos* são os expressos por duas palavras.

Neste caso as palavras empregadas são: *grande*  
para o *augmentativo* e *pequeno* para o *diminutivo*, como:  
— casa grande, casa pequena

*Syntheticos* são os formados por meio de suffixos.  
É este o caso mais usual na lingua e para elle da-  
mos as seguintes regras:

Para formar o *augmentativo*:

Os nomes que terminam em vogal perdem esta let-  
tra e accrescentam as desinencias *ão*, *aço*, *az*, *azio*,  
*alha*, *orio*, *astro*: --- casaco, casacão; mestre, mes-  
traço; carta, cartaz; copo, copazio; gente, gentalha;  
sabido, sabidorio; poeta, poetastro.

Os que terminam por consoante soffrem sem alte-  
ração alguma, o accrescimento d'aquellas terminações: ---  
mulher, mulherão ou mulherança.

Além d'estes suffixes ou terminações o Portuguez tem mil modos de formar o augmentativo, modos que não se podem sujeitar a regras.

Assim de --- amigo --- formamos o augmentativo --- amigalhão ; --- de bocca, boqueirão --- de espada, espadagão --- de cão, canzarrão --- de nariz, narigão --- de tolo, toleirão --- de santo, santarrão --- de homem, homenzarrão

Deduz-se, porém, de todos estes exemplos que o principal suffixo augmentativo é *ão* e o seu feminino *ona*.

A Lingua Portugueza possue tambem certos augmentativos a que faltam positivos, como : ---cansaço, eomilão, dizidor, estirão, fujão.

Para formar o *diminutivo synthetico* devemos observar :

1.º si o nome termina em vogal, ou esta cão ou coloca-se a letra *z* para depois addicionarem-se lhe sem mais alterações os suffixos diminutivos ; --- filho, filhinho, cão, cãozinho.

2.º si termina por consoante ou coloca-se aquelle *z* ou accrescenta-se sem mais alteração os suffixos : ---colicher, coherinha ou colherzinha.

Os suffixos diminutivos são *acho, culo, ejo, el, elha, ela, ete, eto, ico, ilha, im, inho, isco, ito, ola, ote, ulo* ; ---*rio, riacho* ; animal, animaculo ; animal, animalejo ; fardo fardel ; aza, azelha ; via, viela ; sabão, sabonete ; coro, coreto ; abano, abanico ; manta, mantilha ; flauta, flautim ; pae, paesinho ; chuva, chuvisco ; pequeno, pequenito ; saco, sacola ; rapaz, rapazote ; globo, globulo

E' desnecessario dizer que a cada desinencia masculina corresponde uma feminina ; assim a *ão* corresponde *ona* ; a *ito*, *ita* ; a *elo*, *ela*, a *eto*, *eta* ; a *inho*, *inha*, etc.

Possue a Lingua Portugueza diminutivos irregulares empregados na linguagem familiar, diminutivos que em alguns casos exprimem mais carinho do que propriamente diminuição. Estão neste caso : - Papae titio, vovo, padrinho. Em outros casos o diminutivo é formado pela reduplicação de uma syllaba da palavra :

de José, Zézé — de Luiz, Lulú — de Carlota lota.  
Estes vocabulos são chamados *hypocoristicos*.<sup>16</sup>

II

Na *Sciencia da Linguagem* diz Max Müller sobre casos : (1)

Na lingua philosophicā dos Stoicos, *ptozis* que os Romanos traduziram por *casus*, significa realmente *quēda*, isto é, a relação de uma idéa com outra e o acto pelo qual uma palavra cárne se appoia sobre outra.

Longas e vivas discussões appareceram sobre a questão de saber se si o termo *ptozis* ou *casus* podia applicar-se ao nominativo e todos rejeitaram a expressão de *casus rectus*, porque, segundo os grammaticos stoicos, o sujeito ou nominativo não cárne nem sobre causa alguma se appoia, mas sim serve de ponto de appoio ás outras palavras da oração.

Ed Chaignet explica a razão d'esta denominação de *caso recto* dizerdo (2) :

A palavra em si é sempre o signal de uma accão, porque nós não percebemos senão movimentos e accões ; a substancia immovel que os produz se oculta e desapparece.

Mas como ella não existe só para isto, porem é tambem o fundamento necessario de toda a actividade, o principio immovel de todo o movimento, collocamo-la, suppomo-la no discurso como ponto de repouso d'onde parte o movimento, d'onde se desenvolve o predicado.

D'ahi a forma que toma o sujeito de todo o verbo, este *caso recto* que se chama *nominativo* e que mostra o ser em repouso, existente em si e por si.

Os outros casos não são nōmes, como diz Aristoteles, mas derivações, obliquidades, declinações do nome.

(1) Pag. 126.

(2) La philosophie de la science du langage.

O nominativo e os demais casos de que se compõe a declinação latina sofreram senão completo desapparecimento, pelo menos grande simplificação, simplificação que já se observa na propria lingua latina.

A diminuição, depois o desapparecimento nas linguas romanas da declinação casual tem causas phonéticas e syntacticas. Sem remontar além do Latim clássico que nos oferece já uma declinação reduzida, essa declinação foi a principio attingida profundamente pela queda do *m* final.

Na 4.<sup>a</sup> declinação ficando confundidos o nominativo e o accusativo, resultou a vinda das preposições para reger o accusativo. (1)

O desapparecimento dos casos trouxe em Portuguez o emprego do sistema proposicional que tambem se encontra no latim popular, como dissemos.

Por certo foi se operando lentamente nas linguas neo-latinas, e em francez, como diz Brachet, temos a distinção do artigo *li* nominativo, de *le* accusativo.

Hovelacque affirma que a simplificação encontra-se em todas as linguas modernas.

Em Portuguez encontramos alguns vestigios da declinação latina.

Do *nominativo*, temos principalmente os nomes proprios : — Carlos, Luiz, Marcos, Moysés, calix, Deus, Jesus, siñples, demo, elle, ladra (de que prevaleceu o feminino *ladra* em logar de *ladrona*), leopardo, serpe, vinagre.

O nominativo parece ter sido, diz Sayce, uma adição posterior à declinação nominal. Tudo parece indicar que o accusativo é a forma mais primitiva do nome. (2)

Do *genitivo* poucos vestigios encontram-se em Portuguez e isto é facil de explicar porque desde o periodo clássico o genitivo começou a ser substituido pelo ablativo com a preposição *de*.

(1) Romania n. 91—1894, Pag. 321.

(2) Principes de Philosophie Comparée.

Assim mesmo encontramos — aqueducto, jurisecon, sulto, legislação, petroleo, plebiscito, terremoto.

Do *dativo*, por causa da confusão do locativo, do genitivo, do ablative e do instrumental, como diz Schleicher, a flexão era imperfeita. Assim mesmo possuímos os pronomes: — mim, ti, si, lhe; crucifixo, devoto, fideicomisso.

Foi o *accusativo* um dos poucos casos da declinação latina que na passagem para o Portuguez conservou toda a força syntactica.

E' occasião de succinctamente tratarmos da questão de qual ser o caso d'onde etimologicamente derivaram os nomes portuguezes: do *accusativo*, ou do *ablative*? Dizem os que sustentam ser o *ablative* o caso originario, que, por exemplo, a palavra *servo* em Portuguez não pôde vir de *servum* (acc.) e sim deve vir de *servo* (abl.). Esse grande argumento cae por terra desde que attendamos que o sufixo *m*, resto da forma aryano *ma*, perdeu-se, o que já é observado nos antigos documentos da lingua.

Segundo Diez, o *m* final tinha um som surdo particular, e era muitas vezes suprimido, sobretudo nas inscrições.

Nos mais antigos documentos encontram-se: *viro*, *urbe*, por *virum*, *urbem*.

Diz Corssen: E' difícil de dizer quando as consoantes *s* e *m* cujo som na bocca do povo desde os tempos mais antigos era surdo e fraco, cessaram de ressoar e desapareceram.

Desde o começo do seculo 4.º a queda completa do *m* e *s* finaes era um facto na linguagem popular.

A queda do *m* é tam natural como a do *s* de grande numero de nominativos.

Vemos assim no latim barbaro *illo* por *illum*, *Antonio* ou *Antoniu* por *An'onius*.

Para provarmos ainda mais ser o *accusativo* o caso originario, basta observarmos as palavras imparisyllabas neutras:

tempo — acc.

tempus. abl. tempore

corpo	— acc.	corpus.	abl.	corpore.
peito	— " "	pectus.	" "	pectore.
lado	— " "	latus.	" "	latere.

D'onde se vê, a originarem-se do ablativo estas palavras deviam ser em Portuguez : *tempre, corpre, latre*, etc., como succede com os nomes que não são neutros.

arvore	— acc	arborem.	abl.	arbore.
lebre	— "	leporem.	"	lepore.

Ainda se encontram vestigios do accusativo nos pronomes — te, se, nos, vos, nos terminos o, a, (*illum, illam* accusativos de *ille, illa*).

Em alguns vocabulos portuguezes acham-se vestigios do accusativo: — marmota, morcego, homem.

E' digno de nota os dous casos nominativo e accusativo dando origem a mesma palavra.

A derivação só é indicada pelo accento tonico.

virgo	(nominativo)	lat.	virgo
virgem	(accusativo)	"	virginem
erro	(nominativo)	"	error
error	(accusativo)	"	errorem
ladro	(nominativo)	"	latro
ladrão	(accusativo)	"	latronem
serpe	(nominativo)	"	serpe
serpente	(accusativo)	"	serpentem
léo	(nominativo)	"	léo
leão	(accusativo)	"	leonem
saibo	(nominativo)	"	sapor
sabor	(accusativo)	"	saporem

O mesmo encontra-se em Francez : *Pâtre, pasteur*; *sire, seigneur*; *chantre, chanteur*.

E' o que constitue as formas divergentes.

O *vocativo*, por ser uma repetição do nominativo, somente introduzio no Portuguez a palavra : Ave-Maria.

Em Portuguez para empregarmos este caso prece-  
demo-lo de alguma interjeição.

O *ablativo*, segundo Bréal, tornou-se pela perda do locativo e do instrumental o representante de um grande numero de relações, vindo então em seu auxilio o emprego de varias preposições.

Um fragmento da obra de Cesar Da *Analogia* nos faz crer que é talvez a elle a quem devemos o termo *ablativo*.

Este nome não se encontra em escriptor algum anterior.

O *ablativo* foi o caso que mais relações representava e segundo diz J. F. de Castilho em cada grupo de palavras novas descendem do ablativo.

Verificou tambem este escriptor que em uma pagina de Cicero dous terços dos substantivos e adjectivos estavam no ablativo.

Em Portuguez possuímos algumas palavras que nos indicam vestigios d'este caso. Assim : — Amanuense, agora ; as formas migo, tigo, sigo, que passaram aglutinadas com as preposições para o Portuguez, Italiano e Hespanhol, e todos os adverbios em *mente* (ablativo de *mens, mentis*).

Na linguagem popular encontramos formas com esta origem, taes como : *cum quibus* (dinheiro), *qui-pro-quo* (engano, descuido) *busillis*, derivado segundo o Dr. Castro Lopes da phrase *in diebus illis*.

Terminemos com Michel Bréal (1) : Todos sabem que um dos principaes caracteres que distinguem as linguas romanas do Latim, é a perda da flexão casual dos adjectivos. Si perguntamos d'onde vem esta mudança, a observação externa nos revela duas causas : a pronun- ciação e o accento tonico.

Corssen demonstrou que para o fim do imperio romano o o e o u acabaram de confundir-se ; que da mesma maneira os sons do e e do i se tinham approxi- mado tanto que tornou-se difícil distingui-los.

Não precisa maior prova para demonstrar o desaparecimento da declinação em Portuguez.

(1) *Mélanges de Mythologie et Linguistique*.



## LECÇÃO DECIMA QUARTA

### ADJECTIVOS : DIVISÃO.

Os adjectivos são considerados por alguns philologos como as primeiras palavras que o homem pronunciou ao adquirir a faculdade de falar.

E' assim que o *sol* é o *brilhante*, o *rapido*.

Parece á primeira vista que o que mais devia ferir os olhos do observador eram as qualidades exteriores, os attributos.

Sayce é de opinião que o vocabulo primitivo, tinha o sentido de uma phrase, e diz que a linguagem pertence á sociedade e não ao homem, deve pois começar com a phrase e não com a palavra. (1)

E' esta uma profunda questão da Linguistica.

Diz Rousseau e com razão que pode-se julgar que as primeiras palavras de que os homens fizeram uso, tiveram no seu espirito uma significação muito mais lata do que as que são empregadas nas línguas já formadas, e que elles ignorando a divisão do discurso em suas partes constitutivas deram a principio a cada palavra o sentido de uma proposição inteira. (2)

O mesmo diz Schleicher.

Definamos o que seja adjetivo.

*Adjectivo* é a palavra que exprime um attributo qualificativo ou determinativo que modifica o substantivo.

---

(1) Principes de Philologie Comparée. Cap. 4.<sup>o</sup>

(2) Discours sur l'inégalité.

Seu principal caracteristico é vir sempre com o substantivo claro a quem modifica ; quando este está occulto o adjectivo toma o nome de *pronomé*.

Esta opinião não é geral ; querem alguns gramáticos que em qualquer dos casos o adjectivo não perca a sua denominação.

O adjectivo divide-se em qualificativo e determinativo.

*Qualificativo* é o que mostra a qualidade ou propriedade da pessoa ou cousa expressa pelo substantivo : *bom livro, casa grande*.

*Determinativo* é o que limita, destingue ou designa a pessoa ou cousa expressa pelo substantivo : *meu livro, esta casa*.

O adjectivo qualificativo divide-se em explicativo ou restrictivo.

*Explicativo* é o que mostra uma qualidade essencial, uma qualidade que já pertence ao substantivo : *homem bipede, agua molle*.

*Restrictivo* é o que mostra uma qualidade acidental, accessoria, uma qualidade que pode pertencer ou não ao substantivo : *homem branco, rosa encarnada*.

Praticamente para distinguir-se o adjectivo restrictivo do explicativo basta collocar se antes do substantivo a palavra *todo* e si o sentido ficar completo e lógico o adjectivo será explicativo, no caso contrario será restrictivo.

Esta distinção é baseada mais na significação do substantivo de que na propriedade do adjectivo ; assim é que um mesmo adjectivo pode ser explicativo ou restrictivo conforme o substantivo com que concordar : *gelo frio, frio* é adjectivo explicativo ; *tempo frio, frio* é adjectivo restrictivo.

Os adjectivos determinativos dividem-se em

Determinativos	Possessivos	{	Cardinaes
	Demonstrativos		
	Relativos		
	Quantitativos		
	Articulares		
	Numeraes		Ordinaes
	Indefinidos		

*Adjectivos possessivos* são os que exprimem idéa de posse em referência ás pessoas grammaticaes.

As pessoas grammaticaes são :

Eu, nós (1.<sup>a</sup> pessoa) ; tu, vós (2.<sup>a</sup> pessoa) ; elle, ella, elles, ellas (3.<sup>a</sup> pessoa). (1)

Os adjectivos são portanto :

Masculino : meu (*meum*), teu (*tuum*), seu (*uum*)  
Feminino : minha (*meam*), tua (*tuam*), sua (*uam*)

referindo-se a uma só pessoa.

Masculino : nosso (*nostrum*), vosso (*vostrum* ou *ves-trum*)

Feminino : nossa (*nostram*), vossa (*vostram*)  
referindo se a mais de uma pessoa.

As formas do plural : meus, teus, seus, minhas, tuas, suas, nossos, vossos, nossas, vossas são formadas na propria lingua.

Na origem latina d'estes adjectivos ha a notar o feminino = minha — ao lado de — tua e sua. Deveremos observar, porem, que a forma primitiva era —mia— até o seculo 12.<sup>o</sup> e que pelo prolongamento da nasal *m* ficou —minha,— como prova—mui—pronunciado *muin* — muito, (*muinto*) e mancha (*maculam*).

Encontra-se a forma *mia* no Canc. inedito : *Mia morte* ; com *mia molher* (Diez).

*Adjectivos demonstrativos* são os que indicam a posição dos objectos. São : simples e compostos :

*Simples* :

este, esta (singular) estes, estas (plural) lat : *iste, ista esse, essa* (singular) *esses, essas* (plural) lat : *ipse, ipsa aquelle, aquella* (singular) *aquelles, aquellas* (plural) lat : *ecce illum, ecc'illum, ecce illam, ecc'illam* ou *hic ille, hic illa*.

*Os compostos* são :

(1) Vide Lecção 15.<sup>a</sup>

Est'outro, a, os as do latim *ist'alterum*

Ess'outro, a, os, as » » *ips'alterum*

Aquell'outro, a, os, as, do latim *ecc'illum alterum.*

Os adjectivos demonstrativos appresentam vestigios do genero neutro nas formas: isto (*istud*), isso, (*ipsud*), aquillo (*ecc'illud*) e seus compostos: ist'outro, iss'outro e aquill'outro, que todos são somente considerados como pronomes.

— Este — refere-se á pessoa ou ao objecto que está proximo de quem fala (1.<sup>a</sup> pessoa)

— Esse — á pessoa ou objecto que está proximo á pessoa com quem se fala (2.<sup>a</sup> pessoa)

— Aquelle — refere-se á pessoa ou objecto que está distante de ambos (3.<sup>a</sup> pessoa).

*Relativos*, são os que lembram uma pessoa ou cousa e ligam orações. São, por isso, chamados tambem *conjuncivos*.

São :—qual, plural *quaes* (*qualis*); que (*qui*); quem (*quem*); cujo fem. cuja, plural cujos, cujas, (*cujus*). Estas palavras devem antes ser incluidas na classe dos pronomes, pois que com excepção de *cujo*, nunca trazem substantivo junto com que concordem, a não ser em phrases exclamativas e interrogativas.

*Quantitativos*\* são os adjectivos que indicam um numero, uma quantidade certa ou incerta.

Quando exprimem uma quantidade certa chamam-se *numeraes*.

Quando exprimem um numero, uma quantidade incerta, indeterminada chamam-se *indefinidos*.

Os numeraes dividem-se em *cardinaes* e *ordinaes*.

*Cardinaes* são os que exprimem simplesmente a idéa numerica: —cinco, cem.

*Ordinaes* são os que indicam o numero com idéa de ordem, de collocação: - quinto, centesimo.

Os numeraes portuguezes só se distinguem dos latinos pela phonetica: um, *unus*; dous, *duos*; tres, *tres*; quatro, *quatuor*; cinco, *quinque*; seis, *sex*; sete, *septem*; oito, *octo*; nove, *novem*; dez, *decem*.

de 14 a 15, dizem Pacheco e Lameira, (1) os nossos numeros indicam uma contracção regular dos typos latinos, sujeitos á accão dissolvente das leis phoneticas que transformaram a desinencia *cim em ze*. Assim temos : onze, *undecim*; doze, *duodecim*; treze, *tredecim*; quatorze, *quatuordecim*; quinze, *quindecim*.

De 16 a 19 abandonando as formas syntheticas seguio o Portuguez outro modelo a que os Romanos davam preferencia por ser mais claro, segundo refere o Grammatico Prisciano : —dezesepte, *decem et septem*; dezoito, *decem et octo*; dezenove, *decem et novem* (Tito Livio, Cezar) e em toda a numeracão d'elle não mais se afastou.

De 20 a 90 nota-se o atrophiamento do numeral latino.

Assim : vinte, *viginti*; vinte e um, *viginti unus ou unus et viginti*; vinte e dous, *viginti duos ou duos et viginti*; trinta, *triginta*; quarenta, *quadraginta*; cincuenta, *quinquaginta*; sessenta, *sexaginta*; setenta, *septuaginta*; oitenta, *octoginta*; noventa, *nonaginta*.

E' digno de nota o que Max-Muller baseado em Bopp diz sobre o numero *vinte* : (2)

— Vinte — no latim *viginti* e no sanskrito *vinsanti*, encerra em si mesmo o proprio nome do numero. Em primeiro logar *vi* foi reduzido de *dvi*. Não ha nesta alteração nada de extraordinario porque o latim *bis* primitivamente era *dvis*. Vemos mais *dis* em latim, como preposição, com a significação de *em dous*, na palavra *discussão*, que verdadeiramente é a accão de quebrar um caroço para chegar a amendoa, como tambem *percussão* significa bater, ferir de parte a parte.

Quanto a segunda parte da palavra *viginti*, é uma corrupção da palavra que significa *dez*. *Dez* em sanskrito é *dansan*, d'onde derivou-se *dasati*, decada ; este ficou reduzido a *sati* o que com *dvi=vi* (dous) nos dá *vinsati* por *visati* : *vinte*.

(1) Grammatica Portugueza. Pag. 365.

(2) La science de langage. Pag. 50 Bopp. Obra citada, Pag. 238, Tomo 2.º.

— Cem — vem do latim *centum*.

De 200 a 900 basta mudar a terminação latina *enti* ou *genti* para *centos* ou *zentos* : duzentos, *ducenti*; trezentos, *tricenti*; quatrocentos, *quadragenti*; quinhentos, *quingenti*; seiscentos, *sexcenti*; setecentos, *septingenti*; oitocentos, *octingenti*; novecentos, *nongenti*.

— Mil, — vem de *mille*.

— Millão, bilhão — e os formados identicamente são palavras vernaculas.

Para formar os ordinaes, o Portuguez não faz mais que copiar os ordinaes latinos.

Podemos em todo o caso appresentar tres modos de formação : 1.<sup>º</sup> accrescentamento da terminação *esimo* : — *trigesimo*, *quadragentesimo*; 2.<sup>º</sup> aumento do suffixo: *eiro* : — *primeiro*, *terceiro*; 3.<sup>º</sup> derivação directa do latim : — *segundo*, *quarto*, *quinto*, *nono*.

Damos agora os numeraes ordinaes latinos e os seus correspondentes em Portuguez :

<i>primus</i> ou <i>primario</i> — pri-	<i>mo</i> ou <i>primeiro</i>
<i>secundus</i> — <i>segundo</i>	
<i>tertius</i> ou <i>tertiarius</i> — <i>tercio</i>	<i>ou terceiro</i> .
<i>quartus</i> — <i>quarto</i>	
<i>quintus</i> — <i>quinto</i>	
<i>sextus</i> — <i>sexto</i>	
<i>septimus</i> — <i>septimo</i>	
<i>octavus</i> — <i>oitavo</i>	
<i>nonus</i> — <i>nono</i>	
<i>decimus</i> — <i>decimo</i>	
<i>undecimus</i> — <i>undecimo</i>	
<i>duodecimus</i> — <i>duodecimo</i>	
<i>decimo tertius</i> — <i>decimo</i>	
<i>terceiro</i>	
<i>vigesimus</i> ou <i>vicesimus</i> —	
<i>vigesimo</i> .	
<i>vigesimus primus</i> — <i>vigesi-</i>	
<i>mo primeiro</i> .	

<i>quinquagesimus</i> — <i>quinqua-</i>	<i>gesimo</i>
<i>sexagesimus</i> — <i>sexagesimo</i>	
<i>septuagesimus</i> — <i>septua-</i>	<i>simo</i>
<i>octogesimus</i> — <i>octogesimo</i>	
<i>nonagesimus</i> — <i>nonagesimo</i>	
<i>centesimus</i> — <i>centesimo</i>	
<i>duocentesimus</i> — <i>duocente-</i>	<i>simo</i> .
<i>tricentesimus</i> — <i>tricentesi-</i>	<i>mo</i>
<i>quadragentesimus</i> — <i>qua-</i>	<i>dragentesimo</i>
<i>quingentesimus</i> — <i>quingen-</i>	<i>tesimo</i>
<i>sexcentesimus</i> — <i>sexcente-</i>	<i>simo</i>
<i>septingentesimas</i> — <i>septi-</i>	<i>gentesimo</i>

trigesimus ou tricesimus —  
trigesimo.  
quadragesimus — quadrage-  
simo

octingentesimus — octingen-  
tesimo  
nongentesimus — nonagen-  
tesimo  
millesimus — millesimo

Podem ser incluidos no classe dos numeraes os multiplicativos : — simples, duplo, triplo, quadruplo quin-duplo etc., que todos conteem o elemento *pli*, dobro, A palavra indiana — corja — antigamente significava um numero de 20 peças da mesma especie.  
— Arroba — é a palavra arabe que significa a quarta parte.

Da mesma forma as palavras: dízimo (*decimus*), gro-za (doze duzias), par (dous), novena, vintena, quarentena e os numeraes italianos : *duo*, *trio*, e os nomes formados com os prefixos latinos *deci*, *centi*, *milli* : — decímetro, centímetro, millímetro — e finalmente os compostos dos prefixos gregos *deca*, *hecto*, *kilo*, *myria* : — decametro, kilometro, myriametro, estas duas ultimas classes usadas em Arithmetica.

Entretanto todas estas palavras são consideradas como substantivos e o mesmo acontece a — Biennio, triennio, centenario, etc., e os formados com a desinencia *avos* : — onz'avos, doz'avos.

E' occasião de dar uma noçao ligeira do modo de datar os documentos,

Antigamente encontrava-se o seguinte : *Dante na Ribeira X dias de mago*, e tambem uma outra formula, ainda hoje empregada : — Aos 41 de Novembro.

No seculo 14.<sup>o</sup> vê-se — Lisboa X dias por andar de Agosto, — sobre o que diz João Ribeiro :

O eixo de todo o calendario consiste no dia primeiro de cada mez : os dias que se seguem são dias *andados* e os dias que precedem ao 1.<sup>o</sup> são dias *por andar*.

No exemplo citado o dia é 22 de Julho.

Si dissessemos : — X dias andados de Agosto, era : 10 de Agosto.

E' uma reminiscencia das calendas romanas.

Indefinidos são os adjetivos que indicam número ou quantidade não determinada, incerta.

Podemos enumerar os seguintes :

Algum, alguma, alguns, algumas : *aliqu'unum, aliquam* ou *algo um*.

Cada (invariável e sempre adjetivo) segundo Diez derivado de *quisque*, segundo Meyer do grego *kata*.

Cada um, cada qual (inv.) compostos vernaculos.

Certo, a, os, as, (sempre adjetivos) : *certum*. No latim classico a forma é *quidam*, vulgarizada no elemento popular do Brazil

Demaes (inv., e sempre precedido do artigo os) composto vernaculo.

Mesmo, a, os, as, (sempre precedido dos artigos), *meli-pssimus, metipsimus, metips'mus, medessmo, medesmo, mees:mo*.

Mais : *magis*.

Menos : *minus*.

Muitos a, os, as : *multum*

Nada : *res, nata*.

Nenhum, a, uns, umas : *nec'unum*; é propriamente de formação portugueza.

Outro, a, os, as : *alterum*.

Pouco : *paucum*.

Qual, quaes (sempre pronome, repetido) : *qualis*; nos conhecidos versos de Camões : estrophæ 64, canto 6.<sup>º</sup>.

QUAL do cavallo voa que não desce  
QUAL co'o cavallo dando em terra geme.  
QUAL vermelhas as armas faz brancas  
QUAL co'os penachos do elmo açouta as ancas

Canto 7.<sup>º</sup>, Estr. 35 :

A QUAL Chalé, a QUAL a ilha da Pimenta  
A QUAL Coulão, a QUAL dá Cranganor.

Qualquer : formação vernacula, com a forma archaica —  
qual quizer.

Quanto, a, os, as : *quantum*.

Que (significando — qual, quaeſ, quanto, que causa)

qui.  
Quem (repetido) : *quem*. Em Camões : Canto 4.<sup>o</sup>, Estr. 92.

QUEM se afoga nas aguas encurvadas  
QUEM bebe o mar e o deita juntamente.

Só, (sempre adjectivo) *solum*.

No plural regido da prepoſição *a* forma uma locu-  
ção adverbial *a sós*.

Tal, taes (corresponde a — qual, quaeſ) : *talis* :

QUAES para a cova as providas formigas

TAES andavam as nymphas.....

Luziadas. Canto 2.<sup>o</sup> Estr. 23.

Tanto, a, os, as : *tantum*. No Canto 4.<sup>o</sup>, Estr. 29 diz  
Camões :

TANTOS climas e ceus experimentados  
TANTO furor de ventos inimigos.

Todo, a, os, as : (com a variaçāo neutra — tudo) :  
*totum*.

Um, uma, uns, umas : *unum*.

A *um* corresponde *outro*.

UNS trazem derredor de si cingidos  
OUTROS em moda airosa sobraçados.

Luziadas. Canto 4.<sup>o</sup>, Estr. 47.

Entre os *indefinidos* podem ser incluidos ; — Fulano, do arabe *Folano* e por analogia — Sicrano, Beltrano e o termo — gente, — muito usado pelo erudito Ramalho Ortigão.

Julio Ribeiro diz que a origem de — Fulano é incerta. Constancio entende que Fulano é o termo arabe *Folano* : a ser assim, continúa elle, talvez que a atraçāo da rima creasse os termos opostos — beltrano e sicrano —

— Beltrão — parece ser o substantivo proprio Beltrão, empregado para indicar pessoa que se não quer nomear, do mesmo modo porque se empregam para sim identico os substantivos proprios Sancho e Martinho.

Os indefinidos : — alguem (*aliquem*), ninguem (*ne-  
quem*), outrem (*alterum*), e quemquerque (composto  
vernaculo) conteem omni o elemento *hem*, homem, e só se  
referem à pessoas.

---

## LECÇÃO DECIMA QUINTA

FLEXÕES DOS ADJECTIVOS. SYNTAXE

### I

As leis geraes que regem a flexão generica e numerica dos substantivos applicam-se com poucas excepções ou amplificações aos adjectivos. Precisamos fazer notar que os adjectivos não teem genero e sim terminações que se adaptam ao genero dos substantivos.

Os adjectivos que não mudam de terminação, são chamados uniformes, em contraposição aos outros que são biformes, isto é, tem duas fórmas,

D'entre as regras para a formação generica do adjectivo destacamos :

Os adjectivos que terminam em *o* mudam-no para *a*: — justo, justa ; cujo, cuja. Note-se que os terminados em *ovo* e *oso* abrem o penultimo *o* : — novo, nova ; generoso, generosa. Exceptua-se só que é uniforme.

Os que terminam em *u* accrescentam um *a* quando aquella letra é precedida de consoante : — eru, crua. Quando faz parte do diphongo *eu* muda este diphongo em *ea* : — europeu, européa ; plebeu plebáa. Exceptuam-se : — meu, minha ; teu, tua ; seu, sua ; judeu-judia ; sandeu, sandia ; e os que se escrevem com a graphia *éo* : — ilhéo, ilhota ; tabaréo, tabarôa.

Os que terminam em *ez*, *or*, *ol* e *um* accrescentam *a* : — portuguez, portugueza ; conhecedor, conhecedora ; hespanhol, hespanhola ; um, uma ; algum, alguma. Exceptuam-se : — cortez, montez, pedrez, soez ;

— bicolor, incolor, multicolor, semsabor, tricolor e os comparativos em *or*; — reinol; — cabrum, commun, ovelhum, vaccum — que são uniformes.

E' preciso notar que os nomes terminados em *or* tem tres fórmas para o feminino: — director, directora; enredador, enradadeira; gerador, geratriz

Geralmente são considerados como substantivos.

Os terminados em *ão* mudam esta terminação para *an*: — christão, christan ou christã.

Affastam-se d'estas regras: — bom, boa; dous, duas; mau má.

São uniformes:

1.<sup>º</sup> Os acabados em *e*: — prudente. Exceptuam-se: — este, esta; esse, essa; aquelle, aquella.

2.<sup>º</sup> Os acabados em *al*: leal; — em *el*: — cruel, amavel; — em *il*: — util, subtil; — em *ul*: — azul; — em *ar*: — singular; — em *er*: — esmolér; — em *az*: — capaz; — em *iz*: — feliz; — em *oz*; — veloz; — em *m*: — ruim; — em *n*: — joven; — em *s*: — simples.

Tambem antigamente não tinham terminação feminina os adjectivos terminados em *or*:

Maria, MORADOR em Lisbôa.

Fern. Lopes,

Arte, IMITADOR da natureza.

Arrais.

Até o seculo 15.<sup>º</sup> os adjectivos terminados em *ol* eram uniformes. O mesmo acontecia com os terminados em *ez*, *iz*:

A nossa PORTUGUEZ casta linguagem.

Hyssope. Diniz.

Sobre a flexão de numero quasi nada mais ha accrescentar além das regras que já demos sobre a formaçao do numero plural dos substantivos (Lecção 12.<sup>º</sup>)

Faremos notar somente que os adjectivos contrahidos, em regra não tomam signal de plural, ex :—são de santo ; grão de grande.

— Qualquer — só toma flexão de numero no seu primeiro termo componente :— quaesquer.

Herdamos do Latim os tres *graus* de significação a que estão sujeitos os adjectivos qualificativos.

São tres : positivo, comparativo e superlativo.

Si o adjectivo exprime só e simplesmente a qualidade, diz-se que está no grau *positivo* :— Maria é bella.

— Si o adjectivo exprime uma qualidade em *equal*, *maior* ou *menor* gráu relativamente á qualidade de outros substantivos diz-se que está no gráu *comparativo de egualdade, superioridade ou inferioridade* :— O mar é **TAM BELLO** como o céu, porém é **MAIS POETICO E MENOS VASTO** do que elle.

Si o adjectivo exprime a qualidade do substantivo no mais alto ou no mais baixo gráu relativamente á qualidade de outro substantivo diz-se que o adjectivo está no gráu *superlativo relativo* : o **MAIS RICO** dos homens não é o **MAIS FELIZ**. O orgulhoso é o **MENOS FELIZ** na sociedade.

Si, porém, este gráu superlativo exprime a qualidade do substantivo no mais alto ou no mais baixo gráu sem comparação, sem relatividade, diz-se que o adjectivo está no gráu *superlativo absoluto* : homem **MUITO ALTO** ou **ALTISSIMO**.

D'ahi conclue-se que o gráu comparativo subdivide-se em comparativo de *egualdade*, de *superioridade* e de *inferioridade*, e que o superlativo subdivide-se em *absoluto* e *relativo*.

Pode-se formar o comparativo de dous modos : 1.<sup>º</sup> analyticamente juntando-se ao positivo os adverbios *tam*, *tanto* (egualdade), *mais* (superioridade), *menos* (inferioridade).

A *tam* e *tanto* correspondem as formas *como* e *quanto* : A luz é **TAM PRECIOSA COMO** ou **QUANTO** a agua. A *mais* e *menos* corresponde *que* ou *do que* : De outra

pedra MAIS CLARA QUE o diamante. Camões C. 1.<sup>o</sup>  
Ext. 22.

A rosa é MENOS BELLA QUE a violeta.

2.<sup>o</sup> *syntheticamente*, por meio do suffixo *ior* (latim) que corresponde a *or* (portuguez).

Só possuimos em Portuguez os seguintes comparativos syntheticos :— bom comp. melhor ; mau, comp. peior ; grande, comp. maicr ; pequeno, comp. menor; alto, comp. superior ; baixo, comp inferior.

Junior, senior, major, prior, exterior, posterior, anterior — embora pela sua origem possam ser incluidas nesta classe são considerados como substantivos ou djectivos positivos.

O Portuguez possue tambem formas de comparativo synthetico exprimindo idéa de superioridade ou inferioridade mas representados por adjectivo positivo :— maiusculo — que corresponde no latim a — *grandiusculus*. — e ---minusculo — dos quaes formamos tambem — maior-sinho e menorsinho — e o substantivo — mindinho.

O superlativo, como vimos, pode ser *absoluto* e *relativo*.

Si for expresso por uma só palavra é *synthetico*, si por mais de uma *analytico*.

O superlativo *absoluto synthetico* forma-se com o accrescimo da terminação *imo* derivada de *timus*, abrandada em *simus*, e *imus* :— facil sup. abs. synth. facilimo ou facilissimo,

Iss ou faz parte do thema ou é elemento euphonico.

Alguns adjectivos soffrem modificações antes de aceitarem esse accessimo. Assim os que terminam em *rel* mudam-no em *bil*, approximando-se da origem latina ; — agradavel (lat. *agradabilis*) agradabilissimo ; notavel, (lat. *notabilis*), notabilissimo.

Os que terminam em vogal ou diphthongo nasal mudam o *ao* ou *m* em *n* :— chão, chanissimo ; comunum, communissimo.

Os que terminam em *z*, mudam-no em *c* : feroz, ferocissimo.

Os que terminam em *co* mudam esta terminação em

*qu* : - rico, riquissimo ; ou deixam cahir a vogal : -  
*pareo*, parcissimo.  
 Como neste ultimo caso, deixam cahir a vogal final  
 os terminados em *e* e *o* : - excellente, excellentissimo ;  
*bello*, bellissimo.  
 Possue a Lingua Portugueza superlativos absolutos  
 synthetics formados irregularmente.  
 Estão em primeiro logar :

	comp.	melhor.	sup.	optimo
Bom	"	peior	"	pessimo
Mau	"	maior	"	maximo
Grande	"	menor	"	minimo
Pequeno	"	superior	"	summo ou supremo
Alto	"	inferior	"	infimo.
Baixo	"			

Em segundo logar :

acer	sup.	acerrimo	livre	sup.	liberrimo
amigo	"	amicissimo	magnifico	"	magnificen-
antigo	"	antiquissimo			tissimo
aspero	"	asperrimo	mau	"	malissimo
celebre	"	celeberrimo	misero	"	miserrimo
christão	"	christianissi-	nobre	"	nobilissimo
		mo	pobre	"	pauperrimo
cruel	"	crudelissimo	sagrado	"	sacratissimo
doce	"	dulcissimo	sabio	"	sapientissi-
fiel	"	fidelissimo			mo
frio	"	frigidissimo	salubre	"	saluberrimo
geral	"	generalissi-	simples	"	simplissimo
		mo	seme- lhante	"	similimo
humilde	"	humilimo	sem po-	"	uberrimo
infiel	"	infidelissimo	sitivo	"	
integro	"	integerrimo			

Muitos d'estes superlativos teem além da forma referida uma outra regular : - pobrissimo ao lado de pauperrimo ; frissimo - ao lado de frigidissimo ; inteirisimo - ao lado de integerrimo ; os primeiros superlativos populares e os segundos eruditos.

Ha tambem superlativos e mesmo comparativos cujos positivos não se empregam : — minazeissimo, — positivo - minaz ; — belacissimo, — positivo belaz.

Camões empregou no Canto 29 E. 46.

E os Turcos BELACISSIMOS e duros.

O superlativo *absoluto analytico* forma-se antepondo-se ao adjetivo positivo os adverbios *mui*, *muito* ou *nada*, ou então os adverbios em *mente*, ou os adverbios *assás* e *demasiado* : — João é MUI, MUITO, ASSAS, GRANDEMENTE ou NADA sabio.

O Portuguez não possue o superlativo *relativo synthetico* a não ser os formados com os comparativos syntheticos precedidos do artigo e seguidos de preposição *de* : o MELHOR dos agouros é combater pela patria.

O superlativo *relativo analytico* forma-se, antepondo-se as palavras *o mais* ou *o menos* e suas variações ao positivo : — A caridade é A MAIS NOBRE das virtudes. O ar é o MENOS PESADO dos elementos.

Ha um outro modo de formação de superlativos, que se observa principalmente no Hebraico, é o da reduplicação : — Cantico dos Canticos. Rei dos Reis. — Este processo approxima o superlativo do numero plural, diz Sayce.

O superlativo é gráu que pertence ao adjetivo, entretanto na linguagem popular ou familiar costumamos dizer : — coussissima nenhuma.

Finalmente alguns adjetivos rejeitam a flexão gradativa. Entre outros : — jovem, longinquo, adolescente, primeiro, immortal, repentino etc.

## II

A syntaxe dos adjetivos refere-se a sua concordância e collocação na oração.

Os adjetivos *qualificativos* concordam em genero e numero com os substantivos a que se referem : — casa branca, homens sabios.

Si o adjectivo fizer as vezes de adverbio fica inviável.  
É occasião de sobre o adjectivo *meio* dar a palavra a Silvio Túlio (1) : « Erram muitos escriptores contemporaneos empregando o adjectivo *meio* sem lhe darem construcção adverbial que lhe compete em muitas phrases taes como : — casa meio feita, pessoa meio morta, porta meio aberta. — Uma casa pode estar meia feita e meio feita. »

Na primeira hypothese affirma-se que a casa está — feita — até metade, por exemplo, da altura que deve ficar ; na segunda que a feitura da casa está em meio.

Na primeira phrase o vocabulo — meia — é rigorosamente adjectivo e como tal concorda com o substantivo em genero e numero ; na segunda emprega-se o mesmo adjectivo adverbialmente e então dá-se sempre a terminação masculina.

O segundo excerpto de Vieira (Sermão 40, 163) tira todas as duvidas porque nos dá exemplos de ambas as hypotheses : « . . . . Eram linguas partidas não só porque eram muitas linguas senão porque eram linguas e meias linguas, como as que elle aremedava. Meias linguas porque eram meio-européas e meio-indianas ; meias-linguas porque eram meio-políticas e meio-barbaras ; meias linguas porque eram meio portuguezas e meio de todas as outras nações que as pronunciavam ou mastigavam a seu modo. »

A regra da concordancia do adjectivo com o substantivo soffre excepção. 1º Quando concorrem muitos substantivos do singular de genero e significação diferentes, neste caso o adjectivo vai para o masculino plural : — Esforço e arte humanos.

2º Quando, porém os substantivos são de significação semelhante, o adjectivo concorda com o ultimo : — Pezar e dór amarga ou dór e pezar amargo.

3º Quando os substantivos estão no singular e são do mesmo genero o adjectivo vai para o plural : — A bocca e a face retorcidas.

(1) Estudinhos da Lingua Portugueza. Pag. 19.

4.<sup>º</sup> Quando os substantivos estão no plural embora de genero differente, o adjectivo concorda com o que está mais proximo : — Pezares e tristezas desconhecida ou tristezas e pezares desconhecidos.

5.<sup>º</sup> Quando o substantivo é nome de titulo feminino o adjectivo concorda com a pessoa a quem nos referimos ou com quem falamos : — Vossa Senhoria é servido Vossa Reverendissima está desejoso.

Os possessivos concordam em genero e numero com os substantivos, e em regra collocam-se antes d'elles Exceptua-se no verso :

— Da terra tua o clima e região  
Camões, Canto 2.<sup>º</sup>, Estr. 109.

ou quando o substantivo é precedido de outro adjectivo : Camões, Canto 2.<sup>º</sup>, Estr. 44.

Formosa filha minha, não temaes.

O portuguez costuma empregar o pronome pessoal em lugar do possessivo : — Vi-te os olhos — por — vi teus olhos.

A lingua Portugueza possue o que Pacheco e Lameira chamam possessivo pleonastico e possessivo periphrastico.

O 4.<sup>º</sup> consiste no emprego claro do possuidor : — os seus feitos *d'elle*. E' emprego popular.

O 2.<sup>º</sup> é o formado com os verbos *ter* e *haver* : — Com a sede que tenho de vingança — por — com a minha sede de vingança.

Os demonstrativos concordam com os substantivos e a elles se antepõem : — Este livro. — Exceptua-se quando a phrase é exclamativa : — Que menino este !

Os demonstrativos quando pronomes são ás vezes substituidos pelos artigos *o*, *a*, *os*, *as* :

No que disse Mavorte valeroso.  
Luziadas Canto 4.<sup>º</sup> Estr. 44.

Dos relativos notamos :

Qual — traz sempre o artigo *o*, *a*, *os*, *as* acompanhando-o. pode ter claro o subsequente, e, como já vimos (Lecção 14.<sup>a</sup>) tem função de indefinido.

Qual vae dizendo : — Luziadas. Canto 4.<sup>o</sup>, Estr. 90.  
Qual em cabello — Luziadas. Canto 5.<sup>o</sup> Estr. 91

— Que — tem o subsequente occulto e é substituído por *o qual* e suas variações, quando o nome a que se refere (o antecedente) está distante e ha necessidade de clareza : — A penna que me déste. A penna da Livraria Moderna a qual hontem perdeu-se.

— Que — empregado interrogativamente pode conforme o sentido trazer claro ou occulto o artigo que o precede :

Que gente será está, em si diziam  
Que costumes, que lei, que rei teriam ?  
Camões, Canto 1.<sup>o</sup>, Estr. 45.

— Quem — refere-se á pessoas embora Camões algumas vezes empregue-o refirindo-se a cousas ; nunca tem claro o subsequente.

— Quem — precedido de — sem — resolve-se em *o qual*

..... esposa  
Sem quem não quiz amor que viver possa.  
Lusiadas. Canto 4.<sup>o</sup>, Estr. 91.

Data esta transferencia do Seculo 17.<sup>o</sup>

— Cujo — concorda com o subsequente que vem sempre claro e é diferente do antecedente.

Antigamente era considerado tambem como interrogativo ; perdeu, porém, este latinismo.

Diz Julio Ribeiro que o emprego de — cujo — sem antecedente e subsequente immediato, si bem que classico é archaico : — Cujas são estas arvores ? — Eu sei cujo é o gado.

Os numeros cardinaes precedem os substantivos ;

exceptua-se no adagio : — Em Abril aguas mil — onde  
— mil — não é numeral e sim indefinito com a signifi-  
cação de — muitas.

Um numero elevado indeterminado, diz Diez, (1) é  
expresso muitas vezes no Latim e em outras linguas por  
*centum mille*. No antigo romano havia tambem *quin-*  
*genti*

A expressão latina tradicional era *sexcenti*, mas em  
Plauto *quingenti* não é raro.

Em Portuguez entre — cem e duzentos — os numeros  
expressam-se por — cento : - cento e vinte, cento e no-  
venta e nove ; precedendo immediatamente a — mil —  
émprega-se — cem — : Cem mil livros.

Os ordinaes, quando distinguem personagens de  
alta gerarchia, são empregados depois do nome : — Pe-  
dro segundo.

Nos numeros altos os ordinaes são substituidos  
pelos cardinaes : — Livro quarenta e dous.

Quando um numero cardinal encontra-se com um  
ordinal, pode se indifferentemente collocar antes quai-  
quer um d'elles : - Os dez primeiros livros ou os pri-  
meiros dez livros (2).

Na chronologia empregam-se os numeros car-  
deaes, com excepção do primeiro dia do mez que é ex-  
presso pelo ordinal ex : — Mil oitocentos e noventa e  
quatro. Primeiro de Maio. — Empregando a palavra —  
seculo — o cardinal pôspõe-se e o ordinal antepõe se : —  
Seculo dezenove. Decimo nono seculo.

A palavra — ambos — empregada como numeral nas  
linguas néo latinas, com excepção do moderno frances,  
exige depois de si os artigos *os*, *as*. Entretanto Camões  
no Canto 4.<sup>o</sup> Estr. 30 diz :

De ambas partes se move a primeira ala

Dos indefinidos, — um — contem em si uma idéa de  
pessoa indeterminada e é equivalente a — algum.

(1) Grammaire des langues romaines, Vol. 3.<sup>a</sup> Pag 21

(2) Diez. Obra citada Vol 3. Pag 149.

E' empregado nos antigos textos com valor pleonástico — O homem é um animal. — Outro — tem a forma neutra — al.

Quando um substantivo, diz Diez, é designado relativamente a outro precedido por *alter*, (outro) os dous substantivos devem ter a mesma relação que tem a idéa restringida com a idéa geral : — O ouro e os outros metais — Tem a forma invariavel — *outrem*.

Algum — substitue — um — e tem a forma neutra — algo (*aliquis*) e — alguém. Em Latim usa-se *aliquis*, *quisquam* e *quidam*.

Este pronome pode ser substituido por substantivos indicando uma indeterminação no mais alto grau. — Onde homem nunca chegou. (Diez).

Tal — corresponde a *nonnemo* : — tal semeia que não colhe ; e a *quidam* : — um tal homem. — Serve para designar uma pessoa hypothetica, que não se nomeia porque não existe : — Um tal Gonzaga (Diez).

As — palavras tanto, quanto, muito, pouco, todo — isto é, aquellas que exprimem idéia de numero tambem como vimos, são consideradas indefinidos

Devemos incluir nesta classe a formula latina *nescio quis* um não sei que, que designa, como affirma, Diez, alguma cousa de desconhecida.

Usa-se de — outrem, alguém, ninguem — como adjectivos, já na forma masculina, já na feminina, segundo o sexo das pessoas de quem se fala : — Outrem mais prendado ou prendada do que eu. — Aqui não ha alguém tam isento ou isenta de vaidade — Aqui não ha ninguem que não fique saudoso ou saudosa do Sr.

No estylo familiar — alguém — significa ás vezes pessoa de consideração : — Cuida que é alguém — ; e — ninguem — , ao contrario, individuo sem importancia:

— E' um ninguem.

— Ninguem — vindo antes do verbo, não admite outra negação, mas, depois d'elle não a exclue : — Ninguem pode dizer d'esta agua não beberei — Não vejo ninguem. (1)

(1) Aug. Freire. Gram. Portug. Pag. 321.

Observamos, afinal que o termo—gente—é considerado indefinido sem que aliás se possa julgar o seu emprego especialmente como um brazileirismo.

Ramalho Ortigão emprega-o, entre outros livros, nas « Farpas », tomo 6.<sup>o</sup> Pag. 163 ; 8.<sup>o</sup>, 288 ; 10.<sup>o</sup> 26 e 44, etc.

No 3.<sup>o</sup> anno (1893-1894) da Revista Lusitana o ilustrado glottologo portuguez, Leite de Vasconcellos emprega este termo á pag. 26.

E Camões diz :

Que aonde a gente põe sua esperança  
Tenha a vida tam pouca segurança.

Canto 1.<sup>o</sup>, Estr. 105.





## LECÇÃO DECIMA SEXTA

ARTIGO : SUA ORIGEM. EMPREGO E OMISSÃO. PRONOMES  
PESSOAES : SUA COLLOCAÇÃO.

### I

Em geral os grammaticos incluem os artigos na classe dos adjectivos determinativos e dão-lhe o nome de adjectivo articular.

Não ha razão alguma para não seguirmos a corrente do uso *communum*.

Max-Muller (1) diz que *artigo* é a traducçao litteral do nome grego *arthron* (latim *artus*) que significava a articulaçao ou juntura dos ossos.

Todos os pronomes eram considerados com articulações ou artigos do discurso.

Foi Zenodato quem primeiro imaginou a distincçao entre pronomes pessoaes e os simples artigos, aos quaes desde então deu se o nome de *arthra*.

A existencia do artigo data do seculo 6.<sup>o</sup>, e nos mais antigos textos romanos vê-se o pronome *ille* exercendo esta funcçao. Exemplos aos centos nos são dados pelo sabio Raynouard e muitos outros. (2)

*Artigo*, ou adjectivo articular é a palavra que modifica o substantivo de um modo preciso, determinado, particular.

---

(1) *La science du Langage*. Pag. 110.

(2) Diez. Pag. 16, Vol. 3.

O artigo em Portuguez é com suas variações para genero e numero e *o, a, os, as.*

O artigo contrae-se e combina-se com as preposições *a, de, em e per* da seguinte maneira :

<i>ao</i>	—	<i>a</i>	<i>o</i>	<i>do</i>	—	<i>de</i>	<i>o</i>
<i>á</i>	—	<i>a</i>	<i>a</i>	<i>da</i>	—	<i>de</i>	<i>a</i>
<i>aos</i>	—	<i>a</i>	<i>os</i>	<i>dos</i>	—	<i>de</i>	<i>os</i>
<i>ás</i>	—	<i>a</i>	<i>as</i>	<i>das</i>	—	<i>de</i>	<i>as</i>
<i>no</i>	—	<i>em</i>	<i>o</i>	<i>pelo</i>	—	<i>per</i>	<i>o</i>
<i>na</i>	—	<i>em</i>	<i>a</i>	<i>pela</i>	—	<i>per</i>	<i>a</i>
<i>nos</i>	—	<i>em</i>	<i>os</i>	<i>pelos</i>	—	<i>per</i>	<i>os</i>
<i>nas</i>	—	<i>em</i>	<i>as</i>	<i>pelas</i>	—	<i>per</i>	<i>as</i>

Notamos : 1.<sup>º</sup> Até o seculo 17.<sup>º</sup> havia a forma *ó* por *a-o* semelhante o *á* por *a-a*. 2.<sup>º</sup> Antigamente havia as preposições *por* e *per* dando origem ás contracções *polo* e *pelo*. A forma *polo* desapareceu, subsistindo *pelo*; ao contrario a preposição *per* ficou desusada, e firmou seu dominio a preposição *por*. 3.<sup>º</sup> Deixamos muitas vezes de usar a contracção *no, na, nos, nas* por euphonia, quando a palavra seguinte começa por voz nazal; assim dizemos : — *em a noute* — *por na noute*.

Sobre a origem do artigo definido divergem as opiniões dos grammaticos.

Uns são de opinião que o artigo origina-se do grego

Esta theoria não tem base alguma scientifica.

Bem sabe-se que o grego popular nada innovou no Latim, apenas creou grande numero de palavras usadas nas sciencias, as quaes só se fizeram notar depois da constituição da lingua.

Como já vimos o uso do artigo data do seculo 6.<sup>º</sup>, e é de verdadeiro emprego popular.

Além d'isto devemos considerar que, si apesar da grande influencia que os Gregos exerceram na Italia, a ponto de Cicero, Tiberio, Graccho e outros discursarem nesta lingua, o Latim não possue artigo; como poderia aquelle povo introduzir tal palavra na peninsula Iberica,

em Portugal, onde a sua influencia foi somente sobre os usos e costumes?

A segunda opinião sustentada por Leoni, Julio Ribeiro e outros, é a que dá como origem do artigo no singular o ablativo latino *hoc, hac* e no plural, o accusativo *hos, has*.

Diz este ultimo grammatico: O erudito Plinio o Moço, escriptor do 1.<sup>º</sup> seculo da era christã, entendia que o pronome *hic, hæc, hoc* empregado como determinativo deveria ser reconhecido como verdadeiro artigo.

Egger affirma que nas escolas do Imperio do Occidente usavam os grammaticos romanos de *hic, hæc, hoc* para designar os generos dos nomes.

O que parece robustecer a opinião de Leoni e Julio Ribeiro é a antiga forma de escrever: *ho, ha*.

Devemos notar, porém, que, o *c* de *hoc, hac* é uma letra que em caso algum elimina-se completamente; pode abrandar-se: *caveolam*, —gaiola; —*amicum*, —amigo; outras vezes e principalmente nos monossyllabos nazalar-se: *nec*, —nem; —*sic*, —sim—; *pectine*, —pente.

Só nos recordamos do caso de desapparecimento completo na forma contracta: —deão—de—décano—ou—dégano—originada de *decanus*.

Para explicar a letra *h* da forma archaica *ho, ha*, basta um simples olhar sobre certas palavras escriptas no seculo 15.<sup>º</sup>: —*hinsidias, husofructo, he, hum, —hoje: —insidias, uso-fructo, é, um.*

Nas edicções primitivas dos Lusiadas não faltam exemplos.

A terceira opinião, a nosso ver, a verdadeira, diz que o artigo origina-se do accusativo *illum, illam*, (singular) *illos, illas* (plural).

Em todas as linguas romanicas o artigo é assim originado do accusativo de *ille, illa, illud*.

O Hespanhol tem *el, la, los, las*, o Francez *el, il, la, li, le, la, les*; o Valachio *le, a, i*; o Provençal *lo, la, l, li, las*; o Italiano *el, la, lo, le, gli*; porque razão só o Portuguez que tem as formas antigas *el, lo, ho* e as modernas *o, a, os, as* havia de affastar d'esta regra sem uma razão plausivel?

E' o proprio Julio Ribeiro quem diz que não se pode negar que houve no Portuguez e no Gallego lucta pela existencia entre as formas *lo*, *la*, *los*, *las* e *o*, *a*, *os*, *as* encontrando-se exemplos classicos d'umas e d'outras.

Além do artigo *o* e suas variações, o Portuguez conservou o artigo *el*, usado na phrase *el-ret* e *el-dourado*.

Um outro artigo, chamado indefinido, por alguns grammaticos e ao qual não querem dar plural é *um*.

Deve antes com as suas variações *uma*, *uns*, *umas* ser classificado como adjectivo indefinido.

Querem crêr que *um* appresente vestigios de *homo* (homem) ou pelo menos sua influencia.

## II

O artigo emprega-se para determinar a significação de um substantivo ou para substantivar qualquer parte da oração ou uma oração inteira.

O artigo emprega-se ;

1.<sup>º</sup> Antes dos nomes proprios principalmente no plural :—os Almeidas—; no singular serve para mais distinguir a pessoa—o Camões ; ou é usado no estylo familiar :—o José ;

2.<sup>º</sup> Antes dos nomes das cinco partes do mundo, paizes mares, em summa, antes dos nomes geographicos. Esta regra tem innumeras excepções ; como :—Pernambuco, Goyaz, Matto-Grosso, Minas-Geraas, S. Paulo, Santa Catharina, Sergipe, Portugal, Castella, Pariz, Berlim, Gibraltar, etc.

3.<sup>º</sup> Antes dos nomes de Sr., Sr.<sup>a</sup>, de titulos, dos epithetos e cognomes —o Sr. Antonio, o Visconde do Rio Branco, o Leão Corôado, Izabel a Catholica.

Exceptua-se antes das formas—dom e dona, frei, soror, são ou santo : D. Pedro, D. Catharina, Frei João, Soror Maria, S. Bernardo, Santo Antonio.

4.<sup>º</sup> Antes dos pronomes possessivos, e ás vezes antes dos adjectivos possessivos, mas principalmente neste ultimo caso quando se quer exprimir vehemencia determinação :—Este é o meu filho e aquelle é o teu.

5.<sup>o</sup> Antes das horas :—Ao meio dia.

6.<sup>o</sup> Antes dos antonyms :—A luz e as trevas ; a modestia e o orgulho.

7.<sup>o</sup> Nas enumerações gradativas :—O sol, a luz, o calor como vivificam a terra !

Não se deve empregar o determinativo articular quando o substantivo já estiver determinado, nem quando o substantivo estiver tomado em sentido indeterminado :—Este livro. Onde ha fogo ha fumaça.

E mais nos seguintes casos especiaes :

1.<sup>o</sup> Antes dos termos principaes de um adagio :— Ouro é o que ouro val. Falar é prata, silencio é ouro.

2.<sup>o</sup> Nas enumerações sem idéa de gradação :— Gloria, honra, ouro, prazer, tudo se esvae no tumulo.

3.<sup>o</sup> Antes dos dias da semana e dos nomes de mezes.

4.<sup>o</sup> Antes dos substantivos que formam com o verbo uma idéa unica :—ter fome.

5.<sup>o</sup> Antes de—Sr., Sr.<sup>a</sup>—quando a estes nos dirigimos sem lhe darmos titulos ou outro nome :—Sr. F. como vae ?.

6.<sup>o</sup> Antes do nome que vae ser definido :—Linguistica é a sciencia.

7.<sup>o</sup> Nas apostrophes ou phrases exclamativas :— Avante ! Mancebos.

8.<sup>o</sup> Antes do pronome *que* nas phrases interrogativas.

9.<sup>o</sup> Antes dos synonimos :—O sol, estrella fixa, astro de primeira grandeza, astro fecundador.

### III

Ha quem considere como pronomes somente os pessoaes.

Outros incluem nessa classe todos os adjectivos determinativos que vierem sem substantivo claro, trazendo á memoria um nome já enunciado.

Dispensamo-nos de analysar os pronomes que teem função de adjectivos. (Vide Lecção 15).

Pronomes pessoaes, são os que lembram um nome em referencia ás pessoas grammaticaes.

E como as pessoas são tres : aquella que fala, aquella com quem se fala, e aquella de quem se fala, os pronomes pesoaes são tres : da 1.<sup>a</sup> pessoa *eu, nós*; da 2.<sup>a</sup> *tu, vós*; da 3.<sup>a</sup> *elle, ella, elles, ellas*.

« No periodo épitethico da lingua é onde coloco a origem dos pronomes pessoaes. Bleek mostrou que estes pronomes eram originariamente substantivos significando *criado, reverencia, senhor*.

« Por toda a parte onde se pode analysar com successo o pronome mesmo nas linguas de flexão, vê-se que era um antigo substantivo que gradualmente perdeu seu sentido primitivo para tornar-se um puro simbolo ou o que os chinezes chamam uma *palavra vazia*. » (1).

Em geral os grammaticos dão o pronome *nós* como plural de *eu*. Julgamos ser isso uma incorreção grammatical.

Não podemos melhor sustentar nossa opinião do que dando a palavra a Bopp. (2).

Diz elle, que *eu* não pôde ter plural propriamente falando, porque não ha senão um só *eu*.

Quando digo *leões*, exprimo uma pluralidade de seres dos quaes cada um é um *leão*.

Entretanto quando digo *nós*, exprimo uma idéa que comprehende de uma vez o *eu* e um numero indeterminado de outros individuos que não são *eu*; podem mesmo pertencer cada um a uma outra especie. Quando digo *elles* multiplico a noção indicada por *elle* no singular. Pode-se mesmo em rigor conceber um *tu* multiplo; ao contrario, a idéa de *eu* não soffre multiplicação. Si é verdade, pois, que *nós* é o plural de *eu*, é isto uma especie de abuso da lingua; o sentimento da personalidade escurece tudo a ponto de absorver e de deixar sem denominação tudo que não é o *eu*.

170—184 (1) Sayce. Principes de Philologie Comparée. Pag.

(2) Grammaire comparée Pag. 263 2.<sup>o</sup> Volume.

Devemos notar tambem que o pronome de 2.<sup>a</sup> pessoa leva ás vezes o verbo à 3.<sup>a</sup> pessoa.

Assim dizemos em Portuguez : — Você (2.<sup>a</sup> pessoa, aquella com quem se falla) quer ? (verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa).

O mesmo acontece com o Francez, onde o criado fala na 3.<sup>a</sup> pessoa e diz : *Monsieur veut-il ?*

Assim em Allemão.

Pott nota que os Allemães fazem tudo para não empregar o pronome de 2.<sup>a</sup> pessoa e quando teem de fazê-lo recorrem ao methodo grosseiro de indicar o pronome pessoal por meio de um substantivo (1).

Em Portuguez temos o pronome — Você — derivado de — Vossa Mercê — com as formas intermediarias — Vossemecê e Vosmecê.

Por deferencia usamos tambem do pronome *nós* em logar do pronome *eu*, exigindo a syntaxe que o adjectivo participio passado fique no singular.

Assim um orador falando em seu nome individual diz : — Nós estamos convencido.

#### DECLINAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS

Singular	1. <sup>a</sup> pessoa	2. <sup>a</sup> pessoa	3. <sup>a</sup> pessoa	3. <sup>a</sup> pessoa (reflexo)
Nominativo...	eu	tu	elle-ella	.....
Dativo...	mim-mí	tí	lhe	si
Accusativo ...	me	te	o, a	se
Ablativo .	commigo	comtigo	.....	comsigo
<i>Plural</i>				
Nominativo...	nós	vós	elles-ellas	.....
Dativo...	nos	vos	lhes	si
Accusativo...	nós	vós	os, as	se
Ablativo .	comnosco	comvosco	.....	comsigo

(1) La diversité des races humaines. Pag. 5—6.

Examinemos agora a origem de cada um d'estes pronomes.

*Eu* forma abrandada da germanica *eo*, em Latim *ego*; no seculo 13º *eo*, depois *ieo* ou *jeo*, latente com a forma *geu* em *nan geu* (popular) *nem eu*.

*Tu, te, me, se, nós, nos, vós, vos*, vieram sem alteração e directamente do Latim. *Te* possue as variantes *che* e *xe*.

*Elle, ella, elles, ellas* com as formas archaicadas *el, ello, ille* originam-se de *ille, illa, illis, illas*.

*Mim* é originado de *mihi*; o *m* final é produzido pelo prolongamento da nazal, como *muito* pronunciamento *muinto*.

No Portuguez ha muitas palavras duplas, nazalizadas e não :—assí e assim.

Camões emprega *mi* por *mim*.

*Lhe* e *lhes* derivam-se de *illi, illis* com as formas primitivas *lhi, lhis* e as intermediarias *li, illi, lhi*, plural *les, lhis*.

*O, a, os, as* substituem desde o seculo 16.º o nome *elle*, quando exprime o objecto sobre o qual se exerce a acção do verbo, e teem as formas antigas *lo, la, los, las* :—ama-lo, quere-las;—originam-se de *illum, illam, illos, illas*.

João Ribeiro, orthographa o pronome *lo* assim :—  
amal-o — Entretanto diz em uma nota : « Os que dizem que o *l* é simplesmente euphonico, explicam a permuta do *r* em *l* :—amar-o em amal-o.

Mas como admittir permutas com *s* em *l* em *col-o* (por *vos-o*) contra todas as regras da phonetica? Houve, pois, queda da letra precedente *r*, se a conservação do artigo *lo*. (1)

Logo, dizemos nós, si a letra final desapareceu, aquelle pronome deve ser escripto separadamente, porque, além do mais, torna bem patente a sua forma antiga e origem etymologica.

Esta é tambem a opinião do sabio glottólogo português A. Coelho que diz :

(1) Gram. Port. 3.º anno.

Nas formas verbais do infinito e da 2.<sup>a</sup> pessoa em certas outras palavras como — todos, sober (sobre) — dava-se a modificação do som final *r* ou *s* por influência do / do artigo ; dizia-se assim :— amal los homens — por — amar los homens ; amal las mujeres — por amar las mujeres ; sobo los rios — por — sober los rios — todo los dias — por — todos los dias — Um facto identico se dá ainda hoje com o pronome regimen da 3.<sup>a</sup> pessoa : — ima-lo, amá-lo. (1)

*Ti* e *si* derivam-se do *tibi* e *sibi* pela queda do *b* e contracção do *i*.

*Migo, tigo, sigo* usados em Portuguez sempre com a preposição *com* veem das formas latinas compostas : *mecum, tecum, secum* em que os pronomes *me, te, se* já trazem a preposição *cum*,

Dá-se em Portuguez uma repetição — comigo — (*cum mecum*) O mesmo se observa a respeito de *nosco, vosco* derivados por meio de contracção de *nobiscum* e *vobiscum*.

## IV

Sobre a collocação dos pronomes pessoaes complementos (variações pronominaes) ha tantos exemplos classicos em oposição, que infalliveis, certas e irrevergaveis leis ainda não foram approvadas.

A collcção das variações pronominaes pode ser feita antes dos verbos e tem o nome de *proclise*; depois do verbo e tem o nome de *enclise*; e no meio das formas do verbo e tem o nome de *mesoclise*.

Os pronomes chamam-se *proclíticos, enclíticos* e *mesóclíticos*.

Examinemos as regras sobre a collocação.

Diz o Dr. Teixeira de Mello : «Nas orações em que o verbo tem por antecedente uma adversativa os pronomes veem depois.

Entretanto diz Gama e Castro : Quando a phrase começa por uma conjuncção os pronomes veem antes.

(1) Glottologia. pags. 37—38.

Diz Dr. Paranhos da Silva : Ha quem pense que só nas orações incidentes se podem collocar antes dos verbos os pronomes *me, te, se, etc.*, entretanto :

De um gesto natural se converteu.

Camões.

Diz José de Castilho : Quando a oração começa pelo verbo ou seu agente, o verbo antepõe-se ao pronome ; no entanto :

O tempo me soprou favor divino  
E as musas me fizeram desgraçado

Bocage.

Eu me arranco d'aqui com magua e dor.

Padre Antonio Vieira.

Ella lhe prometteu vendo que a amavam

Camões.

Diz Arthur Barreiros : Depois das palavras *a, e, mas* o pronome é eclítico ; entretanto : Té que aprouve a Deus de o levar para si e lhe sucedeu etc.  
Em Madrid tambem se recitaram poesias e se fez a festa, etc. P. Chagas.

Diz Dr. Teixeira de Mello : Nas formas de gerúndio nunca se deve antepor.

Diz João Ribeiro : Nas phrases de gerundio, ha anteposição.

Diz ainda Teixeira de Mello : No infinito dos verbos manda a regra collocar os pronomes depois ; entretanto em Camões :

A lhe beijar as faces e começa os olhos bellos  
e os cabellos.

Ad. Coelho dá a seguinte regra, que reconhece não ser necessaria : (1) Attrahem o pronome regimen para antes do verbo :

Os pronomes indefinitos  
Os pronomes interrogativos  
Os pronomes relativos  
Os adverbios em geral (menos terminados em mente). } precedendo o verbo.  
As conjunções  
As preposições com infinito

No meio de tantas regras devemos observar as seguintes :

1º. Não se deve eomeçar phrases pelos pronomes regimens.

2º. Não se deve colloca-los depois dos participios passados.

3º. Com as formas do futuro e condicional os pronomes são mesocliticos (pela figura tmesis).

Além d'estas regras, é preferivel nas formas do infinito e gerundio ser o pronome enclitico, e nas orações negativas e subordinadas ser proclitico.

Tenha-se attenção tambem para a bôa comprehensão do discurso e para a euphonía (2).

Todas as variações pronominaes combinam-se com as formas *se* e *o*. O pronome *o* sempre se pospõe ; o pronome *se* sempre se antepõe :

Tornar-se-lhe amarelo de enfiado

Lusiadas, Cº 2º 39.

Sem que t'c merecesse, nem te errasse

Idem Cº 2º, 39.

(1) Revista Luzitana Pag. 178—1887.

(2) Para maior conhecimento de tam controvertida questão consulte-se : Rascunhos sobre a Lingua Portugueza de B'(aptista) C.(aetano ).

Com os pronomes *me*, *te*, *lhe*, dá-se a figura synalepha : *m'o*, *t'o*, *lh'o*.

Com os pronomes *nos* e *vos* emprega-se o pronome *lo*, cahindo o *s* por euphonía : *no-lo*, *vo-lo*. Esta combinação em regra vém antes do verbo.

Há tambem a combinação de tres variações pronominaes : Dê-se-lh'a.



## LECÇÃO DECIMA SETIMA

VERBO : DEFINIÇÃO, DIVISÕES. CONJUGAÇÕES

A distincção entre o nome e o verbo ou para falar mais correctamente entre o sujeito e o attributo foi, diz Max-Muller, obra dos philosophos. (1)

Assim tambem os nomes technicos para caso, numero e genero foram inventados em uma epocha muito longinqua, com o fim de penetrar a natureza do pensamento e não de attingir um fim pratico, analysando as formas da linguagem.

Platão conhecia o nome e o verbo como sendo as duas partes constituintes do discurso.

A estas, Aristoteles juntou os artigos e as conjuncções e observou tambem as distincções dos numeros e dos casos; porém, nem um nem outro deu grande attenção ás formas da linguagem que correspondiam a estas manifestações do pensamento.

Para Aristoteles o verbo ou *rhema* não era mais que o attributo : — A neve é branca, *branca*, era um verbo.

Os primeiros que estabeleceram uma certa ordem nas formas verdadeiras da linguagem foram os sabios de Alexandria.

O verbo, como a palavra indica é o assumpto capital da Linguistica, é a palavra por excellencia; no entanto não temos d'elle uma idéa tam nitida como a do nome.

A idéa qne d'elle formamos é uma idéa de accção (Sayce).

Milhares teem sido as definições que os Grammati-

(1) Obra citada. 108--109.

cos dão de verbo e no meio d'ellas o espirito dos estudantes tactea na incerteza.

Parece-nos, entretanto, que a definição melhor é a que diz:

*Verbo* é a palavra que exprime um facto.

Os chinezes sabiamente chamam aos verbos, *palavras vivas*, em contraposição aos nomes, *palavras mortas*.

O verbo admite variações de pessoas, numero, tempo, modo, conjugação e voz.

Chamam-se *pessoas* e *numero* do verbo, as formas que elle toma para indicar o numero e pessoa do sujeito.

As pessoas são trez : *eu, iu, e elle*, ou *ella* para o numero *singular*; *nós, vós* e *elles* ou *ellas* para o numero *plural*.

As pessoas podem tambem ser representadas pelas formas verbaes somente, com exclusão dos pronomes pessoaes.

*Tempo* é a forma qne o verbo toma para indicar a epoca do que vae ser enunciado.

Os tempos são trez : *Presente, preterito ou passado e futuro*.

A noçao de tempo não é bem firmada em nossa lingua.

Em primeiro logar diz-se e com razão, que não existe presente, porque desde que o facto se dá, comparando-se esse momento com o imediatamente posterior, reduz-se aquelle a *passado*.

Alem d'isto possuimos muitos vicios e modos vulgares de falar, onde empregamos constantemente o presente pelo passado ou pelo futuro.

Do 1.<sup>o</sup> caso temos : — Napoleão Bonaparte diz a seus soldados.

Do 2.<sup>o</sup> caso : — Vou amanhã.

O *Presente* indica que a accão é actual : — amo. —

O *Preterito* indica indeterminadamente que a accão foi realizada : — Amei.

Esse tempo é chamado tambem *Aoristo*.

O *Futuro* indica que a acção ainda vai realizar-se :  
— Amarei  
Além d'estes ha os intermediarios :

O *Preterito imperfeito* que indica a acção passada relativamente ao presente : — amava.

O *Preterito perfeito composto* ou simplesmente *Preterito perfeito* que indica que a acção passada é repetida, ainda continua : — tenho amado.

O *Preterito mais que perfeito*, que indica que a acção é passada relativamente à uma outra já passada : — amara ou tinha amado.

O *Futuro anterior* que indica a acção que ha de realizar-se relativamente a um outro tempo : — terei amado.

Estes tempos são chamados *compostos* por só serem empregados com os verbos : — ter, haver, ser, estar, — chamados *auxiliares*, em contraposição aos tres primeiros tempos, chamados *simples*.

*Modos*, são as formas que o verbo toma para ser enunciado.

Os modos são tres : indicativo, imperativo e subjuntivo.

Ou enunciamos, indicamos um facto, ou mandamos que elle seja praticado, ou indicamos um facto dependendo elle de uma contingencia para sua realização.

Alguns Gramaticos accrescentam a estes o *condicional* e o *infinito*.

Porem, o *condicional* não passa de um tempo futuro dependente de uma condição, ou, como diz Adolpho Coelho, não é mais do que um imperfeito formado por derivação impropria.

O nome de *condicional* como teem-no mostrado os melhores trabalhos, não foi escolhido com felicidade para este justa posto, que não é um modo mas um tempo. O nome que lhe convinha e que corresponde exactamente à sua formação é o de *futuro imperfeito ou imperfeito do futuro*, com cujo sentido já era encontrado no Latim. (1)

(1) A. Darmesteter. Des mots composés. Pag. 76-77.

O *infinito* é um verdadeiro nome substantivo ou adjetivo, é uma simples forma nominal.

Bem nos affirma Michel Bréal : Nada mais simples do que a noção de modo si nos limitamos ao indicativo, imperativo e subjunctivo. Si nos limitamos a contar ou enunciar um facto empregamos o *indicativo*. Si queremos mandar haverá o *imperativo*. O *Subjunctivo* serve para exprimir uma acção que é olhada como possível ou desejável. (1)

O que já parece fóra de dúvida é que o condicional é um simples tempo futuro dependente de uma condição, é uma maneira media commum ao indicativo ou subjunctivo ; e um modo incompleto que supre suas linguagens pelas do indicativo ou subjunctivo.

O infinito exprime uma forma indeterminada ; entretanto, às vezes manifesta uma determinação, um tempo.

As tres formas que elle tem no supino, no gerundio e no infinito, diz um escriptor, parecem exprimir os tres tempos simples, desde que se lhes ajunte um auxiliar:

supino	gerundio	infinito
<i>tem sido</i>	<i>está sendo</i>	<i>ha de ser</i>
(passado)	(presente)	(futuro)

O imperativo por influencia da lingua hebraica é substituído pelo *futuro* : — Não matarás.

Nos antigos idiomas indo-germanicos, diz Schleicher, só existiam quatro modos propriamente ditos : o optativo, o conjunctivo, o indicativo, e o imperativo.

A lingua latina reune os dous primeiros sob o nome de *conjuntivo*.

A conjugação portugueza só tem de novo o futuro por composição impropria e o falsamente chamado condicional.

Um outro tempo que somente o Portuguez possue é o *infinito pessoal*, e seu emprego data do seculo 13.<sup>o</sup> (Vide Leccão 49.<sup>o</sup>)

O Particípio presente tem o valor de um adjectivo, determina em *te*. Muitos d'elles teem hoje o valor de substantivos: — levante — (levar) — tenente — (ter) — poente — (poer).

Ha alguns verbos que não são aptos para possuir participios d'esta especie; entre outros possuímos: — vestir, dar

O particípio passado é tambem um derivado verbal, que equivale a um adjectivo.

Termina sempre em *do*, serve para formar as linguagens compostas, e exprime a accão terminada, o acto realizado.

O Particípio do futuro é simples adjectivo ou substantivo e termina em *ouro*: — casadouro, — em *undo*: — furibundo, — e *endo*: — reverendo. —

Desapareceu completamente da conjugação portugueza e só existem com as funcções de um nome.

O gerundio, originado do ablatino latino termina em *ando*, *endo*, *indo*, *ondo*, — amando, lendo, vestindo, pondo. —

## SCHEMA DOS TEMPOS

### MODO INDICATIVO

#### *Tempos Simples*

Presente — Amo.

Pret. Imperfeito — Amava.

Pret. Aoristo — Amei.

Pret. mais que perfeito — Amára.

Futuro — Amarei.

Condicional — Amaría.

#### *Tempos Compostos*

Preterito Perfeito — Tenho  
amado.

Pret. mais que perfeito —  
Tinha amado.

Futuro — Terei amado.

Condicional — Teria amado.

### MODO IMPERATIVO

Presente ou Futuro — Ama  
tu.

### MODO SUBJUNCTIVO

#### *Tempos Simples*

Presente — Ame.

Pret. Imperfeito — Amasse.

Futuro — Amar.

#### *Tempos Compostos*

Preterito Perfeito — Tenho  
amado.

Pret. mais que perfeito —  
Tivesse amado.

Futuro — Tiver amado.

INFINITO	Part. Passado -- Amado.
<i>Tempos Simples</i>	<i>Tempos Compostos</i>
Presente Impessoal — Amar	Preterito Impessoal — Ter amado.
Presente Pessoal — Amar eu.	Preterito Pessoal — Ter eu amado.
Gerundio — Amando.	Gerundio — Tendo amado.
Part. Presente — Amante.	

*Conjugar* um verbo é faze-lo passar por todas as formas que modificam a idéa contida no thema relativamente á existencia, ao sujeito, á accão, ao tempo. (1)

Ao conjunto de todas estas flexões dá-se o nome de *conjugação*.

As conjugações são quatro e se conhecem pelas terminações do infinito presente impessoal: *ar* (*are*), *er* (*ere*, *ere*), *ir* (*ire*), *or*,

A 4.<sup>a</sup> conjugação é de uso pratico e é forma contracta de *poer* da 2.<sup>a</sup> conjugação irregular.

Pertencem a ella o verbo *pôr* e seus compostos.

Para que uma accão seja praticada é necessário um *sujeito* que a pratique e muitas vezes um *objecto* sobre o qual recaia esta accão.

Si attendermos ao *sujeito* que levou a effeito esta accão, o verbo adquire diversas *vozes*.

As vozes são propriamente duas: *activa* e *passiva*.

*Activa* é aquella em que o sujeito pratica a accão: — eu temo. —

Para que uma accão seja praticada é necessário um *sujeito* que a pratique e muitas vezes um *objecto* sobre o qual recaia esta accão.

Si attendermos ao *sujeito* que levou a effeito esta accão o verbo adquire diversas *vozes*.

As vozes são propriamente duas: *activa* e *passiva*.

*Activa* é aquella em que o sujeito pratica a accão: eu temo.

*Passiva* é aquella em que o sujeito recebe a accão: eu sou temido.

(1) Guardia e Wierzeski. Gram. de la Langue Latine.  
Pag. 173.

Existe tambem uma outra voz chamada *média* ou *reflexa* quando a acção é feita e ao mesmo tempo é recebida pelo sujeito :—Tu te queimaste.

E' preciso, porém, notar que em tal caso o verbo é activo ou passivo e não toma uma forma especial.

Esta pretendida voz só é empregada com os verbos pronominaes, e para sempre deve ser abolida da Grammatica Portugueza. (1).

Conforme as variações que o verbo soffrem, elles dividem-se em : Regulares, Irregulares, Defectivos e Unipessoaes.

*Regulares* são os que seguem a norma da conjugação a que pertencem : - Amar.

*Irregulares*, são os que se affastam d'esta norma : Pedir.

Propriamente falando em Portuguez só existem dois verbos simples irregulares :—ser e ir — que teem varias raizes.

O primeiro tem as raizes : *es* formando o preterito imperfeito do indicativo ; a raiz *fu* formando o preterito aoristo e o mais que perfeito do indicativo, o preterito imperfeito e o futuro do subjunctivo e finalmente a raiz *sed*, originando todas as formas do *se* :—seja, sêde—etc.

O mesmo se dá com o seu composto —poder— (*possum.*)

O verbo *ir*, de latim *ire*, completa a sua conjugação com o verbo archaico portuguez *var* (latim *vadere*) e *ser* (2).

*Defectivos* são os verbos a que faltam algumas linguagens :—Querer—a que falta o imperativo.

A Lingua Portugueza poucos verbos defectivos possue e o uso muito concorre para sua completa extincão.

O grande factor d'esta classe de verbos é a euphonía.

Por isso ha certos verbos que não se usam quando

(1) Diegues Junior. Gram. Portugueza.

(2) Pacheco Junior e Lameira de Andrade. Grammatica Portugueza.

ao thema seguem-se *a ou o* :—brandir, carpir, feder, fruir, ganir, inherir, latir, precaver.

Outros não se usam quando ao thema seguem-se *a, o, e* :—abolar, addir, banir, colorir, delinquir, delir, demolir, emolir, empedernir, exinanir, exhaurir, extorquir, fallir, florir, munir, polir, renhir, retorquir, submergir.

*Reaver*—não se usa nas terceiras pessoas do singular e do plural do indicativo, no imperativo e no subjuntivo.

Do verbo—*soer*—só se usam—*soe, soes, soem, soia*.—Camões emprega

Te negue o amor divino como sóe.

#### Cº 3º. Estr. 4º

O verbo—*fruir*—já é empregado em—*fruo*—e Ramalho Ortigão empregoa—*colorem*—de—colorir. (1).

Bem afirmamos que o uso vae extinguindo com razão uma grande classe de verbos defectivos.

*Unipessoaes* são os verbos que só se conjugam nas 3<sup>as.</sup> pessoas :—troveja, chove.

Os verbos unipessoaes são de duas especies: *proprios*, quando sua accão só é exercida por um sujeito, *por uso*, quando o verbo pessoal se torna unipessoal por alteração de significação.

Do verbo *haver* incluido nesta ultima classe trataremos em Lecção especial.

A maior parte dos verbos impessoaes exprimem ora idéas moraes d'um carácter muito geral, ora phenomenos naturaes cuja causa é desconhecida.

Como já vimos para que haja accão é preciso que haja um sujeito claro ou occulto e muitas vezes um objecto sobre que esta accão recáe.

D'abi o dividir-se o verbo em transitivo e intransitivo.

*Transitivo* é o verbo que exprime uma accão em

(1) Gr. Port. de Jutio Ribeiro,

pregada directa e imediatamente sobre um objecto :—

Amo aos livros.  
Intransitivo, é o que exprime uma acção que não recae imediatamente sobre um objecto :—Cahi.

No 1º. caso a acção passa além do sujeito que a pratica ; no 2º. permanece no mesmo sujeito.

Os verbos transitivos podem tornar-se intransitivos e vice-versa.

Quando dizemos :—nós lemos romances,—o verbo *ler* está empregado na forma transitiva ; mas si dissermos —lemos sempre—este verbo é considerado como intransitivo.

Si dizemos :—Dormiste bem,—*dormiste* é um verbo de acção intransitiva ; si dizemos :—Dormiste um sonho reparador—*dormiste* é um verbo transitivo.

Nos Lusiadas encontram-se diversos exemplos semelhantes. No Canto 2º. Estr. 76.

os altos promontorios o choraram.

onde o verbo *chorar* que é intransitivo está empregado neste caso como transitivo, exercendo sua acção sobre o pronome —*o—elle*

Julio Ribeiro affirma :— «quasi que não há um só verbo transitivo em Portuguez que se não possa emplegar como intransitivo (1).

Os verbos dividem-se ainda em *Pronominaes*, aquelas cuja acção se transmite ao sujeito sem que elle seja seu objecto : - eu me arrependo—Os verbos pronominaes são conjugados com dous pronomes.

*Periphrasticos*, os formados com os verbos—haver, ter, estar, ir, vir, andar, viver :— Hei de saber ; tenho de comer ; estou lendo ; ir cahindo ; vir a correr ; andar saltando ; viver escrevendo.

Estes verbos, conforme a idéa que exprimem, ou a significação que teem, dividem-se em: Promissivo, Obrigatorio, Frequentativo, Iterativo, Continuativo, Inchoativo.

(1) Gram. Port. Pag. 74.

O inchoativo tambem se forma com a terminação *escer*; e o frequentativo com as terminações *itar* ou *ejar*: florescer, saltitar, cacarejar.

Os verbos tambem podem ser substantivo e attributivo ou adjectivo.

*Substantivo*, é o que exprime a affirmação da conveniencia ou desconveniencia entre duas idéas.

*Ser* é o único verbo substantivo.

A svezes o verbo *estar* assemelha-se na sua função ao verbo substantivo, mas esse verbo além de exprimir a affirmação, exprime tambem a existencia e posição.

Por sua vez o verbo *ser* se usa em logar do verbo *estar*, quando indica permanencia, estado ou existencia.

No 1º. caso qualquer um d'aquelleas verbos traz o attributo claro; no 2º. elle vem occulto.

Ao verbo substantivo, *ser* não cabe nenhuma das divisões até aqui apontadas, somente forma a voz passiva no caracter de *auxiliar*.

Ha uma grande distinção entre os verbos *ser* e *estar*.

*Ser*, exprime um estado permanente, indica uma qualidade inherente ao sujeito: — Pedro é doente.

*Estar*, exprime um estado, uma situação passageira, indica uma qualidade accidental: — Pedro está doente.

Verbo *attributivo* ou *adjectivo* é o que exprime affirmação com idéa de modo ou qualidade.

#### NOTA

Adiante damos: Tabellas: 1.ª terminações regulares das quatro conjugações; 2.ª verbos auxiliares; 3.ª voz passiva, verbo periphrastico, verbo pronominal e verbo unipessoal.





## LECÇÃO DECIMA OITAVA

VERBOS IRREGULARES. PARTICIPIOS PASSADOS.

### I

Apezar de termos dito que propriamente em Portuguez só ha irregulares os verbos *ser* e *ir* (Lecção 17.<sup>a</sup>), o uso tem determinado que sejam considerados irregulares os verbos que se affastam do paradigma da conjugação a que pertencem.

Não satisfeitos com esta grande dificuldade, os Grammaticos apresentam uma nova divisão de verbos irregulares quanto á orthographia ou verbos apparentemente irregulares.

Nesta classe incluem : Observações :

1.<sup>a</sup> Os terminados em *ear* intercalam um *i* euphónico no indicativo, imperativo e subjunctivo : — clarear, clareio, clareia.

2.<sup>a</sup> dos terminados em *iar* fazem uns o indicativo e subjunctivo presente em *io* e *ie* e outros em *eio* e *eie* — ciliar, creio, crie — Pertencem ao segundo caso os verbos — aggremiar, agenciar, cadenciar, commerciar, odiar, penitenciar, premiar, remediar e sentenciar.

3.<sup>a</sup> os terminados em *ger* e *gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* e *o* : — eleger, elejo, eleja ; corrigir, corrijo corrija.

4.<sup>a</sup> os terminados em *gar* mudam o *g* em *gu* antes de *e* : — pagar, pague ; — e os terminados em *car* mudam o *c* em *qu* antes de *e* : — calcar, calque.

5.<sup>a</sup> os terminados em *cer* tomam uma cedilha antes  
a ou o : — *cacer*, *careça*, *careço*.

6.<sup>a</sup> os terminados em *çar*, perdem a cedilha antes  
de e : — *caçar*, *cacei* —

7.<sup>a</sup> os terminados *uzir* perdem o e na 3.<sup>a</sup> pessoa do  
singular do modo indicativo presente : — *luzir*, *luz* —  
(luze) ; *reduzir*, *reduz* (reduze).

Camões, entretanto diz :

Que cada região produze e cria.

Canto 4.<sup>o</sup> Estr. 65.

8.<sup>a</sup> os terminados em *hir* perdem o *h* quando o i  
não é longo — *cahir*, *cáia* ; *sahir*, *sáio*.

9.<sup>a</sup> os terminados em *guer* e *uir* mudam o *gu* em  
*g* antes de *a* e *o* ; — *erguer*, *ergo*, *erga* ; *seguir*, *sigo*, *siga*.

#### CONJUGAÇÃO DOS VERBOS QUE SE AFFASTAM DA TABELLA N.<sup>º</sup> 1

##### 1.<sup>a</sup> conjugação

Dar. Ind. pres. *Dou*, *das*, *dá*, *damos*, *daes*, *dão*.  
Pret. Aoristo. *Dei*, *deste*, *deu*, *demos*, *destes*, *deram*.  
M. que perf. *Déra*, *déras*, *déra*, *déramos*, *déreis*, *déraram*.

Sub. pres. *Dê*, *dês*, *dè*, *demos*, *deis*, *deem*. Pret.  
Imp. *Désse*, *désses*, *désse*, *déssemos*, *désseis*, *déssem*.

Fut. *Dér*, *déres*, *dér*, *dérmos*, *dérdes*, *dérem*.

Estar. Vide Tabella n.<sup>º</sup> 2.

##### 2.<sup>a</sup> conjugação

Saber. Ind. pres. *Caíbo*, *cabes*, *cabe*, *cabemos*, *ca-  
beis*, *cabem*. Pret. Aoristo. *Coube*, *coubeste*, *coube-  
mos*, *coubeste*, *coubaram*. M. que perf. *Coubéra*,  
*coubéras*, *coubéra*, *coubéramos*, *coubéreis*, *coubéram*.  
Sub. pres. *Caiba*, *caibas*, *caiba*, *caibamos*, *caibaes*,  
*caibam*. Pret. Imp. *Coubesse*, *coubesses*, *coubesse-  
mos*, *coubesseis*, *coubessem*. Fut. *Coubér*, *coubé-  
res*, *coubér*, *coubérmos*, *coubérdes*, *coubérem*.

Crer. Ind. pres. *Creio*, *crês*, *crè*, *cremos*, *crèdes*.

creem. Sub. pres. Creia, creias, creia, creiamos, creiaes,

creiam.  
Dizer. Ind. pres. Digo, dizes, diz, dizemos, dizeis,  
dizem. Pret. Aoristo. Disse, disseste, disse, dissemos,  
dissestes, disseram. M. que perf. Disséra. disséras, dis-  
séra, disséramos, disséreis, disséram. Fut. Direi, dirás,  
dirá, diremos, direis, dirão. Cond. Diria, dirias, diria,  
diriamos, dirieis, diriam. Sub. pres. Diga, digas, diga,  
digamos, digaes, digam. Pret. Imp. Dissesse, disses-  
ses, dissesse, dissessemos, dissesseis, dissessem. Fut.  
Dissér, disséres, dissér, dissérmos, dissérdes, dissérem.

Part. pass. dito.

Fazer. Ind. pres. Faço, fazes, faz, fazemos, fazeis,  
fazem. Pret. Aoristo Fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes,  
fizeram. M. que perf. Fizéra, fizéras, fizéra, fizeramos  
fizéreis, fizéram. Fut. Farei, farás, fará, faremos, fa-  
reis, farão. Cond. Faria, farias, faria, fariamos, farieis,  
fariam. Sub. pres. Faça, faças, faça, façamos, façaes,  
façam. Pret. Imp. Fizesse, fizesses, fizesse, fizessemos,  
fizesseis, fizessem. Fut. Fizer, fizeres, fizer, fizermos,  
fizerdes, fizerem. Part. pass Feito.

Haver. Vide Tabella n. 2.

Jazer. Ind. pres. Jazo (pouco usado) jazes, jaz, ja-  
zemos, jazeis, jazem.

Ler. Conjuga-se como. — Crêr.

Perder. Ind. pres. Perco, perdes, perdemos, per-  
deis, perdem. Sub. pres. Perca, percas, perca, perca-  
mos, percaes, percām

Poder. Ind. pres. Posso, podes, pode podemos,  
podeis, podem. Pret. Aoristo. Pude, pudeste, poude,  
podemos, podestes, poderam. M. que perf. Podéra. po-  
dérás, podéra, podéramos, podéreis, podéram. Sub.  
pres. Possa, possas, possa, possamos, possaes, possam.  
Pret. Imp. Podesse, podesses, podesse, podessemos,  
podesseis, podessem. Fut. Podér, podéres, podér, po-  
dermos, poderdes, poderem.

Não tem Imperativo e o Particípio Passado é inva-  
riável.

Prazer (impessoal) Ind. pres. Praz. Pret. Aoristo

Prouve. *M. que perf.* Prouvéra. *Sub. pres.* Praza. *Pret.*  
*Imp.* Prouvesse. *Fut.* Prouver.

Querer. *Ind. pres.* Quero, queres, quer, queremos,  
quereis, querem. *Pret.* Aoristo. Quiz, quizeste, quiz,  
quizemos, quizestes, quizeram. *M. que perf.* Quizéra,  
quizeras, quizéra, quizéramos, quizéreis, quizéram. *Sub.*  
*pres.* Queira, queiras, queira, queiramos, queiraes,  
queiram. *Pret. Imp.* Quizesse, quizesses, quizesse, qui-  
zessemos, quizesseis, quizessem. *Fut* Quizer, quizéres,  
quizer, quizérmos, quizérdes, quizerem.

Nao tem Imperativo. e o Particípio Passado irregu-  
lar *quistó* só é usado em composição : — bemquisto e  
malquisto.

Requerer. *Ind. pres.* Requeiro, requeres, requer,  
requeremos requereis, requerem. *Sub. pres.* Requeira,  
requeiras, requeira, requeiramos, requeiraes, requeri-  
ram.

Saber. *Ind. pres.* Sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis,  
sabem. *Pret.* Aoristo. Soube, soubeste, soube, soubem-  
os, soubestes, souberam, *M. que perf.* Soubéra, sou-  
beras, soubéra, soubéramos, soubereis, soubéram. *Sub.*  
*pres.* Saiba, saibas, saiba, saibamos, saibaes, saibam.  
*Pret. Imp.* Soubesse, soubesses, soubesse, soubessemos,  
soubesseis, soubessem. *Fut.* Souber, souberes, souber-  
mos, souberdes, souberem.

Sér. Vide Tabella n. 2.

Ter. Vide Tabella n. 2.

Trazer. *Ind. pres.* Trago, trazes, traz, trazemos  
trazeis, trazem. *Pret.* Aoristo. Trouxe, trouxeste, trouxe-  
mos, trouxestes, trouxeram. *M. que perf.* Trou-  
xera, trouxeras, trouxera, trouxeramos, trouxereis, trou-  
xeram. *Fut.* Trarei, trarás, trará, traremos, trareis, tra-  
rão. *Cond.* Traria, triarias, traria, triariamos, trarieis-  
triam. *Sub. pres.* Traga, tragas, traga, tragamos, tra-  
gaes, tragam. *Pret. Imp.* Trouxesse, trouxesses, trou-  
xessemos, trouxesseis, trouxessem. *Fut.* Trou-  
xerem.

Valér. *Ind. pres.* Valho, vales, vale ou val, vale-

mos, valeis, valem. *Sub. pres.* Valha, valhas, valha, valhamos, valhaes, valham

Vér. *Ind. pres.* Vejo, vês, vê, vemos, vêdes, veem. *Pret. Aoristo.* Vi, viste, viu, vimos, vistes, viram. *M. que perf.* Vira viras, vira, viramos, vireis, viram. *Sub. pres.* Veja, vejas, veja, vejamos, vejaes, vejam. *Imp. ret.* Visse, vis-ses, visse, vissemos, visseis, vissem. *Fut.* Vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. *Part. pass.* Visto.

O seu derivado PROVER affasta-se no *Pret. Aoristo*: Provi, proveste, proveu, provemos, provestes, provaram. *Pret. Imp. do Sub.* Provesse, provesses, provesse, provessemos, provessei-, provessem. *Fut.* Prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem. *Part. pass.* Provido.

### 3.<sup>a</sup> conjugação

Adherir. *Ind. pres.* Adhiro, adhéres, adhére, adherimos, adheris, adherem.

Advertir - conjuga-se como - Adherir.

Acudir. *Ind. pres.* Acudo, acódes, acóde, acudimos, acudis, acòdem. Antigamente este verbo era regular; os escriptores conservaram o u.

Acude e corre, pae, que si não corres  
Pode ser que não aches quem soccorres,

Camões. C. 3. Estr. 105

Afferir - conjuga-se como - Adherir.

Agredir. - *Ind. pres.* Aggrido, aggrides, aggride, aggredimos, aggredis, aggredem.

Bulir - conjuga-se como - Acudir.

Cobrir. *Ind. pres.* Cubro cobres, cobre, cobrimos, cobres, cobrem. *Sub. pres.* Cubra, cubras, cubra, cubramos, cubraes, cubram. *Part. pass.* Cuberto.

Comedir - conjuga-se como - Adherir.

Compellir - conjuga-se como - Adherir.

Competir - conjuga-se como - Adherir.

Conseguir—conjuga-se como—Acudir, attendendo-  
se a observação n. 9.  
Construir—conjuga-se como—Acudir.  
Consumir—conjuga se como—Acudir.  
Cortir—*Ind. pres.* Curto, curtes, curte, cortimos, cor-  
tis, curtem. *Sub. pres.* Curta, curta, curta, curtamos,  
curtaes, curtam.

Cuspir—conjuga-se como—Acudir.  
Destruir—conjuga se como—Acudir.  
Dormir—conjuga-se como—Cobrir.  
Deferir—conjuga-se como—Adherir.  
Despir—conjuga-se como—Adherir.  
Discernir—conjuga-se como—Adherir.  
Digerir—conjuga-se como—Adherir.  
Divergir—conjuga-se como—Adherir.  
Divertir—conjuga-se como—Adherir.  
Engulir—conjuga-se como—Acudir.  
Entupir—conjuga-se como—Acudir.  
Emergir—conjuga-se como—Adherir.  
Enxerir—conjuga-se como Adherir.  
Expellir—conjuga-se como—Adherir.  
Ferir—conjuga-se como—Adherir.  
Frigir—*Ind. pres.* Frijo, fréges, frége, frigimos, fre-  
gis, frégem. *Part. pass.* Frito.  
Fugir—conjuga-se como—Acudir.—Camões diz: Fu-  
ge, fuge, Luzitano. Canto 2.<sup>o</sup>, 21.  
Impellir—conjuga-se como—Adherir.

Ir.—*Ind. pres.* Vou, vas, vae, vamos ou imos, ides,  
vão. *Pret.* Aor sto. Fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.  
*M. q. perf.* Fóra, fóras, fóra, fóramos, fóreis, fóram. *Sub.*  
*pres.* Vá, vás, vá, vamos, vades, vão. *Pret. Imp.* Fosse,  
fosses, fosse, fossemos, fosseis, fossem. *Fut.* Fór, fôres,  
fór, fôrmos, fôrdes, fôrem.

Medir.—*Ind. pres.* Meço, medes, mede, medimos,  
medis, medem. *Sub. pres.* Meça, meças, meça, meça-  
mos, meçaes, meçam,  
Mentir—conjuga-se como—Adherir.  
Ouvir—conjuga-se como—Medir.  
Parir.—*Ind. pres.* Pairo, pares, pare, parimos, paris

parem. Sub. pres. Paira, paras, para, paramos, paraes,  
param.

Pedir — conjuga-se como — Medir.

Preterir — conjuga-se como — Adherir.

Prevenir — conjuga-se como — Aggredir.

Progredir — conjuga-se como — Aggredir.

Reflectir — conjuga-se como — Adherir,

Repellir — conjuga-se como — Adherir.

Repetir — conjuga-se como — Adherir.

Remir — Ind. pres. Redimo, redimes, redime, remimos, remis, redimem. Sub. pres. Redima, redimas, redima, redimamos, redimaes. redimam.

Rir. — Ind. pres. Rio, ris, ri, rimos, rides, riem. Sub. pres. Ria, rias, ria, riamos, riae, riam.

Sacudir — conjuga-se como — Acudir.

Seguir — conjuga-se como — Adherir —, attendendo-se á observação n. 9.

Sentir — conjuga-se como — Adherir.

Servir — conjuga-se como — Adherir.

Sortir — conjuga-se como — Cortir.

Subir — conjuga-se como — Acudir.

Sumir — conjuga-se como — Acudir.

Transgredir — conjuga-se como — Aggredir.

Tus-sir — conjuga-se como — Acudir.

Vestir — conjuga-se como — Adherir.

Vir. - Ind. pres. Venho, vens, vem, vimos, vindes, veem. Pret. Imp. Vinha, vinhas, vinha, vinhamos, vinheis, vinham. Pret. Aoristo. Vim, vieste, veio, vimos, viestes vieram. M. q. perf. Viera, vieras, viera, vieramos, viereis, vieram. Sub. pres. Venha, venhas, venha, venhamos, venhaes, venham. Pret. Imp. Viesse, viesses, vies-e, viessemos, viesseis, viesse. Fut. Viér, viéres, viér, viérmos, viérdes, viérem. Part. Passado e Gerundio. Vindo.

#### NOTA

Deixámos de dar aqui os verbos á primeira vista do estudante conhecidos como compostos, e aquelles cujas irregularidades estão comprehendidas nas observações com que abrimos esta Lecção.

I I

Muitos verbos teem dous participios passados, um regular e outro irregular.

Os 1.<sup>os</sup> são geralmente conjugados com os verbos *ter* e *haver*; os 2.<sup>os</sup>, como simples adjectivos verbaes, designando qualidades, são mais usados com os verbos *ser* e *estar*.

1.<sup>a</sup> conjugação

Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.	Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.
Acceitado	Acceito ou ac- ceite	Gastado (ant.)	Gasto
Affeçoadado	Affecto	Ignorado	Ignoto
Agradado	Grato	Infectado	Infecto
Annexado	Annexo	Infestado	Infesto
Apromptado	Prompto	Infeccionado	Infecto
Arrebatado	Rapto (ant.)	Inquietado	Inquieto
Bemquistado	Bemquisto	Juntado	Junto
Captivado	Captivo	Lesado	Leso
Cegado	Cego	Libertado	Liberto
Circumcidado	Circumciso	Limpado	Limpo
Completado	Completo	Livrado	Livre
Compaginado	Compacto	Malquistado	Malquisto
Concretado	Concreto	Matado	Morto
Condensado	Côndenso	Manifestado	Manifesto
Confessado	Confesso	Misturado	Mixto
Cultivado	Culto	Molestado	Molesto
Curvado	Curvo	Murchado	Murcho
Densado	Denso	Occultado	Occulto
Descalçado	Descalço	Pagado (ant.)	Pago
Despertado	Despertado	Pegado	Preso
Despersado	Disperso	Professado	Professo
Embotado	Emboto	Quietado	Quieto ou quedo
Entregado	Entregue	Regeitado	Regeito (ant.)
Enxugado	Enxuto	Requisitado	Requisito

Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.	Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.
Estreitado	Estreito	Safado	Safo
Exceptuado	Excepto (hoje preposição)	Salvado	Salvo
		Seccado	Secco
Excusado	Excuso (ant.)	Segurado	Seguro
Exemptado	Exempto	Sepultado	Sepulto
Expressado	Expresso	Situado	Sito
Expulsadó	Expulso	Soltado	Solto
Extremado	Extreme (ant.)	Sujeitado	Sujeito
Faltado	Falto	Suspeitado	Suspeito
Partado	Farto	Suxado	Suxo
Findado	Findo	Vagado	Vago
Fixado	Fixo	Voltado	Volto
Ganhado	Ganho		

### 2.ª conjugação

Absolvido	Absolto ou absoluto	Escurecido	Escurô
Absorvido	Absorto	Extendido	Extenso
Accendido	Accesso	Immergido	Immerso
Agradecido	Grato	Incorrido	Incurso
Arrepentido	Arrepenso (ant.)	Interrompido	Interrupto
Attendido	Attento	Involvido	Involto
Bemquerido	Bemquisto	Morrido	Morto
Benzido	Bento	Mantido	Manteúdo (ant.)
Colhido	Colheito (ant.)	Nascido	Nado ou Nato
Comido	Comesto (ant.)	Pendido	Penso
Concedido	Concesso (ant.)	Pervertido	Perverso
Conhecido	Cognito	Prendido	Preso
Contido	Conteúdo (subst.)	Propendido	Propenso
Convencido	Convicto	Querido	Quisto
Convertido	Converso	Reconhecido	Recognito
Corrompido	Corrupto	Recosido	Recoito (ant.)
Cozido	Coito (ant.)	Refranzido	Refracto
Defendido	Defeso	Removido	Remoto
		Reprehendido	Reprehenso
		Resolvido	Resoluto
		Retido	Retendo (ant.)

Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.	Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.
Descrevido (ant.)	Descripto	Retorcido	Retorto
Desenvolvido	Desenvolto	Revolvido	Revolto
Despendido	Despeso (ant.)	Rompido	Roto
Detido	Deteuto (ant.)	Solvido	Soluto
Devolvido	Devoluto	Submettido	Submisso
Dissolvido	Dissoluto	Surprehendi- do	Surpreso
Elegido	Eleito	Suspendido	Suspenso
Enchido	Cheio	Tangido	Tacto
Escolhido	Escolheito (ant.)	Tendido	Tenso
Escondido	Escuso	Tido	Teudo (ant.)
Escorrido	Escorreito	Tolhido	Tolheito (ant.)
Escrevido (ant.)	Escripto	Torcido	Torto
		Volvido	Volto (ant.)

3.<sup>a</sup> conjugação

Abrido (ant.)	Aberto	Exaurido	Exhausto
Abstrahido	Abstracto	Eximido	Exempto
Adquerido	Acquisto	Expellido	Expulso
Affligido	Afflito	Exprimido	Expresso
Aspergido	Asperso	Extinguido	Extincto
Assumido	Assumpto (subs.)	Extorquido	Extorto
Cingido	Cincto	Extrahido	Extracto
Circumduzido	Circumducto	Furgido	Ficto
Coagido	Coacto	Fingido	Frito
Cobrido (ant.)	Coberto	Haurido	Hausto
Compellido	Compulso	Illudido	Illuso
Comprimido	Compresso	Imprimido	Impresso
Concluido	Concluso	Incluido	Incluso
Confundido	Confuso	Induzido	Inducto
Contrabido	Contracto	Infundido	Infuso
Contundido	Contuso	Inserido	Inserto
Convellido	Convulso	Instruido	Instructo*
Corrigido	Correcto	Introduzido	Introducto
Descobrido (ant.)	Descoberto	Obtundido	Obtuso
		Omittido	Omissio
		Opprimido	Oppresso

Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.	Part. Pass. Reg.	Part. Pass. Irreg.
Diffundido	Diffuso	Possuido	Possesso
Diluido	Diluto	Recluido	Recluso
Digerido	Digesto	Remittido	Remisso
Dirigido	Directo	Repellido	Repulso
Distinguido	Distincto	Reprimido	Represso (ant.)
Distrahido	Distracto	Restringido	Restricto
Dividido	Diviso	Submergido	Submerso
Encobrido (ant.)	Encoberto	Supprimido	Suppresso
Erigido	Erecto	Surgido	Surto
Excluido	Excluso	Tingido	Tincto





## LECÇÃO DECIMA NONA

VERBO : CONCORDANCIA ; CORRESPONDENCIA DOS MODOS E DOS TEMPOS. INFINITO PESSOAL. VERBO HAVER

### I

E' um dos pontos mais difficeis no estudo da Grammatica a parte relativa á concordancia das palavras.

Procuraremos torna-lo bem comprehensivel ás intelligencias dos estudantes.

Vejamos a concordancia do verbo.

O verbo concorda com o sujeito em numero e pessoa.

Devemos mais notar :

1.º Concorrendo muitos sujeitos no singular, o verbo vai para 3.<sup>a</sup> pessoa do plural : — A palhoça, o sobrado, o palacio estão habitados — Si o verbo fôr enunciado primeiro pôde ficar no singular : — Está habitada a palhoça, o sobrado, o palacio.

2.º Muitos sujeitos no singular estando comprehendidos ou individualisados por uma palavra collectiva ou no singular, como : *tudo, nada, cada um, cada qual, ninguem, isto* exigem o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa dos singular : — A palhoça, o sobrado, o palacio tudo, ou nada etc., foi queimado.

3.º Si estes sujeitos forem substantivos synonyms ou exprimirem uma enumeração gradativa o verbo fica tambem no singular : — O riso, o prazer, a alegria fzia-a mais formosa.

4.º Si concorrerem muitos sujeitos de diversas pessoas, o verbo concorda com a que tem prioridade, no plural : a 1.ª tem prioridade sobre a 2.ª, e esta sobre a 3.ª : — Eu e João somos jovens, Tu e Pedro sois ricos.

5.º Quando o sujeito é collectivo seguido de um nome plural regido da preposição *de*, o verbo fica no singular si o collectivo é geral, vae para o plural si o collectivo é partitivo : — O rebanho de ovelhas era dirigido por um lobo. — Dentro em pouco estavam em Roma grande quantidade de porcellanas. Fr. Luiz de Souza.

« Devemos, porém, notar que, quando quizermos attender mais a quantidade que significa o collectivo partitivo do que a qualidade do substantivo o verbo concorda no singular com o collectivo — Um inverno se ajuntou a maior parte d'elles em casa de um antigo morador d'aquelle logar, — Rodrigues Lobo.

Tambem com o collectivo geral, si attendermos mais à qualidade das pessoas ou cousas expressas pelo substantivo do que a quantidade que o significa o verbo vae para o plural concordando com o substantivo : — A cavalaria dos mouros que vieram a seu chamado. João de Barros. (1)

6.º Quando os sujeitos estão unidos pela preposição *com* equivalendo a conjuncção *e*, isto é, quando todos praticam conjunctamente a acção o verbo vae para o plural :

Que eu co'o grão Macedonio e co'o Romano  
Demos logar ao nome Lusitano

Lusiadas C. 4.º Estr. 75.

Já sabemos que o modo indicativo mostra que o facto indicado pelo verbo é real ; e que o subjunctivo mostra que o facto é duvidoso, hypotheticó.

Para sabermos qual devemos empregar é preciso que attendamos à oração principal, isto é, para aquella

10-11. (1) Estudinhos da Lingua Patria. Silva Tullio. Pag.

que representa a idéa primordial, sem dependencia, e as orações subordinadas que a esta acham-se ligadas.

Assim, quando o verbo da oração principal exprime alguma cousa de certo, positivo, o verbo da oração subordinada fica no indicativo; si aquella exprime alguma cousa de incerto, esta fica no subjunctivo.

Tambem si o verbo da oração principal significa — pensar, crer, saber, sentir, affirmar —, o verbo da oração subordinada fica no indicativo.

Si o verbo da oração principal significa admiração, surpreza, vontade, desejo, alegria, tristeza o verbo da subordinada fica no subjunctivo.

Poderíamos estender estas regras a um grande numero de casos, mas Julio Ribeiro que sobre este assunto escreveu proficientemente diz: Não é pretenção do autor que estas regras abranjam todos os casos possiveis do uso do subjunctivo. (1)

Os tempos tambem se correspondem entre si.

Ao presente do indicativo correspondem todos os tempos quer do indicativo, quer do subjunctivo e o infinito pessoal

Ao imperfeito do indicativo correspondem: o imperfeito, o mais que perfeito, o condicional, do indicativo, o imperfeito e mais que perfeito do subjunctivo e o infinito pessoal.

Ao aoristo correspondem todo o indicativo, o imperfeito, o mais que perfeito do subjunctivo e o infinito pessoal.

Ao mais que perfeito do indicativo correspondem: o imperfeito e mais que perfeito do indicativo, o condicional, o imperfeito e mais que perfeito do subjunctivo e o infinito pessoal.

Ao futuro do indicativo correspondem: todo o indicativo, o presente, preterito perfeito e o futuro do subjunctivo e o infinito pessoal.

Ao condicional correspondem todo o indicativo, e o imperfeito e mais que perfeito do subjunctivo e o infinito pessoal.

(1) Gram. Port. Pag. 277.

Ao imperativo correspondem: todo o indicativo, o presente, o preterito imperfeito e o futuro do subjuntivo, e o infinito pessoal.  
Aos tempos do subjuntivo correspondem: os do indicativo e do infinito e elles proprios.

## II

O infinito presente dos verbos em Portuguez tem duas formas: uma pessoal e outra impessoal.

O seu emprego constitue um *idiotismo*; convindo notar que somente o Portuguez é a lingua que o admite. No dialecto gallego tambem encontram-se formas com essa flexão, como se vê em *Spana Sagrada*: — Para entrarem e sahirem. (Apud. Diez e Julio Ribeiro).

O uso do infinito pessoal que tanta clareza traz ao sentido da phrase data do seculo XIII.

O emprego do infinito pessoal ou impessoal é uma das grandes difficuldades que os estudantes encontram.

«Uma das causas é talvez a primeira, diz Silva Tullio, porque nos autores aparecem alguns d'esses erros, é devido á influencia que a litteratura hespanhola exerceu na Lingua Portugueza.

Porque, não possuindo aquelle idioma esse tempo fez com que alguns autores usassem o castelhanismo de empregar o impessoal quando deviam employar o pessoal. »

Adolpho Coelho julga da mesma forma que: «as construções do infinito com pronomes nas orações chamadas de modo infinito, o obscurecimento ha tanto tempo completamente realizado da função verdadeira do infinito, a analogia, explicam-nos perfeitamente este facto peculiar do Portuguez. As outras linguas romanicas conservam neste ponto mais fielmente a tradição da lingua mae. »

Diversas são as regras estabelecidas para o emprego do infinito pessoal.

D'entre elles uma, sobre que em geral estão os Grammaticos de acordo é a seguinte:

« Usa-se do infinito pessoal quando tem sujeito proprio. »

Felizmente Julio Ribeiro em sua Grammatica protesta contra esta regra e entre duas indicações diz :

« Para que se ponha o verbo no infinito pessoal ou impessoal é indiferente que elle tenha ou não sujeito proprio. »

A não ser assim, dizemos nós, Camões, o mestre da lingua, errou quando nos Lusiadas escreveu no canto 7.<sup>º</sup> Estr. 72 :

E folgarás de vêres a polícia

e no canto 6.<sup>º</sup> Estr. e 15:

.....não te espantes  
De Baccho no teu reino receberes.

O mesmo aconteceria com Alex. Herculano:

— As aves *pareciam* nos seus vôos incertos, ora vagarosos ora rápidos *folgarem* com os primeiros dias das estações dos amores.

Tambem Padre Vieira: — E' necessário para se conservarem nesta nova representação e para governarem como devem, que se apartem de suas proprias raizes.

E Camillo Castello Branco: — .....bufarinheiros pregam no intuito de fazerem sua cúmplice á nobilíssima neta de Platão.

Fr. Luiz de Souza: — .....que ao pé de Santa Engracia se queixavam os vizinhos de verem sahir á meia noite.

E Ad Coelho: — .....trabalhos taes.... demandam longos annos de laboriosas investigações para terem um valor científico.

Julio Ribeiro, de acordo com Diez (1), dá duas lis-

Vol. 3.<sup>º</sup> (1) Grammaire des Langues Romaines. Pag. 202-203.

tas de phrases, em que ora o infinito é empregado pessoalmente, ora impessoalmente.  
Sujeito diferente: — E' tempo de partires. Viu nascerem duas fontes.

O mesmo sujeito: Não tens vergonha de ganhares a tua vida tam torpemente. Todos estão alegres por terem paz.

Portanto, precisamos abolir aquella regra e observar as seguintes:

Emprega-se o infinito pessoal:

1.º Quando si poder substitui-lo pela linguagem do indicativo ou do subjunctivo:

Vimos as Ursas apezar de Juno  
Banharem-se nas aguas de Neptuno

Luziadas C 5.º E 45.

isto é, — que se banhavam

— Para sermos (isto é, — para que sejamos) mais do que somos não é necessario multiplicar homens. Padre Antonio Vieira.

2.º Quando ha necessidade de clareza:

Comprei um livro para (tu) leres  
Comprei um livro para (eu) lér

Em qualquer outro caso deve-se usar do infinito impessoal, devendo-se attendér principalmente para clareza e elegancia da phrase.

O *participio presente*, simples adjectivo, não admitté flexão de genero, e sim de numero e de grāu: — Amantes, amantissimo.

No antigo Portuguez conservava a força participal:

— Cegou entrante á lida.

— Os quaes tementes Nosso Senhor.

— Chama a nós a Sancta Escriptura de Deus dizente.  
(Apud. Ad. Coelho)

O *participio passado*, considerado como adjectivo, concorda com o sujeito da oração quando o verbo auxiliar

• ser ou estar e fica invariavel quando o verbo é *haver* ou *ter*, ex:

As artes são estimadas.

Os vicios estão descobertos.

Temos estudo bastante.

Havemos vencido as difficuldades.

Antigamente esta regra não era fixa; e vemos Camões:

Que tanto mar e terra tem passadas.

Canto 2.<sup>o</sup> Estr. 76.

E do Jordão a areia tinha vista.

Canto 3.<sup>o</sup> Estr. 27.

Que a ferrugem da paz gastadas tinha.

Canto 4.<sup>o</sup> Estr. 22.

Depois de ter pisada longamente  
Co'os delicados pés a areia ardente.

Canto 5.<sup>o</sup> Estr. 47.

O Gerundio compõe as linguagens de verbos frequentativos, é invariavel.

Pede a preposição *em* que o precede, e indica assim, que uma nova acção vai seguir-se: — Em correndo chegarás cedo. —

O gerundio regido d'esta preposição é de uso latino.

III

Graças ao methodo histórico-comparativo applicado ao estudo das linguas, resolveu-se a syntaxe do verbo *haver*.

Hoje os Grammaticos estão mais ou menos de acordo que o verbo *haver* é um verbo impessoal por uso. Julio Ribeiro que tambem assim considera-o em certas orações, acrescenta que elle não necessita sujeito claro, sua syntaxe é semelhante a dos verbos *chover*, *trovejar* ou qualquer.

Julgamos que não.

Em *chóve*, *troveja*, o sujeito não vem claro porque está incluido na propria significação do verbo.

E' o que observamos nas palavras cognatas.

Assim quando a idéa expressa pelo sujeito está incluida na sua propria significação não se emprega um verbo com o mesmo sentido ou significado; ou melhor, si empregarmos o sujeito *defunto* não usamos do verbo *morrer*, porque a idéa de morte já está incluída no sujeito.

Entretanto, que com o verbo *haver* o sujeito é originado do complemento.

Em *ha homens*, o sujeito é formado da idéa da palavra homens, que vem a ser a *sociedade*, o *mundo*.

Nas linguas, como nas sociedades, como no direito ha duas forças: uma estatica e outra dynamica.

Nas linguas a primeira d'estas forças é representada pelo povo, que conserva mais as palavras em sua primitiva origem, e usa mais dos archaismos.

Pois bem; é no povo que encontramos a perfeita confusão entre o verbo *haver* e *ter*, parecendo mostrar que para elle ou antigamente os douos verbos tinham a mesma função, identico significado.

Diz elle: — hoje *tem missa* — por — *ha missa*.

Quem se dedica ao ensino, muitas vezes observa as transformações phoneticas de uma palavra, certas regras baseadas no estudo comparativo e no uso, todas ellas palpitantes nos erros das provas de Portuguez, dos estudantes.

Exemplifiquemos:

Quantas vezes os nossos discipulos escrevem *leones*?

Não é este o meio de provar-se etimologicamente o plural em *ões* dos substantivos em *ão*?

Quantas vezes dizem *trouve*?

Não é esta a primitiva forma do aoristo do verbo *trazer*?

Finalmente, quantas outras vezes, descrevendo uma sala dizem: — *Tem* de um lado uma porta, *tem* de outro etc.

Não está bem patente a confusão dos verbos *ter* e *haver*, exprimindo ambos a posse?

— Os nossos *haveres* — não significam — os nossos *teres*, os nossos *possuidos*?

Vergueiro e Pertence na sua metaphisica linguistica diz, contra os factos da lingua, que o verbo *haver* empregado no sentido de *existir* usa-se na terceira pessoa do singular ainda que o sujeito seja da terceira pessoa do plural.

Esta opinião prende com mais facilidade o espirito dos simples por ser de mais ligeira comprehensão e de mais facil analyse.

Para explicarem a discordancia entre o sujeito e o verbo classificam este facto de idiotismo, recurso extremo dos que não aprofundam as questões grammaticaes.

Uma outra theoria tam absurda como esta, é sustentada e d'ella nos dá uma amostra Sotero dos Reis:

« O verbo impessoal *haver*, cuja significação é a mesma de *existir* emprega-se ordinariamente com o sujeito grammatical occulto: — classe, genero, especie, porção, quantidade, numero, espaço etc., e um complemento d'esse sujeito precedido da preposição *de* tambem occulta.

Exemplo em Camões:

Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes  
Alguns traidores houve algumas vezes.

A syntaxe regular é: — Dizei-lhe que tambem numero de traidores etc.

Esta theoria não assenta em facto algum linguistico, é um mero sophisma.

De tudo quanto acabamos de expender, claro está que é nossa opinião a que dá como significado do verbo *haver*: *ter* ou *possuir*,

Neste caso o sujeito da oração está occulto e uma simples reflexão com facilidade descobrirá um nome collectivo, ou pelo menos um nome em que esteja contido o complemento grammatical.

— Haverá lances. — isto é, — a vida ou o tempo possuirá ou terá lances.

A analyse da phrase franceza *Il y a des hommes* manda considerar *des hommes* como complemento e *il* (indeterminado) como sujeito.

E' esta a theoria que melhor explicação historica e scientifica encontra e a favor da qual militam não só a origem do verbo *haver*, lat. *habere*, (ter), como a classica phrase citada por João Ribeiro.

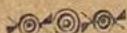
Elle havia nome Antão.

Observamos mais que a palavra *eis* que em geral os Grammaticos classificam como adverbio não é mais do que a forma do verbo *haveis*—*heis*—*eis*, e pode ser substituída pelo verbo *ter* e vice-versa.

Padre Manoel Bernardes:—Aquitendes mil e quinhentos marcos de pedra — equivale a: — Eis aqui mil etc.

« Na maxima seguinte : — Ha fanfarrões de scien-  
cia, como os ha de valor e nobreza, o Marquez de Maricá  
não substituiu na segunda proposição, o substantivo *fan-  
farrões* pelo caso recto *elles*, como deveria se fosse su-  
jeito, mas sim pelo pronome *os* que, neste caso, tem  
força de accusativo latino, e é por isso, como o substan-  
tivo a que se refere, complemento objectivo de *ha*. (1)

Ramalho Ortigão diz : (2) Ha-os nesta collecção  
de todas as especies. — Neste exemplo *os* não pode ser  
sujeito; é sim complemento objectivo, estando o verbo  
*haver* na significação de *ter, possuir*.



(1) Grammatica Portugueza pelo Dr. A. Freire da Sil-  
vi. Pag. 332.

(2) Farpas. 5.º volume. Pag. 179.



## LECÇÃO VIGESIMA

ETYMOLOGIA VERBAL: PESSOAS, MODOS. THEMAS SIMPLES

### I

E' um facto acceito por grande numero de linguistas que as flexões verbaes consistem na soldagem de um pronome pessoal a um thema adjectivo ou substantivo.

E' esta a parte mais importante e difficil que tem o estudo da Grammatica e neste ponto principalmente a *Grammatica Comparada das linguas indo-européas* de Bopp, o sabio guia do illustrado glottologo Sr. Adolpho Coelho é um manancial inexgotavel, manancial de que este escriptor aproveitou as principaes idéas sobre a theoria da conjugação latina.

O estudo comparativo das conjugações latina e portugueza é muito complexo e difficultoso

Em nossa lingua só conhecemos um trabalho perfeito sobre este assumpto, que é do distinto glottologo portuguez A. Coelho, sob o titulo: *Theoria da Conjugação em Latim e Portuguez*.

E' este livro o nosso pharol na presente Lecção.

Analysando primeiramente a formação dos verbos, diz, que elles exprimem a accão e as relações de tempo, modo e pessoa.

Nas linguas indo-européas compõe-se o verbo da

raiz, que é o elemento da significação, e dos elementos da relação precedidos por aquella.

A ordem dos elementos do verbo é: thema temporal mais desinencia pessoal.

Por exemplo: no verbo *noscit*, o *t* indica a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, *sci* o presente, (no perfeito *no-vi* falta este elemento), *no* indica a raiz, a acção de conhecer.

Os themes temporaes são simples, como em *ama*, raiz *am* suffixo *a*; e compostos, como *ama-vi*, thema *ama* e o thema do preterito *vi-fui*.

#### Desinencias pessoaes:

A desinencia da primeira pessoa do singular é m do thema pronominal indo-europeu *ma* que conserva as seguintes formas:

1.<sup>a</sup> do imperfeito da raiz italica *fu*, no latim *bam* por *fuam*: *amabam*.

2.<sup>a</sup> do imperfeito da raiz latina *es*: *eram* por *esam*.

3.<sup>a</sup> do optativo e do conjunctivo: *siem*, *dicam*.

4.<sup>a</sup> do presente do indicativo da raiz *qua* (dizer): *inquam*, e da raiz *es*: *sum* por *esum*.

E' bom notar-se que nas demais formas da primeira pessoa do presente assim como nas do preterito, essa desinencia deixou de ser pronunciada e escripta: *feror* de *ferom*; *dico* de *dicom* etc.

O mesmo se observa no accusativo latino.

E' o phenomeno que se dá em Portuguez: — *ama*-va, *era*, *dizia*, *diga* —

A forma *inquam* não tem correspondente em nossa lingua, e a forma *sum* pronuncia-se e escreve-se *sou* (só) do latim vulgar *so* pronunciado como *do*, *sto*, port. *dou*, *estou*.

A desinencia da primeira pessoa do plural em Latim é *mus* em todos os tempos: *amamus*, *amacimus* etc.

O Portuguez conserva essa desinencia e antigamente escrevia-se: *amamus* — *amamos*. —

No Latim a desinencia da segunda pessoa do singular apresenta tres formas:

1.<sup>a</sup> *ti* do thema pronominal indo-europeu *ta* que se encontra no Latim *tu*, *tibe*, *te* etc.: no perfeito *dedisti*.

2.<sup>a</sup> *s* indo germanico, forma secundaria de *s* de si.

Este *si* é forma assibilada de *ti*, diz Schleicher.

Conserva-se em Latim : *amas, amabas*, excepto no perfeito : *amaviste, dediste*.

O mesmo dá-se no Portuguez, mudando-se somente o *ti* em *te* : *amaste, deste*.

3.<sup>a</sup> *to*, desinencia emphatica do imperativo, da forma do antigo latim *tod*.

Em Portuguez o imperativo não tem desinencia pessoal :— *ama, dá*.

A desinencia da *segunda pessoa do plural* em Latim é *tis*, indo germanico *tasi*, que aparece em todos os tempos : *fertis, datis, dedistis* etc.

No imperativo perde o *s* e muda o *i* em *e* : *ferte, date*.

Occorre em Latim uma forma emphatica *tote*.

Em Portuguez o *t* da desinencia fica inalterado no preterito por causa do *s* que o precede :— *amastes amavi stis*.

Fóra d'este tempo abrandase em *d* : *amatis*, antigo Portuguez — *amades*, — ficando finalmente syncopado o *d* por estar entre vogaes, como em *fidelis* port.— *fiel*.

Em alguns verbo s o *d* conserva-se, diz Diez, porque se appoia sobre o *n* :— *Pondes, tendes*; — ou sobre o *r* :— *Cantardes, amardes*. —

Possue tambem a forma archaica *sondes-sois*, usada no Archipelago Açoriano :— *Sondes menina e moça vos tornareis a casar*. — *Sondes neto de Sant'Anna, filho da Virgem Maria*. — Canto Popular, recolhido por Theophilo Braga.

Até o seculo 15.<sup>º</sup> as formas verbaes conservam o *d*, d'ahi em diante encontram-se as duas formas e na Grammatica de João de Barros (1540) aquella letra desaparece.

A desinencia da *terceira pessoa do singular* é em Latim *t*, forma secundaria de *ti*, abrandada de *ta*.

Esta ultima forma é pronome demonstrativo que só apparece em composição : *is-te, is-ta, is-tu-d*.

No imperativo *to* vem de *tod*, no osco *tud*, no grego *to*.

Do 4.<sup>º</sup> seculo da era christã em diante o som do *t* foi sendo pronunciado surda e fracamente na lingua do povo e ás vezes supprimido, como diz Corssen.

Nos primeiros Cancioneiros Portuguezes ainda se encontra a forma *est*, modo de escrever do verbo *ser*, que não é puramente etymologico e que só era empregado para evitar o hiato quando a palavra seguinte começava por vogal; a forma usual é, porém, — é —

A desinencia, portanto, da 3.<sup>ª</sup> pessoa do singular do Latim não deixou vestigios em Portuguez.

A desinencia da terceira pessoa do plural em Latim é *nt* por *nti* que só foi conservada em *trementi*, e é igual no indo germanico *nti* empregada depois do thema vogal e *anti* usada depois do thema consonantal.

Em Latim ha *sunt*.

No perfeito em *runt* observa-se simplesmente a forma do presente da raiz *es*: *sunt* mui lado o *s* em *r*.

O imperativo tem *nto*, indo germanico *ntat*.

A desinencia da terceira pessoa depois de reduzida à forma do Latim *nt* passou por ulteriores modificações.

Em Portuguez o *t* apparece apocopado. o *n* tornando final fica reduzido a uma consonancia nazal ou melhor funde-se com a vogal que o precede em uma vogal nazalisada, representada por til, *m* ou *n*.

A desinencia fica, pois, *ão* ou *am* facilmente explicada ou então é *em* que ora provem do *e* ora do *u* latino.

#### Desinencias pessoas

Sing.	Latim	Portuguez
1. <sup>ª</sup> pessoa.....	<i>m</i> .....	(desapareceu)
2. <sup>ª</sup> pessoa.....	{ <i>s</i> <i>ti</i> (perfeito) ..... <i>to</i> (imperativo) .....	<i>s</i> <i>te</i> (não tem)
3. <sup>ª</sup> pessoa.....	{ <i>t</i> <i>to</i> (imperativo) .....	(desapareceu) (não tem)
Plural		mos
4. <sup>ª</sup> pessoa.....	<i>mus</i> .....	24

	tis	... des (ant); es, is
2.º pessoa.....	te (imperativo)	.... de (ant); e,
	tote (imperativo)	..... (não tem)
		{ e ..... (não tem)
	unt	{ un, um... um ,om, am, (ant.)
3.º pessoa.....		am, ão;
	nt, n (lat. vulgar)	em, ão.

Sobre o titulo de suffixos *modaes* vamos comparar, ajudado pelo philologo A. Coelho, as alterações que as linguas latina e portugueza sofreram nos modos de seus verbos.

O *indicativo* não tem suffixo modal. Forma-se pela união do thema verbal ás desinencias pessoaes.

O *imperativo* só se distingue do indicativo porque as desinencias pessoaes adquirem força vocativa.

Temos, pois, nas linguas índo-européas o optativo e o conjunctivo que no Latim se fundiram no conjunctivo.

O logar dos suffixos modaes é entre o thema verbal e a desinencia pessoal.

A forma primitiva do suffixo do *optativo* era *ja*, e nas linguas indo-européas já.

No conjunctivo latino descobrem-se algumas formas primitivamente do suffixo optativo.

Estas formas passaram pelas seguintes modificações :

*ja-ie* { *i-i*  
*já-ie* {

As duas formas primitivas só foram conservadas no ramo asiatico ; as outras témos no Latim com a raiz *és-*

*siem*

sim

*sies*

sis

*siet*

sit

*siemus* (forma hyp)

simus

*sietis* ( " " )

sitis

*sient*

sint

Com as raizes *vel*, *ed*, *du*, (*da*) : *velim* por *veliem*; *editmus* por *ediemus*; *duis* ou talvez *dais* por *dates*.

Em Portuguez como em Latim o final do thema

optativo da primeira conjugação, em *a* (única que conservou a forma optativa) é constante é:

lat. amem	
ames	port. ame
amet	ames
amemus	ame
	amemos etc

As formas do *conjunctivo* em Latim são as dos temas em *a* (3.<sup>a</sup> conjugação) e dos verbos em *é* (2.<sup>a</sup> conjugação) e *i* (4.<sup>a</sup> conjugação.)

*Dicam, dicas, dicát,* e posteriormente *dicat*, etc.

Nas formas conjuntivas dos verbos em *é* e *a* o sufixo *aja* que forma o tema verbal d'essas conjugações e o sufixo *a* do conjunctivo passaram pelas seguintes modificações.

aja + a = ajá { ejá - cá  
                                  { ijá - iá

por ex: *moneámus, vestiámus.*

O conjunctivo presente dos verbos primários, em *a*, foi conservado, e os dos derivados em *e* e *i* latinos são representados em Portuguez pelos em *e* e *i*.

Verbo primitivo:

Lat. Dicam	Port. Diga
Dicas etc	Digas

Verbo derivado em *e*

Lat. Debeam	Port. Deva
Debeas etc	Devas

Verbo derivado em *i*

Lat. Vestiam	Port. Vista
Vestias	Vistas

## II

*Themas temporaes.*

Sobre os temas do presente distinguimos:

1.<sup>a</sup> *Themas constituidos pela raiz sem sufixos.*

Nesta classe a raiz appresenta-se na sua formação simples ou reforçada.

*Raízes com vogal não reforçada, simples.*

O Latim offerece poucos casos :

a) presente da raiz latina *es* (ser) como : *sum* por *esum* de *es* — *m* (*u* vogal euphonica ou ligativa); *sumus* por *esumus* de *esmus*.

b) algumas formas do presente da raiz latina *vol* (querer) : *volumus* por *volmus* (*u* ligativo).

c) terceira singular do presente da raiz latina *ed* (comer) : *est* (elle come) por *edt*.

d) terceira singular do presente da raiz latina *fer* (levar) : *fert* que talvez provenha de *ferit*.

e) as formas do presente da raiz latina *da* (pôr) : *do*, *dis*, *dit*, *dimus*, *ditis*, *dunt*, que apparecem nos compostos *ab-dit*, *cre-dit* etc.

*Raízes com vogal reforçada.*

A esta classe pertence o thema do presente da raiz *i* cujo perfeito é *i-vi* e o supino *i-tum* que antigamente apparecia com as formas : *eitur*, *eis*, *eit* onde o diphongo contrahio-se em *i longo*.

Parecem pertencer a esta classe : *fló*, *flás*, *flát* etc, *fór*, *fár*, *faris* etc. (ant. lat.) que ocorre em *fabula* etc; *dó*, *dás*, *dít*, onde a vogal só é reforçada no singular e *nó*, *nás*, *nát*.

Em Portuguez o presente da raiz *es* é : — *sou*, *és*, *somos* etc.

Só ha a notar que a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular seja *é* por *és* que foi usada para distingui-la da 2.<sup>a</sup> singular.

O *s* d'esta pessoa é signal constante da 2.<sup>a</sup> pessoa enquanto que na 3.<sup>a</sup> não tinha significação.

Quanto aos themas : *vol*, *ná*, *flá*, *fá* perderam-se em nossa lingua ; os compostos de *do* seguem analogicamente os themas em *a*; as formas do presente de *dó* e *stó* seguem as latinas e temos : — *dou*, *dás*, *dá* - etc. ; — *estou*, *está*, *estamos* — etc.

Quanto aos themas *ed*, *fer* pertencem ao caso :

2.<sup>o</sup> *Themas constituidos pela raiz com o suffijo A.*

Em Sanskrito, como em Latim, encontram-se numerosas formas do presente constituidas d'este modo.

No Latim, porém, em virtude da phonologia e diferenciação das formas pessoaes, o suffixo toma as formas.

#### 1.<sup>a</sup> Singular.

4. <sup>a</sup> pl. 2. sing e pl. 3. sing.  
3. <sup>b</sup> plural. i  
<sup>c</sup> f

As formas paralelas entre essas duas línguas mostram que o *o* da 1. pessoa prevém de um á primitivo sanskrito.

Assim *fero* corresponde ao sanskrito *bharámi* em que  
o *a* é reforçado.

No plural em que esta letra não é reforçada temos *ferimus* e não *feromus*.

### 3.<sup>a</sup> *Themas constituídos pela raiz reduplicada.*

O numero d'estes themes é muito pequeno em Latin.

Quando a raiz termina em consoante junta-se-lhe o sufixo *a* quando termina em vogal esta é considerada como se fosse aquelle sufixo.

#### 4.<sup>a</sup> Themes constituídos pela raiz com o suffixo na.

Neste caso ou o thema conserva o valor da letra *n* do suffixo : *linit* raiz *li*; *cernit* raiz *cer*; ou então o *n* é arrastado para o interior da raiz e fica unido aos outros sons : *vincit*, *victum*; *fundit*, *fusi*, *fusum*; *frangit*, *fregi*, *fractum*.

5.<sup>a</sup> Themas constituidos pela raiz com o suffixo SKA.

A esta classe pertencem: *gnascor*, raiz *gna*; *gnoscit*, raiz *gno*; *pascit* raiz *pa*; *gliscit*; *sciscit*; *hisco*; *discit*; *crescit*; *poscit* e pouco mais.

Este sufixo *ska* constitue formas conhecidas ordinariamente como inchoativas.

Este santo significado é obtido pela raiz com o sufixo TA.

6.º Themas constituídos pela raiz com o sufixo TA.

6.º *Themas constituidos*,  
Este suffixo vem sempre depois de raízes terminadas por gultural: *pectit*, *flectit*.  
Em Portuguez a desinencia d'estes cinco ultimos

casos, ou se conformam com as dos themes em *e* e *soam*:

- |                                |                              |
|--------------------------------|------------------------------|
| 1.º singular: <i>o</i> :— devo | 1.º pl: <i>é</i> :— devemos. |
| 2.º " " <i>e</i> :— deves      | 2.º " <i>é</i> :— devéis.    |
| 3.º " " <i>e</i> :— deve       | 3.º " <i>e</i> :— devem.     |

ou se conformam com as dos themes dos verbos derivados em *i* e *soam*.

- |                              |                              |
|------------------------------|------------------------------|
| 1.º sing. <i>o</i> :— visto  | 1.º pl. <i>i</i> :— vestimos |
| 2.º sing. <i>e</i> :— vestes | 2.º pl. <i>i</i> .— vestis   |
| 3.º sing. <i>e</i> :— veste  | 3.º pl. <i>e</i> :— vestem   |

Devemos observar que depois do *z* (c lat.) e *r*, cae o *e* final da 3.<sup>a</sup> pessoa do singular que não é protegido pela desinencia pessoal :—diz, induz, quer ; entretanto no imperativo, temos :—dize, induze — etc.

#### 7.º Themes constituidos pela raiz com o suffixo JA.

A vogal *a* que no Sanskrito fica reforçada soffre em Latim as mesmas modificações que o suffixo *A* (2.<sup>º</sup> caso.)

Assim do primitivo *ja* da primeira pessoa do singular no Sanskrito, apparece em Latim *io* (*jo*) ; de *ja* das outras pessoas *vem ji* onde o *j* cæe, *ei* (*ju*) : *capi* por *capoim* de *capjomu* ; *cápis* por *capjis* de *capjas* que fazem *cepi* e *captum*.

Da mesma forma : *fugio*, *fugi*, *fugitum* ; *feci*, *factum*.

Como vemos o *j* do suffixo só apparece na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular e na 3.<sup>a</sup> do plural.

Em Portuguez não se encontram vestigios d'elle na 3.<sup>a</sup> pessoa plural : de *fugiunt* vem — fogem — de *faciunt* vem — fazem.

Na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, ora syncópa o *j* depois d'elle ter influido sobre a consoante precedente, ora arrasta a semi-vogal *j* por metathese para o interior da raiz. Assim temos, ora — jazo — de — *jacio*, - fujo — de *fugio*, — faço — de *facio*, — ora caibo — de *capio*, — pairo — de *pario*.

Em — sei — de *sapio* o *i* final representa o *j* do suffixo : de *sapio* veio — saibo — d'onde por syncope do *b* — *sai*o, e *seio* — A queda do *o* deu-se para evitar a homonymia com — *seio* — de *sinus*.

Confessa, em todo o caso, com muita razão Adolph Coelho, que não confia muito nesta explicação. E' possivel que a queda do *o* seja puramente mechanica.

Sobre os themes do *perfeito* temos :

Estes themes são simples ou compostos.

Simples, como *fui*; compostos, como *jacui* por *jac-fui*.

A explicação dos primeiros é talvez o ponto mais obscuro da theoria da conjugação latina.

Todavia podem ser explicadas da seguinte maneira :

1.º Os themes ou tem a raiz reduplicada ou não, e neste caso tem quasi sempre a vogal alongada.

Em Grego e Sanskrito, o perfeito é produzido pela reduplicação: *v/d -vid-ma* no indo-europeu significaria: eu *vi*. Em Latim *cecidi*, *pupugi*, *momordi* etc.

Quando o tema é sem reduplicação devemos notar que, ou a vogal que era breve no presente torna-se longa no pret erito: *lávi* de *lavo*; ou ao *a* do presente corresponde *e*: *seci* de *facio*; ou então aparecem themes com vogal radical longa tendo ao lado formas do presente com vogal também longa: *sidi* ao lado de *sido*; ou themes com vogal longa que tem ao lado formas do presente com vogal da raiz seguida de nasal (*a* muda-se em *e*): *frēgi* ao lado de *frango*; ou themes com vogal radical breve ao lado de presente com vogal seguida de nasal: *fidi* ao lado de *findo*; ou finalmente themes em que reaparecem a vogal radical do presente e as consoantes que a seguem sem alteração: *defendi*, *accendi*. etc

Entretanto não ha ainda uma explicação completa e satisfactoria destas formas sem reduplicação.

Julga Schleicher que todas as formas latinas do pret erito provem da forma reduplicativa; numas houve simples queda da syllaba de reduplicação, noutras, contracção.

A's primeiras pertence *tuli* ao lado de *tetuli*. A's segundas *frēgi* ao lado de *frēfigi*.

2.º Depois da raiz, um elemento i primitivamente longo em todas as pessoas, ao qual se juntam logo depois

as desinencias pessaes na 1.<sup>a</sup> singular e plurale 3.<sup>a</sup> singular.

Em Latim as terminações são : *i, isti, it*, etc.

Uns explicam estas formas dizendo que este *i* é um elemento do quinto aoristo activo sanskrito, como diz Corssen.

Outros, que devem ter origem no *a* breve formativo do perfeito sanskrito e grego.

A questão do perfeito latino é irresolvel com os dados que até hoje se teem.

3.<sup>o</sup> Um *s* collocado depois do elemento *i* na 2.<sup>a</sup> pessoa singular e plural e na 3.<sup>a</sup> plural mudado em *r*.

Este *s* é resto da raiz *es* (*ser*) que entra em composição nas formas verbais das línguas indo-europeas

Para o Portuguez os unicos perfeitos simples que passaram do latim são :

a) da raiz *da* :—*dei*— de *dedi* ;—*deste*— de *desti* ;—*dêu*— de *dedit*, influenciados pelas formas do perfeito composto dos derivados em *e*, como —*deveu*— etc.

b) perfeito da raiz *ven* :—*vim*— de *veni*, etc.

Houve cuidado em evitar a confusão da raiz *ven* com o perfeito da raiz *vid*, pois de *venisti* melhor viria —*viste*— que —*vieste*.—

c) da raiz *su* —*fui*— de *sui* ; —*foste*— de *fuiste* etc.

d) da raiz *vid* :—*vi*— de *vidi* —*viu*— por analogia dos derivados em *i*, como *vestiu* etc.

e) da raiz *fac* :—*fiz*— de *seci* etc.

Nas formas portuguezas é bom notar : 1.<sup>o</sup> que o e latino na 1.<sup>a</sup> pessoa singular é representado por *i* para distingui-lo da 3.<sup>a</sup> pessoa que conserva o *e* ; 2.<sup>o</sup> que nas syllabas não accentuadas o *e* muda-se em *i* por analogia da 1.<sup>a</sup> pessoa ; 3.<sup>o</sup> a mudança da accentuação na 1.<sup>a</sup> pessoa plural por analogia das formas dessa pessoa no perfeito portuguez em que ella é accentuada na penultima :—*comemos*, *partimos*.—

Sobre os themes simples do imperfeito, verifica-se que o seu numero é muito limitado.

Em Latim só se encontram dous : o do imperfeito

da raiz *es* : *era* por *esa* e do imperfeito da raiz *su* : *ba*,  
por *sua*, que só é empregado em composição : *mone-*  
*bam*.

Schleicher diz ser este imperfeito formado, como o  
lituanico juntando-se á raiz as formas do presente dos  
verbos derivados em *a* longo, primitivo *aja*.

Corsen com melhor vantagem prova que *eram*  
vem do sanskristo *asam*.

Do mesmo modo formou-se um imperfeito da raiz  
*bhu*, *su* que pela phonetica latina mudou-se em compo-  
sição em *bam*, *bas*, *bat*, *bamus* etc.

Em Portuguez o imperfeito da raiz *es* é :— *era*, *eras*,  
*era*, *éramos*, *éreis* (ant. *erades*) *eram*.

Houve mudança do accento no *a* formativo para a  
raiz no plural.

Como vimos a raiz *su* entra em nossa lingua somen-  
te em composição.

As formas simples do *perfeito* parecem provir de  
uma epocha longinqua, o que torna difficultima a sua ana-  
lyse e boa explicação.

D'ahi procurar o Latim um processo novo para for-  
mação de novos perfeitos.

E como succede no periodo da decadencia das lin-  
guas, o meio posto em practica foi o da composição, de  
que trataremos na Lecção que se segue.





## LECÇÃO VIGESIMA PRIMEIRA

ETYMOLOGIA VERBAL : THEMAS COMPOSTOS. VOZ PASSIVA.

### I

No dominio da etymologia verbal falta-nos analysar a formação dos themes compostos em sua origem.

Comecemos pelo *preterito perfeito* tambem chamado *aoristo*.

Em Latim são dous os themes : em *si* e em *ui* ou *vi*.

A primeira forma *si* é originada da seguinte maneira : da raiz *es*, pelo processo de formação de themes simples do perfeito, veio naturalmente *es-es-i* d'onde *s-es-i*; depois prevalecendo sempre a syllaba reduplicativa formou-se *si* que juntou-se as raizes verbaes, apparecendo em regra depois de guttural, dental ou labial : *duc-si* raiz *duc*, presente *duco*; *lu-si* de *lud*, presente *tudo*; *serp-si*, de *serp*, presente *serpo*.

Depois de *l*, *si* só apparece em *vul-si*, presente *vello*; depois de *n* em *man-si*, presente *manceo*.

Quando as formas radicaes terminam em *m* intermeidia-se um *p* antes de *si* para evitar a ligação *ms*: *sum-p-si* presente *sumo* etc.

A conjugação portugueza so tem um perfeito em *si* que é o da raiz *dic*:

disse

lat.

*dic-si*

disséste

"

*dic-sisti*

disse

"

*dic-si-t*

O segundo thema composto do perfeito é *ui* ou *vi*. Quando precede consoante usa-se *ui*, quando vogal *vi*: *crep-ui*, *ama-vi*.

Para demonstrar que esse thema é o perfeito da raiz *fu*, descoberta de Bopp, perderíamos grande espaço de tempo sem resultado para os estudantes.

Além d'isto é o proprio Adolpho Coêlho que, baseado nas diversidades de opiniões de Corssen, Schleicher, Schweiser-Sidler e Bopp, diz que si algumas d'estas questões acham-se resolvidas, outras carecem ainda de ser aprofundadas e vistas por todos os lados.

Das inumeras provas que elle accumula para demonstrar que *ui* ou *vi* é o thema do perfeito da raiz *fu*, a mais clara e logica é a que appresenta com o verbo *pos-sum*.

Este verbo é, todos affirman, composto do verbo *sum* e *pot*, d'ahi *potes*, *potest*, *potero* etc; entretanto no perfeito é *pot-ui* em vez de *pot-fui*.

Em Portuguez não ha esta grande variedade de formas que tanto difficultam o Latim.

A nossa lingua modifica phoneticamente as formas latinas, limitando a um só molde os verbos primitivos ou derivados.

Observemos estas modificações:

1.<sup>a</sup> Verbos em *a* (1.<sup>a</sup> conjugação)

amei	lat.	amavi
amaste	"	amaviste
amou	"	amavit
amámos	"	amavimus
amastes	"	amavistis
amaram	"	amaverunt

A syncope do *v* é facto que observa-se no proprio Latim vulgar, como diz Corssen.

A mudança do *ai* em *ei* (—primoiro—metathese—de—primario—deu—primeiro) é natural em Portuguez assim como na 2.<sup>a</sup> pessoa do singular e no plural o desapparecimento do *vi*, *re*.

Em Portuguez a forma *vi* na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular mudou-se em *u* (—Nauta — ao lado de — navita —; naufragus — por — navifragus —) da seguinte maneira:

Houve syncope do *i* e ficando o *v* entre duas consoantes mudou-se em *u*.

O *a* latino em *amavit* transformou-se em *o* — amou, — o que tambem vemos em *aurus*, — ouro; — *thezaurus*, — thezouro; — e finalmente deu-se a queda da desinencia pessoal.

Assim temos no singular:

amavi	amai	amei	
amavitis	amasti	amaste	
amavit	ainaut	amout	amou
2. <sup>a</sup> Verbos em <i>e</i> (2. <sup>a</sup> conjugação)			
devi	lat.	debevi	debui
deveste	"	debevisti	debuistis
deveu	"	debevit	debuit
devemos	"	debevimus	debнимus
devestes	"	debevistis	debuistis
deveram	"	debeverunt	debuerunt

Analysemos: Na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoa do singular syncopou-se o *v* do *vi* contrahindo o *ei* em *i* na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular e em *e* nas outras pessoas. Na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular dá-se o mesmo phenomeno dos verbos da 1.<sup>a</sup> conjugação: a forma *vi* é representada por *u*.

Na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural, houve syncope do *v* e os dous *ee* contrahiram-se num. Assim:

debevi	debei	debi		devi
debevimus	debeimus	debemus	deveimus	devemos
debevti	debeut	debeu		deveu
debeverunt	debeerunt	deberunt	deverunt	deveram

3.<sup>a</sup> Verbos em *i* (3.<sup>a</sup> conjugação)

vesti	lat.	vestivi
vestiste	"	vestivisti
vestiu	"	vestivit
vestimos	"	vestivemus
vestistes	"	vestivistis
vestiram	"	vestiverunt

O *v* da forma *ci* cão, é este um phenomeno muito natural no proprio Latin nos verbos em *i*, diz Neué.

Pela queda do *c* os dous *ii* contrahiram-se; a trans-  
formação do *c* em *u* já foi explicada:

vestivi

vestii

vesti

vestivit

vestiut

vestiu etc.

Os perfeitos latinos em *ui*, que o Portuguez conser-  
vou somente modificados phoneticamente, são:

a) perf. de *habere*:

—houve — por —haube — lat. habui

—houveste — por —haubeste — lat. habuisti

b) de *capere*:

—coube — por —caubè — lat. capui

c) de *sapere*:

—soube — por —saube — lat. capui

d) de *posse*:

—pude — por —poude — lat. potui

—poude — ou — pôde — lat. potuit

—puđemos — por —pudemos — lat. potuimos

Somente com o fim de distinguir a 3.<sup>a</sup> da 1.<sup>a</sup> pessoa  
do singular o diphthongo *ou* mudou-se em *u*.

e) de *placere*:

—prouve — por —proue — lat. placui

Nos antigos escriptores encontram-se as formas *plou-  
ge* e *plogue* ao mesmo tempo que *prouve* em Fernão  
Lopes.

f) de *jacere*:

—jouve — (ant.) por —jogue — latim jacui

Actualmente a forma é —jazi—

g) de *ponere*:

—pus — (puz) por —pous — lat. posui

—poseste — por —pouseste — lat. posuisti

—pós — (poz) por —pous — lat. posuit

h) de *trahere*:

—trouxe — por —trauxe — lat. vulgar tracsui

—trouxeste — por —trauxisti — lat. v. tracsuisti

O *x* tem o som de *s* e por isso aparece mudado em  
g na forma antiga —trouge— e syncopado em —trouve,

trouveste — onde o *c* foi introduzido para evitar o hiato  
resultante da queda da consoante medial, como prova

—couve — de —caue— do latim *caule*.

A forma em *x* raramente encontra-se nos escriptos classicos.

Nas canções populares do Algarve e Beira eucontra-se a forma em *v*.

i) de *tenere*:

—tive — por —teue — lat. tenui

—tiveste — por —teuisti — lat. tenuisti

—teve — por —teue — lat. tenuit

Observam-se as seguintes modificações: A syncope do *n*, a consonantisação do *u* para evitar o hiato, a mudança do *e* em *i* para distinguir a 4.<sup>a</sup> da 3.<sup>a</sup> pessoa no singular e por analogia da 4.<sup>a</sup> a mesma mudança na 2.<sup>a</sup> do singular e em todo o plural.

O perfeito do verbo —ter — formou em Portuguez o perfeito da raiz *sta*: —es-tive, es-tiveste — e um antigo do verbo —ser: —seve, severom, — de que encontra-se exemplos em D. Diniz, J. Pedro Ribeiro, Azurara, nas Chronicas de Guiné etc.

Analysemos o futuro do indicativo.

Desapparecendo o futuro latino em *bo* o latim classico aproveitou o emprego do verbo *habere* soldado aos infinitos verbaes e formou as linguagens *dicere-habeo*, *portare-habes*.

Esta construcção conhecida do Grego é mais familiar á lingua popular.

As linguas néo-latinas formam por este processo o seu futuro, com excepção unica do valachio que o construe por meio do verbo *velle*.

O Romanico obtém o futuro por meio de *venire*.

Em Sardo o auxiliar é collocado antes do infinito.

O Inglez forma-o com *shall* e *wilt*; o Allemão com *werden*; o Grego com *theto* etc.

No Portuguez temos: —amarrei=amar hei. — Empregando-se a figura tmese disjunta-se aquella forma e collocam-se os pronomes complementos: —amar-te-ei=amar-te-hei. —

No Francez: *Aimerai=aimer+ai* por *j'ai à aimer*.

No Provençal: *Dir-vos-ai. donar-lo-us-a<sup>i</sup>*, que sempre aparecem disjuntadas por artigos ou pronomes.

No Hespanhol: *Hacer-lo-he* forma mais primitiva

que *lo hare* correspondendo ao Latim: *facere id habeo*  
port. —fa-lo-ei.

No Italiano: *Cantero=can-tar-ho* etc.

Julga Max-Muller, que quem primeiro explicou a origem do futuro romano foi Castelvetro na sua *Correttione* (1577); entretanto já em 1492 o hespanhol Antonio de Nebrissa tinha reconhecida esta composição.

Observamos que na aglutinação do futuro, os verbos —dizer, fazer, trazer— e outros perdem o *z*: —direi, farei, trarei.

Exceptua-se d'este caso o verbo —jazer— que faz —jazerei— e não —jarei.

O que dissemos sobre o futuro observa-se no *condicional* com a diferença que este é composto com o imperfeito do verbo —haver— na forma contrahida:

—amar-havia=amar-hia=amaria.

O *futuro do subjunctivo* do Portuguez não existe no Latim, e corresponde ao futuro perfeito.

Assim o futuro —amar, amares— etc. provem de *amarero, amaveris*, pela symcope do *v* e desaparecimento da vogal atona substituída pela accentuada Na 4.<sup>a</sup> pessoa do singular e o final cão precedido do *r* provavelmente depois de se ter mudado em *e*.

Sobre o *imperfeito do indicativo* ja tratámos quando nos referimos nos themes simples (Lecção 20).

Temos que falar agora dos themes compostos d'este tempo.

Forma-se elle accrescentando ao theme do presente o theme *ba* imperfeito da raiz *su*; assim do theme *da* forma-se *daba*, de *sta, staba*.

O mesmo com os verbos derivados: *ama-ba, de-re-ba*.

Na passagem para o Portuguez deram-se algumas modificações phonicas.

No imperfeito em *aba*, o *b* mudou-se em *v*:

— Amava — latim — amaba.

No imperfeito em *eba*, desaparece o *b* e o *e* muda-se em *i*:

— Devia — latim — devieba.

No imperfeito em *ieba* o *b* é syncopado e o *ie* contráe-se em *i*:

— Vestia — latim — vestieba. —

Sobre os imperfeitos — punha, tinha e vinha — Diez supõe que se retrahiu o accento para firmar mais o *n* radical que d'outro modo teria cahido como no infinito; empregou-se a forma — pónia, = para não fazer desaparecer o *n* em — ponia — e mudou-se o *o* em *u* e o *e* em *i* para distinguir do presente do conjunctivo.

No Romance de D. Aleixo, versão da Foz, recolhido por Th. Braga encontramos — convenia — por — convinha.

A terminação *sem* que forma o *imperfeito do subjuntivo* é originada de *esem* que devia ter sido o optativo da raiz *es*, *esam*.

Em Portuguez estas formas originam-se do mais que perfeito do optativo latino:

— amasse — latim — amavissem ; — fosse — latim — fuisse —

Houve no primeiro caso simples syncope de *vi*, e as outras alterações são communs.

O *mais que perfeito* conserva-se em Portuguez syncopando-se o *re*; por exemplo em — cantaram — latim — cantaverunt. —

Soffre tambem deslocação do accento na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoas do plural:

— cantáramos — lat. — cantaverámus. —

— cantáreis — lat. — cantaverátis. —

Foi, como se vê, conservado em Portuguez com pequenas alterações phoneticas.

Falta-nos tracar as notas sobre as formas nominaes do verbo.

*Infinito Presente.* O verbo latino forma-se pela junção do elemento *re* ao thema do presente: *ama-re*, *mone-re*, *vesti-re*.

E' de notar que o *r* não é um som primitivo nesse elemento, mas sim provém de um *s*, como provam as formas *pos-se*, *es-se*.

Em alguns casos houve assimilação: *fer-re* por *fer-se*, *vel-le* por *vel-se*.

Em Portuguez desappareceu o *e* final e fundiram-se noma as formas de *ere* breve e *ere* longo, confundindo-se as formas dos verbos primitivos com as dos derivados em *e* e *i*.

Foi só o Portuguez, a unica lingua romanica que deu flexão pessoal ao Infinito. (Lecção 44<sup>a</sup>)

*Participio presente.* Este participio é formado por meio do suffixo *ant* que perde a vogal *si* por ella termina o thema, e que ás vezes transforma-se em *ent* e *unt*.

Em Portuguez o participio presente é usado como simples adjectivo ou substantivo.

Encontram se muitas formas participaes em *ant*.

Em Latim occorrem alguns substantivos que eram primitivamente participios presentes: *infant*, que não fala, de *fant* participio de *fari*.

Em Portuguez ao lado de — oriente — (*de ortor, nascer,*) — occidente — (*de occido, morrer,*) temos — nascente, poente —; de *legent* participio de *lēgo* formamos — lente ; — sargento — do antigo — sergente — do latim *serviente* modificado pelo Franceez, e tambem — tirante, caminhante, serpente etc.

*Gerund'ō.* Segundo Corssen o suffixo *ondo, undo, endo, ndo*, do gerundio, do participio do futuro passivo o composto do suffixo *on* e *dō*.

A forma — *undo=ondo-* é archaica; a forma — *endo-* substituiu-a na linguagem classica; a forma — *ndo-* junta-se aos themes dos derivados em *a* e *e*: - ama-ndo, mone-ndo. —

Em Portuguez não ha participio de futuro passivo, embora appareçam palavras constituidas pelo mesmo processo: — gemebundo, segundo.

Das formas do gerundio só permaneceu o ablativo: — amando, vivendo, vestindo.

*Particpio passado.* É formado em Latim por meio do suffixo *to* junto a forma radical: *da-to*; ou por meio de uma vogal ligativa: *gen-i-to*; ou pela junção aos themas verbaes derivados: *ama-to*.

Em Portuguez conservou-se a forma dos participios derivados em *a* e *i* (ato, ito) abrandando-se o *t* em *d*: —

amado — lat. *amato*; — vestido — lat. *vestito*, na 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugação.

Na 2.<sup>a</sup> conjugação o Portuguez á semelhança das outras línguas românicas adoptou o suffixo *uto*: — tributo, a guto. — O suffixo *uto* ainda usado no seculo 16.<sup>o</sup> foi substituído pelo participio *ido*: — vencido, comido etc.

Do typo *uto* encontramos — estabelecida, perduda, metudo, entendudo, respondudo, tenudo etc.

Modernamente d'estas formas possuimos: — teúdo e manteúdo — (usados n'uma formula conhecida das Ordemnações) — sanhudo — e o substantivo — conteúdo. —

No seculo 16.<sup>o</sup> apareceram muitas formas contrabidas: — despezo, coito, escorreito, represso, tolheito, volto, comesto, colheito etc. etc.

O supino latino desappareceu no Portuguez.

O participio do futuro não existe em nossa língua com força participial.

Possuimos algumas palavras como: — immordouro, vindouro, casadouro, etc. formadas com o suffixo *douro*.

Com o suffixo *turo* existem ---futuro, ventura, sepultura, usura, — já considerados como substantivos em Latim.

## II

Já sabemos que ha em Portuguez duas vozes: activa e a passiva.

Precisamos tratar agora da passiva que tem tambem o nome de media passiva ou passiva reflexa.

O Latim ao contrario do sanskrito e grego perdeu a primitiva voz media e procurou outro modo de formação.

Então recorreu primitivamente ou ao processo de juntar ás formas do activo o pronome reflexivo *se*; ou ao processo de construir o participio medio *mino* com o verbo *esse* que algumas vezes ficava occulto.

Do primeiro caso temos *amo-se*, do segundo *am-*

*uius-ssum.* Fundindo-se depois estas duas formas, uniu-as o Latim prouincialmente prevalecendo todavia a primeira

O processo do Portuguez é diferente

Enquanto o Latim exprime-se por desinencias, o portuguez compõe uma forma com o verbo *ser* e o particípio passado: —sou amado — lat. amor. —

Note-se, porém, que esse processo já não existia em Latim no tempo de Cicero.

Tambem o Portuguez renova o modo apassivador latino de *se* reflexivo, processo que encontra-se tambem no slavo, mas que aquella lingua só usa nas terceiras pessoas.

A origem do pronome *se*, oppõe-se a ser elle considerado sujeito, visto como no Latim não tinha elle nominativo, que é o caso que serve de sujeito ao verbo finito.

Na phrase: — Dança-se — e em outras semelhantes, o sujeito é um substantivo incluido no verbo, que no exemplo dado vem a ser a — dança.

Em Latim dizia-se: — Pluvia pluit: a chuva chove. —

Ouçamos o que diz Adolpho Coelho:

“ A lingua tem perdido muito a consciencia do caracter d'estas construções; d'ahi vem o emprego do verbo no singular com o sujeito no plural: —sabe-se notícias, conta-se casos — e outros tām frequentes no falar usual e na linguagem descurada das folhas periodicas. Nellas phrases incorrectas *se* adquire quasi o valor de indefinido empregado como sujeito da proposição e corresponde apparentemente ao francez *on*.

E assim, continua elle, que as linguis se alteram e que as monstruosidades (o nome convém á causa) nascem nellas do esquecimento da função primitiva de seus elementos.”

Egger diz: Distingue-se ainda uma classe de nomes ordinariamente chamados reflexos e que só ora simples como *sui sibi*, *se*, e em francez *soi*, *se*; ora compostos e juxta-postos (no grego). Estas palavras nunca servem de sujeito, mas sempre de complemento a qualquer outra palavra; d'ahi vem que nas linguis onde

elles se declinam, não teem nominativo, mas só os outros casos (1).

Possuimos em Portuguez muitos verbos activos cuja origem é um verbo passivo latim :

falar	do lat.	fabulari
morrer	" "	morior
querer	" "	queri

Mesmo em Latim vemos verbos empregados na forma activa e na forma deponente : — adulor e adulo ; — competer e competio — imitor e imito. —

Em Portuguez os verbos intransitivos não são usados na voz passiva.

Expliquemos ligeiramente a formação da voz passiva em Latim por meio de suffixos que somente se accrescentam no presente, imperfeito e futuro no imperativo e no presente e imperfeito do subjunctivo.

Nos outros tempos emprega se o verbo *sum, es, fui, esse* e o participio passado em *tus* : *amatus sum, amatus fueram* etc.

Com o primeiro modo a passividade era assim feita :

1.<sup>a</sup> *pess. sing. do pres. indicativo.*

A' forma activa accrescentava-se um *r* que é originado de um pronome reflexivo *se*, que ficava entre vogaes, vindo afinal a cahir o *e* :

=ama=amo-se=amo re - amor.

2.<sup>a</sup> *pessoa singular.*

*Ligaris* ou *ligare*. Depois de juntar-se a forma activa *ligas* o pronome *se* foi preciso introduzir um *i* ligativo, mudando o *s* em *r* :

=ligas=ligas-se ligas-ise ligar-ise ligar-is.

3.<sup>a</sup> *pessoa do singular.*

*Monetur*. Depois de praticado o processo geral introduziu-se a vogal ligativa *u*.

1.<sup>a</sup> *pessoa do plural.*

Com a forma activa *amamus* constituiu-se a forma passiva como as pessoas do singular — *amamus-u-se* (*u* legativo), e depois — *amamur-u-r*; — e pelo princi-

(1) Grammaire comparée Pag. 67.

pio de dissimilação que manda destruir os elementos phoneticos eguaes numa palavra, ficou — amamur.

Explicam tambem assim: em — amamur-u r — cão o u e apparece — amamur-r — e como a lingua não consente dous rr na desinencia, ficou — amamur. —

*2.ª pessoa do plural*

Emprega o Latim nesta pessoa o segundo processo de que falámos a principio: — ama-mini — em vez de, pela regra geral, fazer — amateris. —

*3.ª pessoa do plural.*

Nada appresenta de novo.

A forma — monentur, — por exemplo, é resultado do u ligativo: — monent-u-se — em que o s transformado em r e o e cahindo dá — monentur. —

A mesma explicação pode se dar á respeito dos outros tempos do indicativo e do subjunctivo.





## LECÇÃO VIGESIMA SEGUNDA

### PALAVRAS INVARIAVEIS

#### I

Ha um certo acordo entre as Grammaticas Portuguezas em considerarem como palavras invariaveis: o *adverbio*, a *preposição*, a *conjuncção* e a *interjeição*.

A esta quatro classes de palavras chamam impropriamente *particulas*.

As categorias de adverbio, preposição e conjuncção se desenvolveram das categorias do nome e pronomé.

Em Portuguez, segundo Ad. Coelho (1) é clara ainda a origem nominal e pronominal de varios adverbios, preposições e conjuncções.

Assim os adverbios em *mente* são representantes de expressões nominaes do ablativo latino, como — bona-mente. —

A conjuncção adver-tativa *mas* sahio do adverbio *mais* no lat. *magis* que é um comparativo da raiz *mag* que temos em *mag-nus*.

A negativa *non* (não) é um accusativo da raiz pronominal *na* que temos em *na-m-que*, *na-n-quam*, etc.

Como representa o latim *quo modo*, ablativo de um pronomé e de um nome.

\* (1) *Glottologia*. Pag. 137.

O antigo adverbio *car* vem de *qua re*, segundo Piez (1).

As preposições eram simples adverbios que pouco a pouco se foram juntando a certos casos de nomes e pronomes.

Regnaud diz que geralmente pode-se afirmar que os adverbios são antigos casos de adjetivos empregados como substantivos ou pronomes empregados absolutamente (2).

Mas, deixando de lado este assumpto, digno de um estudo todo particular, definamos o que seja adverbio.

*Adverbio* é uma palavra que exprime uma circunstancia.

Na opinião de Court de Gebelin, de Bergman e de outros, o adverbio só modifica o verbo (*ad verbum*).

Mas attendendo-se ás phrases — muito sabio, muito sabiamente, comi muito — e semelhantes, é hoje opinião assentada que a sua missão é modificar também ao adjetivo e a outro adverbio.

As circunstancias que os adverbios exprimem são de :

Tempo : — agora, ainda, amanhã, antes, cedo, já, logo, nunca, etc.

Lugar : — cá, ali, lá, acolá, fóra, dentro, perto, longe trás, eis, etc. Leoni chama aos adverbios — aqui, ali, acolá — de *pronominaes* porque correspondem aos pronomes — este, esse, e aquelle. —

Ordem : — antes, primeiramente, depois, etc.

Quantidade : — muito, pouco, assás, tam, tanto, quanto, quasi, etc.

Affirmação : — sim, certamente, verdadeiramente, etc.

Negação : — não, nada, nunca, jamais, etc.

Dúvida : — talvez, acaso, quiçá, etc.

Exclusão : — só, somente, apenas, siquer, etc.

Modo : — bem, mal, assim como — e em geral os adverbios em *mente*.

(1) Gram. des langues romaines. Tomo 2º, pag. 246.

(2) Origine et philosophie du langage. Pag. 302.

A grande classe dos acabados em *mente* é formada pela legação d'esta terminação à forma *femenina* do adjetivo: — sabiamente, humanamente, etc.

Entretanto dos adjectivos — portuguez e francez — formam-se os adverbios na terminação masculina actual: — portuguezmente, francezmente — por certo, porque estes adjectivos eram uniformes antigamente.

Em vez de — mamente — formou se o adverbio sobre o adjetivo *mal*: — malmente —.

Essa terminação *mentz* é o ablativo da palavra latina *mens*, *mentis* que significa = modo, maneira. —

Notamos, com Sayce, que este suffixo não é restrito às palavras latinas.

Acha-se tambem no fim das palavras saxonias.

Já fizemos observar (Lec. 41) que algumas palavras invariaveis mostram ás vezes soffrer variações.

Temos assim que os adjectivos como — lindo, baixo, caro, alto, empregados adverbiamente soffrem flexão de *grau* — carissimamente, caramente, lindamente, lindissimamente.

*Locução adverbial* é um grupo de palavras equivalentes a um adverbio: ás carreiras, ás vezes, etc.

Em regra os adverbios são de origem latina, e o typo em *er* d'esta lingua foi substituído em Portuguez pelo typo em *e*.

A par d'esta ha uma outra serie de formação vernacula: — ante-hontem, d'ora em vante, etc.

De derivação latina temos:

acaso	ad casum	apenas	a pena
acima	ad cimam	aqui	ecce hic-ec'hic
acolá	eccu'llac ou		ou eccu'
	hac illa		hic
adrede	ad recte	arriba	ad ripam
agora	hac hora	assás	ad satis
abi	eccu'istic	assim.	ad sic
ainda (inda)	ab inde	avante	ab ante
algures	aliquis oris	bem	bene
	(com in-	cá	eccu'hac
	fluencia	cedo	cito
	de algo)	cerca	circa

alhures	aliorsum	como	quo modo
amanhã	ad mane	dentro	de intro
antes	ante	depois	de post
onde	de unde	eis	ecce
então	intunc	fóra	foras
hoje	hodie	hontem	bodie, ante ad noctem ou ante
já	jam	jamais	diem
lá	illac	logo	jam magis
longe	longe	mais	loco
mal	male	menos	magis
muito	multo	não	minus
nunca	nunquam	onde	non
ora	hora	perto	unde.
pouco	pauco	quão	pertus
quando	quando	quanto	quam
quiçá			quanto
quasi	quasi	sempre	qui sapit
sim	sic	só	semper
talvez	tale vice	tão	solum
tanto	tanto	tarde	tam
tras (atrás)			tarde
			trans

Sobre *ahi* que origina-se de *hic* ou de *eccui iste* temos a observar que corresponde ao francez *y* e que aparece com esta função no Italiano, Provençal, Hespanhol e no antigo Portuguez:

Não ha hi quem me socorra.

Chronica do Condestable 1626.

Que geraçao tam dura ha hi de gente ?

Camões, Canto 2.<sup>º</sup>, Estr. 81.

Não se me da d'esta caça  
Que por hi me ficaria

Versão do Algarve. Th. Braga.

Pouco formava no seculo 16.<sup>º</sup> uma construcção adverbial: — Pouco de proveito. —

Mesmo hoje diz-se: — Uma pouca de agua. —

Em Latim existe o adverbio *plus* que actualmente não tem correspondencia em Portuguez e que significa o mesmo que *magis* = mais.

Encontra-se esta palavra em documentos do principio do seculo 14.<sup>º</sup>

Do meiado d'este seculo em diante não será facil, diz Theophilo Braga, que se encontre uma só vez.

E' tambem raro nos livros de 1300 a 1330.

No Cancioneiro do Collegio dos Nobres, segundo Varnhagem, encontra-se a phrase: — Nunca chus algo fazer. —

Em Portuguez só é empregado actualmente na phrase popular: — Nem chus nem buz — *Buz* significa *calla-te-já*, diz Francisco José Freire, e foi empregado por Sá de Miranda e Gil Vicente.

O adverbio *debalde* é arabe e *amen* hebraico.

— —  
O emprego dos adverbios *em mente* não é arbitrario.

Quando concorrem douz ou mais adverbios d'esta especie só o ultimo em geral toma esse suffixo: — santa, justa e correctamente. —

Esta regra é violada pelos classicos quando queriam dar mais emphase á phrase ou mais força á significação do adverbio.

O mesmo ja acontece com alguns escriptores modernos antes por imitação á construcção frânceza do que por necessidade de força significativa.

Convém notar, com Darmesteter, que o velho Frâncez empregava: *humble et dulcement* e não *humblement et dulcement*.

A negação em Portuguez pode ser simples ou reforçada.

Ex. da negação simples: — não quero, nunca vi. —

Ex. da negação reforçada : — não quero nada, não  
se boia.

Neste genero a Lingua é rica de palavras que são  
empregadas como reforça negativa : — boia, nada, pitada  
patavina, nem nada, nunca, jamais, migalha, ceitil, pon  
lo, vintém, passo, gotta, dez réis etc.

Muitas vezes a negativa *não* é empregada sem força  
negativa. Em Castilho : — Si tantos deleites ha na terra,  
que não será no céu ?

Esta construcção que herdamos do Latim : *Timeo  
est ne veniat* etc é muita usada pelo povo.

A negação tambem pode ser expressa por *sem* junto  
a um verbo infinito :

Se achar resistencia nem defesa .

Camões, Canto 4.<sup>o</sup> — 93.

Por *algum* depois do substantivo :

D'esta gente refresco *algum* tomamos.

Camões, Canto 5.<sup>o</sup>, Estr. 69.

Palavra *alguma* arabia se conhece.

Idem, Canto 5.<sup>o</sup>, Estr. 76.

Por *nunca jamais* que se encontra em Fr. Luiz de  
Souza, Bernardes etc.

Achamos empregada pelo illustrado Ramalho Ortí-  
gão á semelhança da construcção italiana e franceza a for-  
mula negativa : *não... que* : E não sentirá que um de-  
sejo. As Farpas, 2.<sup>o</sup> volume, pagina 86.

Pela locução adverbial *no mais*, talvez por influen-  
cia castelhana, vemos nos Lusiadas :

No mais que só sessenta de cavallo.

Camões, Canto 3.<sup>o</sup>, Estr. 67.

No mais, Musa, no mais...

Idem, Canto 10.<sup>o</sup>, Estr. 145.

Os adverbios *bem* e *mal* teem os comparativos *melhor* (mais bem) e *peior* (mais mal) que não se devem confundir com os adjectivos *melhor* (mais bom) e *peior* (mais máo).

O Francez mais sabiamente tem *mieux* e *pis* para os adverbios e *meilleur* e *pire* para os adjectivos.

Notamos mais e finalmente que seguidas de um adjectivo a lingua Portugueza costuma usar aquellas formas *melhor* e *peior* analyticamente: — mais bem empregada e — mais mal entendida — o que em caso algum se pode dar com os dous semelhantes adjectivos.

---

*Preposição* é a palavra que exprime a relação de dependencia que existe entre duas palavras.

*Locução prepositiva* é um grupo de palavras com função de preposição.

As preposições classificam-se conforme as relações expressas:

Meio: — com, por.

Posse: — de.

Companhia: — com.

Tempo: — em, a, durante, por.

Conveniencia: — conforme, segundo.

Separacão: — sem, de.

Materia: — de.

Causa: — com, por.

Opposição: — contra, ante.

Fim: — por, em, para.

Logar: — a, por, em, de, apôs, para, sobre.

Modo: — de, em, por.

Direcção: — a, para.

*Para* indica o logar com a determinação da pessoa ali morar, ou demorar-se por muito tempo.

A, mostra o logar, com o amimo de pouca demora de voltar em breve.

A classificação acima está muito longe de ser verdadeira o geral; o sentido em que as preposições são empregadas é que determina a natureza das relações. Assim a preposição *A* exprime:

Direcção :—Ir a Olinda.

Tempo :—A 10 de Junho.

Modo :—Andar a cavallo.

Distancia :—A duas leguas.

Instrumento :—Bater-se á espada.

Materia :—Pintura a crayon.

A preposição *com* exprime:

Companhia :—Vou com meu filho.

Modo :—Com bôas maneiras.

Meio :—Com zombatias.

Instrumento :—Com ferro em braza.

*De* exprime :

Logar, ponto de partida : Vir de Olinda.

Posse :—Livro de João.

Materia :—Copo de ouro.

Tempo :—De madrugada.

Extensão, medida :—Perto de 20 leguas.

Idade :—Moço de 20 annos.

Separação :—Tirar os filhos da mãe.

Motivo :—Morrer de vergonha.

Meio :—Cobrir de areia.

*Em* exprime :

Logar onde, interior :—No Recife, no bolso.

Tempo :—Em 1894.

Assunto :—Cuidar em trabalhar.

As preposições são de origem latina, onde apresentam vestígios de grau:—*in*, *inter*, *intimus*; *ex*, *extra*, *extremus*; *cum*, *contra*; *pro*, *preter*; *sub*, *super*, *supremus* etc.

E' de notar que conforme as relações indicadas elas mudam de origem, como a preposição *a* que pode originar-se de *ad*, *ab*, *apud*.

Sobre as outras preposições temos:

ante	ante	após (pós)	ad post
atrás (trás)	ad trans	até (té)	hac tenus
com	cum	contra	contra
de	de	desde	de ex de
em	in	entre	inter
para	per a	per	per
por	per e pro	sem	sine
sob	sub	sobre	super

Conservamos em composição muitas preposições sem alteração de sons: — Extra-ordinario, supra-mencionando, interregno.

Em outros casos ha uma pequena alteração: — Pos-pór (post-pór); tranmontana (trans montana).

A preposição *por*, como vimos, tem duas origens: *pro* e *per* sendo que esta confusão já era commum na baixa latinidade: *Per omnes montes ac pro illes locis. Hespana sagrada XXVI, 443 (Diez).*

Pouco a pouco, porém, a forma *pro* supplantou a forma *per* e assim — pelo, pela, pelos, pelas, — venceram no seculo XVII a — polo, pola, polos, polas. (Lecção 16.<sup>a</sup>).

A forma *per* só se usa em composição e na phrase *de per si*.

*Per* indica: logar por onde, duração, meio

*Por* indica: troca, preço, parcialidade, opinião, causa.

As preposições derivam-se tambem de participio: — salvo, excepto, tocante, durante — que se tornam invariaveis.

Algumas, entretanto, conservam-se por uso, variaveis: — vistas as razões.

As preposições compostas da preposição *de* exigem a repetição d'esta antes do nome, ex: — Ante Deus — deante de Deus — Após a chuva — depois da chuva.

Ha muitas preposições que não teem valor na oração: — E' muito do meu agrado. — Deu ás de Villa Diogo.

Costuma-se repetir as preposições antes das palavras que exprimem idéas contrárias: — pelo rei, pela lei, pela patria.

*Conjuncção* é a particula que mostra a relação entre dois juízos, duas idéas ou duas orações.

*Locução conjunctiva* é uma conjuncção composta de mais de uma palavra: — ainda que, com tanto que etc.

As conjuncções dividem-se em coordenativas e subordinativas.

As *coordenativas* ligam orações independentes embora tenham a mesma função na phrase.

As *subordinativas* ligam orações dependentes, das quaes uma completa a outra.

As coordenativas são:

Copulativas: — e, também, nem etc.

Adversativas: — mas, porém, com tudo, todavia etc.

Conclusivas: — logo, por conseguinte, pois, portanto etc.

Disjunctivas: — nem, ou, já, quer etc.

As subordinadas são:

Condicionaes: — se, senão, contanto que, uma vez que etc.

Concessivas: — quer, embora etc.

Temporaes: — como, quando, antes que, apenas, enquanto etc.

Causaes: — porque, como, que, por isso etc.

Integrantes: — que, como, si etc.

Em regra as conjuncções são de origem latina:

como	cum ou quo	e	et
	modo		
embora	in bona hora	mas	magis
nem	nec	ora	hora
ou	aut	pois	post
porem	pro inde	quando	quando
que	quam, quod	todavia	tota vice
si			si etc.

A conjuncção *e* em series de vocabulos emprega-se somente antes do ultimo :

Mas o de Luso arnez, couraça e malha  
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

Lusiadas. Canto 3.<sup>o</sup>. Estr. 54.

A repetição da conjuncção antes de alguns dos vocabulos ou antes de todos é muito usada no verso, dá-lhe movimento e graça produzindo um bello effeito.

A conjuncção *e* tem ás vezes função de preposição, mostrando a natureza da relação entre douis termos, equivalendo á preposição *com* : — cinco e cinco.

Esta conjuncção muitas vezes conserva a forma arcaica *a* como em — dez-a seis.

Diz João Ribeiro que a forma *ende* (ainda, inde) permanece na lingua com a forma *em* nas segniutes expressões:

- em que pese a F
  - ende que pese a F
  - ainda que pese a F
- — —

Sobre as interjeições encontramos em nossas notas a seguinte observação, não sabemos de quem :

« As interjeições não podem caracterisar o genio de nenhuma lingua, porque pertencem geralmente á todas.

São gritos naturaes, indicativos de dòr ou de alegria que relativamente se observam nas aves e nos quadrupedes e por este motivo julga se que taes gritos não devem reputar-se partes da oração. »

E esta a opinião que predomina entre os grammaticos.

Bréal diz que as interjeições semelham certas raças selvagens que embora vivendo a par da civilisação conservam-se todavia affastadas, independentes, nunca assimiladas nem destruidas.

As verdadeiras interjeições (1) não fazem propriamente parte do discurso; são intercaladas interpostas, como o vocativo.

São gritos que exprimem os sentimentos de uma maneira primitiva e animal.

A interjeição primitiva é monosyllabica; é o grito da natureza.

Regnaud diz: Cremos que a interjeição é uma espécie de grito anterior à linguagem articulada e que lhe ficou paralela. Enquanto a linguagem propriamente dita se desenvolvia e se modificava a interjeição ficava inarticulada quanto ao som e indeterminada quanto ao sentido. (2)

As interjeições são gritos naturaes e expontaneos; entretanto existem algumas meramente convencionaes mas que de tam usadas e communs que são, já empregam-se insensivelmente, demonstrando um sentimento intimo.

A interjeição mais commum que serve para reforçar o vocativo é — ó, oh!

Indicando um appello: — olá!

Dor: — ai! ui! apre! guai!

Admiração: — ha! ah! oh!

Mando ou exhortação: — eia! sus!

Repugnancia ou aversão: — apage! irra! fóra!

Silencio: — chiton! psio! (3)

Como interjeições convencionaes notamos mais: — coragem! misericordia! Diabo! hom'essa! Ave Maria! safá! adens! que representam formas abreviadas.

Empregamos tambem muitas interjeições de linguas estrangeirás.

Latim: — apage! eia! sus!

Italiano: — bravo! presto!

Inglez: — hip! hurrah!

Francez: — olan! brouhaha!

(1) Grammaire de la langue Latine de Guardia e Wierzeyski. Pag. 171.

(1) Origine et Philosophie du Langage. Pag. 313.

(1) Diez. Grammaire des Langues Romaines. Tomo 2.

Pag. 455 e seguintes.

Hespanhol: — caspite ! caramba !

Arabe: — oxalá ! (en-xa-allah — Deus queira)

A interjeição — ak d'el-Rei — ou — aqui d'el-Rei  
é com a primeira orthographia de origem celtica e com a  
segunda de formação portugueza.

Dizem Pacheco e Lameira ser: *Aquiidelrei*. Doc. 1733.

Theophilo Braga deriva-a de: « Aqui justiça de  
el-rei. » (1)



(1) Grammatica Portugueza. Pag. 126.



## LECÇÃO VIGESIMA TERCEIRA (1)

SYNTAXE. TERMOS DA ORAÇÃO, RELAÇÕES ENTRE SI; CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES. ORDEM GRAMMATICAL, FIGURAS

### I

*Syntaxe* é a parte da grammatica que estuda as relações das palavras umas com as outras na oração, e as relações das orações no periodo.

Divide-se em syntaxe lexica e syntaxe logica.

*Oração*, proposição ou phrase é o enunciado de um juizô por meio de palavras.

Todas as vezes que formamos conceitos e os exprimimos por palavras formamos proposições.

Em regra, em cada uma proposição ha um facto de que se trata, o *predicado*, e o individuo a quem se refere o facto, o *sujeito*: — Os passaros voam.

Em alguns casos, o facto é exclusivamente exercido por um sujeito que fica occulto, e a proposição consta somente de um verbo predicativo: — Chove.

Ha verbos de predicação incompleta que para exprimirem o predicado teem junto á si um adjectivo ou equivalente; neste caso o predicado é expresso por um

(1) Esta lecção é inspirada no substancioso opusculo «Theoria das Proposições. 1893» do meu distinto mestre Dr. Diegues Junior.

verbo com um *attributo*: — O sol é luminoso. A lua ficou desmaiada.

Quando a significação geral de qualquer dos termos, se especialisa, a este se junta um modificativo que pode ser uma palavra ou uma oração: — Os animaes da Austrália teem formas extraordinarias.

Assim a proposição consta de dous termos essenciaes: o sujeito e o predicado, unicos ou acompanhados de modificativos

Alem dos elementos essenciaes e modificativos ha os *elementos connectivos* que unem as proposições, e *elementos absolutos* que por si só valem proposições.

São elementos connectivos: as preposições, as conjuncões, e as palavras conjunctivas.

São elementos absolutos: a interjeição e o vocativo.

— — —

*Sujeito* é o termo de que se affirma uma acção, qualidade ou estado; representa o objecto principal de que se falla e exercita o significado do verbo.

E' expresso:

1.º por um substantivo: — O gato mia.

2.º por um pronome: — Nós pensamos.

3.º por qualquer palavra substantivada: — O não desespera.

4.º por uma proposição: — E' inegavel que a terra gyra.

O sujeito pode ser modificado:

1.º por um adjectivo: — Desfez-se a nuvem escura.

2.º por apposto: — O Amazonas, *rio caudal*, nasce no Perú.

3.º por um substantivo com preposição: — Praças sem fim cobrem o solo.

4.º por uma proposição:

Surgem d'agua dous velhos que estilam  
Bastas gottas das barbas compridas.

C. Brazileira.

*O predicado exprime ação, qualidade ou estado que se refere ao sujeito.*

E' representado:

1.º pelo verbo predicativo simplesmente: — Os animaes vivem.

2.º por um verbo de predicação incompleta com attributo: — Deus é eterno.

O attributo é essencialmente um adjetivo e virtualmente qualquer palavra ou oração que representa qualidade ou maneira de ser.

Ex. do attributo adjetivo:

O Tejo era sereno.

Ex. do attributo substantivo:

O homem é *an mal*.

Ex. do attributo pronomé:

Si tu fóras *eu*

Ex. do attributo proposição:

Morrer é perder a vida

O predicado pôde ser modificado:

1.º por um substantivo ou pronomé directamente regido:

Os homens povoam a terra.

O sol nos aquece.

2.º por um substantivo ou pronomé regido de preposição:

Os corações desfalecem de susto.

Venha a nós o nosso reino.

3.º por um adverbio: — Entra assim no reino d'agua.

4.º por uma oração: — Nisto o mestre brâda: Amaina a vela.

*Modificativo*, é o termo que especialisa ou explica a significação de outro termo.

Tambem se chama complemento ou adjuncto.

O modificativo pôde ser concordado ou regido.

*Concordado* é o que se liga ao modificativo por identidade de forma.

Pôde ser:

1.º o adjetivo: — Trombetas sonorosas vão tocando.

2.<sup>º</sup> o apposto: — O Amazonas, *rio caudal*.

O *regido* liga-se directamente pelo sentido ou por intermedio da preposição.

No primeiro caso é directo; no segundo indirecto.

Pode ser representado:

1.<sup>º</sup> pelo substantivo: — Camões o raio de teu gê-  
nio o *horizonte* da historia hoje illumina.

2.<sup>º</sup> pelo pronome: -- Do genio o sello assinalou-te  
a fronte.

3.<sup>º</sup> pelo adverbio: O peito heroico generoso per-  
dão *já*s recusa.

4.<sup>º</sup> pelo verbo no infinito: — O vapor estava a *sahir*.

5.<sup>º</sup> por uma oração: — Nem a gazella timida receia  
*que alguém a paz lhe quebre*.

Ha um caso de modificativo regido de preposição, representado por um adjetivo oriundo de uma oração contracta: — *Por feliz* livrou-se do perigo.

Estes adjetivos ou modificativos chamam-se *attributivos* quando modificam o substantivo, e *adverbiaes* quando modificam o adjetivo e o verbo.

---

Qualquer dos termos se diz simples, composto, complexo.

O termo *simples* é formado de dous mais termos da mesma especie: — Os peixes nadam

O termo *composto* é formado de dous ou mais termos da mesma especie coordenados: — Cabeças, braços, pernas pelos ares vão saltando.

O termo *complexo* tem modificativos: — A lua que nos illumina é um satellite.

O termo com seus modificativos chama-se *lógico* ou total; cada um dos termos distintos chama-se *grammatical* ou *parcial*.

---

As relações que as palavras teem entre si, são:

1.<sup>a</sup> relação *predicativa*, a que existe entre o sujeito e o predicado:

os passaros  
o homem  
o Gama e o Catual  
Um velho  
o Brazil

voam  
é um animal  
falando entravam na sala  
lhe dava a verde folha  
parece morto

2.<sup>a</sup> relação *attributiva*, a que modifica o substantivo:

O Amazonas  
Livro  
Aquelle  
Algum  
Todos os  
O livro  
Analyse  
A Grammatica

livro  
rio caudal  
encadernado  
chapéu  
dia  
livros  
achado  
que copiei (copiada)  
de Ad. Coelho.

3.<sup>a</sup> relação *adverbial*, a que modifica o adjectivo e o verbo:

Elle fugio  
Gosto  
Comi  
Sahirei  
Natercia foi  
Casa feita  
Parto

vergonhosamente  
de estudar  
como um alarve  
comtigo  
loucamente amada  
a capricho  
quando chegares

4.<sup>a</sup> relação *objectiva* que é um caso especial da relação adverbial e que modifica tambem o verbo de acção transitiva: — Quero estudar *Portuguez*. Comi duas laranjas.

A relação objectiva não é indicada por preposições.

Somente ás vezes para evitar confusão no sentido da oração usa-se da preposição *a*: *A Lavinia furtou Enéas*; ou no caso especial de construcção vernacula: *Puchar da espada*. *Arranco do punhal*.

*Periodo* é a expressão do pensamento por meio de uma ou mais orações.

As orações ou proposições dividem-se em simples, compostas, contractas e complexas.

*Simples*, é a que contém somente um termo de cada especie. E' por sua natureza absoluta, e tem o verbo no indicativo ou imperativo:

Inda murmuram do Mondego as aguas  
Os mavioses ais de Ignez de Castro.

C. Brazileira.

As orações simples subdividem-se em :

*Declarativa* (affirmativa ou negativa) aquella que narra, conta ou assevera um facto:

Não se contenta a gente Portugueza.

Lusiadas. Canto 4.<sup>º</sup>. Estr. 90.

*Imperativa*, aquella que exprime um facto ordenado ou pedido:

Dae-me uma furia grande e sónorosa.

Idem. Canto 4.<sup>º</sup>. Estr. 5.<sup>º</sup>.

Amaina a grande vella.

Idem. Canto 6.<sup>º</sup> Estr. 71.

*Interrogativa*, aquella que pergunta, indaga ou interroga:

Eu por ti rudo vélo e tu adormeces ?

Idem. Canto 8.<sup>º</sup> Estr. 49.

*Exclamativa*, aquella que indica um sentimento de admiração, entusiasmo:

No mar tanta tormenta e tanto danno  
Tantas vezes a morte apercebida !

Idem, Canto 4.<sup>º</sup>, Estr. 106.

*Composta*, é a que contém mais de uma proposição com a mesma função.

Quando estas proposições não tem termos que as ligam entre si, isto é, não tem connectivos, chamam-se *asyndeticas* ou *collateraes*: — O de Luso rompe, corta, desfaz, abola, talha.

Quando, porém, estas proposições ligam-se por alguma conjunção, por algum connectivo chamam-se *syndeticas* ou *coordenadas*: — Vou a cidade porém volto.

*Contractas* são as orações que se formam de vários termos da mesma especie subordinadas ao mesmo sentido, isto é, podem ter o mesmo predicado e o mesmo objecto:

De Duarte foi breve o reinado  
E curtido de grande afflīção

### C. Brazileira

isto é:

De Duarte foi o reinado breve e de Duarte foi o reinado curtido de grande afflīção.

*Complexa* é a que comprehende duas ou mais proposições com dependencia reciproca.

A que rege as outras chama-se *principal* que tem o verbo no indicativo ou no imperativo. A outra ou outras chamam-se *subordinadas*.

Põe tu Nympha, em effeito o meu desejo  
Como merece a gente Lusitana  
Que veja e saiba o mundo que do Tejo,  
O licor de Aganippe corre e mana.

Lusiadas. Canto 3.<sup>º</sup>, Estr. 2.<sup>º</sup>.

As proposições subordinadas, conhecidas sob o nome de *cláusulas* dividem-se em substantivas, adjetivas e adverbiais.

*Substantiva*, é aquella que equivale a um substantivo.

Começa sempre por *que* ou pela preposição *de* ou por uma palavra interrogativa :

— Estou bem informado que a embaixada é singida.

— Tenho um idéia de que já me enganaste.

*Adjectiva* é aquella que equivale a um adjectivo ; modifica a um substantivo :

— Da terra dos Algarves que lhe fóra dada em casamento.

*Adverbial* a que equivale a um adverbio ; modifica um adjectivo ou um verbo.

Exprime circumstancias de tempo, causa, logar, ordem, modo, duvida, gráu, sim, etc.

Tempo :

Não eram os traquetes bem tomados

Quando dá a grande e subita procella.

Camões. Canto 6.<sup>o</sup> Estr. 71.

Causa :

Falar com o rei gentio determina  
Porque com seu despacho se tornasse.

Idem. Canto 8.<sup>o</sup> Estr. 58.

## II

A maneira por que se dispõem as orações no periodo e as palavras na oração chama-se *ordem grammatical*. E' *directa* aquella em que os termos e as orações se acham na ordem natural da successão ou, como diz Julio Ribeiro, quando se segue a ordem logica da concepção do pensamento.

A ordem natural e logica exige em primeiro logar o sujeito, depois o predicado, vindo os modificativos juntos ás palavras que modificam.

Quanto as orações : As coordenadas vão umas apôz

outras na ordem do pensamento; as subordinadas na ordem dos termos que representam.

A ordem inversa é aquella em que se acha alterada a ordem natural da precedencia.

Ordem inversa:

Eram estes antigos moradores  
Ricos em Calecut e conhecidos.

Lusiadas. Canto 9.<sup>o</sup> Estr. 49.

Ordem directa:

Estes eram antigos moradores, ricos e conhecidos em Calecut.

A lingua Portugueza é muito propensa á ordem directa pela influencia da linguagem scientifica.

A principio a lingua abusava das inversões approximando-se muito da construcção latina; hoje a bem da clareza, a ordem directa vae vencendo terreno.

Isto não quer dizer que o Portuguez moderno rejeita a ordem inversa; casos ha em que ella torna-se necessaria, como nas phrases emocionaes, imperativas, na poesia etc.

As proposições regulares devem ter tantas palavras quantos são os termos necessarios; não devem ter palavras demasiadas, devem ter os termos na ordem natural da successão e representados por palavras de significação propria.

O contrario pode dar se quando a necessidade o exige para clareza, harmonia ou elegancia.

D'ahi vem a divisão da syntaxe em *natural* e *figurada*.

Figuras são as alterações que as phrases soffrem. São modos de dizer apartados das formas communs.

São de concordancia e de construcção.

As de concordancia são: Zeugma, syllepsis.

*Zeugma* é a figura pela qual uma palavra modificando a muitas ou d'ellas dependendo concorda com uma só :

Em vós esperam ver-se renovada  
Sua memoria e obras valerosas.

Camões. Canto 4.<sup>º</sup> Estr. 17.

*Syllepse* é a figura pela qual uma palavra modificando a outras ou d'ellas dependendo concorda com o nome generico que a comprehende ; isto é, a concordancia se faz não com o termo claro, mas com um imaginado.

A syllepse pôde ser de *genero* :

Vossa Reverendissima é illustrado.

*Número* :

O povo, eu os vi, chorando e pedindo misericordia.

*Pessoa* :

João e Pedro são bons estudantes.

As figuras de construcção são : *Ellypse*, pleonasmo, hyperbaton e enallage.

*Ellypse* é a figura que supprime palavras que o sentido entende facilmente :

(Vós) Vistes que com grandíssima ousadia  
(Elles) Foram já commetter o céu supremo.

Camões. Canto 6.<sup>º</sup> Estr. 29.

A um (elle dá) Cochim, o outro (elle dá) Cananor.

Idem. Canto 7.<sup>º</sup> Estr. 35.

*Pleonasm* é a repetição das mesmas palavras ou de palavras diferentes com identico sentido.

1.º caso :

Para o céu crystallino alevantando  
Com lagrimas os *olhos* piedosos  
Os *olhos* etc.

Camões. Canto 3.º Estr. 425

2.º caso :

*Vi* com estes *olhos* que a terra ha de comer.

Popular.

*Hyperbato* é a transformação da ordem Grammatical da proposição :

Estas obras de Baccho são por certo  
Disse etc.

Camões. Canto 6.º Estr. 86.

*Enallage* é o emprego de palavras com significação de outras :

Tal está morta a pallida donzella  
Seccas do rosto as *rosas* e perdida  
A branca e viva cõr co'a doce vida.

Camões. Canto 3.º Estr. 135.

Regras práticas de Analyse : (1)

4.º Dada a proposição examinar si ella é *simples*, *composta*, *contracta* etc.

Classifica-la quanto ao sentido : *declarativa*, *imperativa* etc.

387. (1) João Ribeiro. Diccionario Grammatical. Pag s. 386

2.º Si a proposição é simples determinar o *sujeito* e o *predicado*.

Depois determinar os *adjunctos* de ambos aquelles elementos, o completivo dos verbos etc.

3.º Si a proposição é *composta* classifica-la segundo a sua maneira de coordenação: *syndetica* ou *asyn-detica*.

Dissolve-la em proposições e proceder como a regra segunda.

4.º Si a proposição é *complexa*, determinar a oração *principal* e separar e classificar as suas *clausulas* ou subordinadas: *substantivas*, *adjectivas* etc.

Depois proceder analyticamente sobre as proposições parciaes, indicando o sujeito, predicado, adjunctos etc., como na regra segunda.

